



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Fabírcia Cristiane Guckert

**Tradução colaborativa: análise de três oficinas com pesquisadores de Estudos
da Tradução da UFSC**

FLORIANÓPOLIS
2019

Fabrcia Cristiane Guckert

Tradução colaborativa: análise de três oficinas com pesquisadores de Estudos da Tradução da UFSC

Dissertação submetido(a) ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestra em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Rosario Lázaro Igoa

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Guckert, Fabrícia Cristiane

Tradução colaborativa: análise de três oficinas com pesquisadores de Estudos da Tradução da UFSC / Fabrícia Cristiane Guckert; orientadora, Rosario Lázaro Igoa, 2019.

205 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Estudos da tradução. 2. Tradução como um processo de tomada de decisão. 3. Tradução colaborativa. 4. Think-aloud Protocol. I. , Rosario Lázaro Igoa. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Fabrcia Cristiane Guckert

Traduão colaborativa: anlise de trs oficinas com pesquisadores de Estudos da Traduo da UFSC

O presente trabalho em nvel de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Andría Guerini, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Monique Pfau, Dra.
Universidade Federal da Bahia

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusoão que foi julgado adequado para obtenão do título de mestra em Estudos da Traduo.

Profa. Dra. Dirce Waltrick do Amarante
Coordenadora do Programa

Profa. Dra. Rosario Lázaro Igoa
Orientadora

Florianópolis, 08 de março de 2019.

Dedico a presente pesquisa a Deus, por me conceder sabedoria e discernimento para superar todas as adversidades.

Ao meu companheiro Joélcio de Oliveira, que me dá asas para voar...

Ao meu filho Miguel Arcanjo de Oliveira Neto, que me dá motivos para voltar... Peço desculpas pelas ausências e solidão, ingredientes tão necessários para realizar-se o trabalho acadêmico.

Ao professor Bernd Stefanink, por no meu potencial acreditar...

Ao professor Berthold Karl Zilly, que aceitou o desafio de me orientar...

Aos pesquisadores que, de forma voluntária, as oficinas vieram a realizar...

Às professoras Andréia Guerini, Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão e Martha Lucia Pulido Correa, por me inspirar...

À Coordenadora Dirce Waltrick do Amarante, por me ajudar...

À Fernanda Christmann, anjo divino, que está sempre pronta para amparar...

Aos motoristas da saúde que, gentilmente, muitas caronas vieram me dar...

À EEB Bertino Silva, por me apoiar...

À professora Rosario e a seu bebê, que decidiram me adotar...

RESUMO

Esta pesquisa trabalha com a tradução do ponto de vista pragmático, como processo de tomada de decisões. Possui um referencial teórico baseado na teoria da tradução de Jiří Levý (1967) e analisa a série de situações consecutivas que impuseram a um grupo pesquisadores, regularmente matriculados no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, em nível de mestrado e doutorado, da Universidade Federal de Santa Catarina, a necessidade de tomar uma decisão em vez de outra durante o processo de tradução de um texto não literário. Esta investigação é baseada na análise de 2 horas, 20 minutos e 18 segundos de transcrições que foram obtidos através da promoção de oficinas de tradução interlingual. O objetivo dessas oficinas era produzir, de forma colaborativa, uma tradução em versão única de um texto, cuja língua de origem era a língua inglesa na variação americana, na língua alvo, neste caso de estudo, a língua portuguesa na variação brasileira – língua materna dos pesquisadores. Utilizou-se como método de pesquisa o Think-aloud Protocol (KUSSMAUL e TIRKKONEN-CONDIT, 1995:178), a tradução colaborativa, a aplicação de questionário e a pesquisa na Plataforma Lattes. Verificou-se que alguns fatores interferiram no processo de compreensão, interpretação e reformulação da mensagem do texto de origem na língua alvo. Verificou-se também que outros fatores interferiram no processo de tomada de decisão dos participantes das oficinas de tradução colaborativa e que a maioria deles não tinha consciência disso. A partir desses resultados, pode-se concluir que, para melhorar a qualidade das traduções, é necessário conscientizar os pesquisadores que se interessam pelos estudos da tradução sobre os fatores que interferem de forma direta ou indireta no processo tradutório e estabelecer “modelos” a partir destas perspectivas.

Palavras-chave: Estudos da tradução. Tradução como um processo de tomada de decisão. Think-aloud Protocol. Tradução colaborativa.

ABSTRACT

This research works with translation from the pragmatic point of view, as a process of decision-making. It has a theoretical framework based on the translation theory of Jiří Levý (1967) and analyzes the series of consecutive situations that imposed to a group of students regularly enrolled in the Postgraduate Program in Translation Studies, at the master's and doctoral degrees of the Universidade Federal de Santa Catarina, the need to make one decision instead of another during the process of translating a non-literary text. This research is based on the analysis of the 2 hours, 20 minutes and 18 seconds transcription that were obtained through the promotion of interlingual translation workshops. The purpose of these workshops was to produce, in a collaborative way, a single version translation of a text whose original language was the English in the American variation, in the target language, in this study case, the Portuguese in the Brazilian variation – mother tongue of students. As a research method, we used the Think-aloud Protocol (KUSSMAUL and TIRKKONEN-CONDIT, 1995: 178), the collaborative translation, the application of questionnaire and the research in Plataforma Lattes. It was verified that some factors interfered in the process of understanding, interpreting and reformulating the message of the source text in the target language. It was also found that other factors interfered in the decision-making process of participants of the collaborative translation workshops and that most of them were not aware of it. From these results, it can be concluded that, in order to improve the quality of translations, it is necessary to make students who are interested in Translation Studies conscious about the factors that directly or indirectly interfere on the translation process and establish “models” from this perspective.

Keywords: Translation studies. Translation as decision-making process. Think-aloud Protocol. Collaborative translation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Expressão esquemática da situação depois do primeiro movimento do jogo.	44
Figura 2: Tendência divergente.....	51
Figura 3: Tendência convergente.....	52
Figura 4: A sleek new Lamborghini concept car.....	104
Figura 5: Convite para Oficina 1.....	127
Figura 6: Convite da Oficina 3.....	156

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cadeia de comunicação no processo de tradução.....	29
Quadro 2: Tipologia do processo de tomada de decisão.	58
Quadro 3: Oficina 1 - Informante 1	71
Quadro 4: Oficina 1 - Informante 2	71
Quadro 5: Oficina 1 - Informante 3	72
Quadro 6: Oficina 2 - Informante 1	72
Quadro 7: Oficina 2 - Informante 2	73
Quadro 8: Oficina 3 - Informante 1	73
Quadro 9: Oficina 3 - Informante 2	74
Quadro 10: Oficina 3 - Informante 3	74
Quadro 11: Questionário	75
Quadro 12: Comparação das versões da oração 1.....	92
Quadro 13: Comparações das versões da oração 5.	95
Quadro 14: Comparação das versões da oração 1.....	101
Quadro 15: Comparação das versões da oração 2.....	102
Quadro 16: Comparação das versões da oração 3.....	104
Quadro 17: Comparação das versões da oração 4.....	105
Quadro 18: Comparação das versões da oração 5.....	107
Quadro 19: Comparação das versões da oração 1.....	118
Quadro 20: Levantamento geral de dados.	120

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DAAD – Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico

Doc – Documentadora

Dr. – Doutor

Dra. – Doutora

FIES – Financiamento Estudantil

GB – Gigabyte

I1 – Informante 1

I2 – Informante 2

I3 – Informante 3

MB – Megabyte

MG – Minas Gerais

MP – *Media Player*

PGET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

TAP – *Think-aloud Protocol*

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNICESUMAR – Centro Universitário de Maringá

UNINTER – Centro Universitário Internacional

UNIPAC – Universidade Presidente Antônio Carlos

UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CAPÍTULO 1 - O PROCESSO DE TRADUÇÃO SEGUNDO O PONTO DE VISTA TELEOLÓGICO E PRAGMÁTICO DE JIŘÍ LEVÝ	18
2.1	TRADUÇÃO COMO UM PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	23
2.1.1	A compreensão do texto de origem.....	30
2.1.2	A interpretação do texto de origem	33
2.1.3	Reformulação do texto de origem.....	37
2.2	TRADUÇÃO COMO UM PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO	40
2.2.1	A situação	41
2.2.2	O paradigma.....	42
2.2.3	A escolha.....	42
2.3	CLASSIFICAÇÃO DAS TOMADAS DE DECISÃO EM TRADUÇÃO.....	55
2.3.1	Decisões rotinizadas	56
2.3.2	Decisões estereotipadas.....	56
2.3.3	Decisões refletidas.....	57
2.3.4	Decisões construídas.....	58
3	CAPÍTULO 2 - ESTUDO DE CASO	59
3.1	TEXTO DE ORIGEM	59
3.2	PÚBLICO ALVO DAS OFICINAS DE TRADUÇÃO COLABORATIVA	61
3.3	METODOLOGIA	62
3.3.1	Oficina 1	63
3.3.2	Oficina 2	64
3.3.3	Oficina 3	66
3.3.4	Perfil.....	69
3.3.5	Questionário	75
4	CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO	77

4.1	PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO	77
4.2	TRADUÇÃO COMO UM PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	80
4.2.1	Compreensão.....	80
4.2.1.1	Compreensão do contexto de criação do texto de origem.....	80
4.2.1.2	Dificuldades de imaginar a realidade apresentada pelo autor	84
4.2.1.3	Compreensão do texto de origem.....	85
4.2.1.4	Associações semânticas inválidas.....	86
4.2.2	Interpretação.....	87
4.2.2.1	Reprodução de imagens.....	87
4.2.2.2	Realia do texto de origem.....	88
4.2.2.3	Criação de realia no texto alvo	93
4.2.2.4	Identificações subjetivas de cenário	96
4.2.3	Reformulação.....	100
4.2.3.1	Assimetria entre a língua portuguesa e a língua inglesa	100
4.2.3.2	Tensão no estilo	101
4.3	PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO	109
4.4	CLASSIFICAÇÃO DAS TOMADAS DE DECISÃO	116
4.5	PERFIL DOS PESQUISADORES	118
4.6	QUESTIONÁRIO	119
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
	REFERÊNCIAS.....	125

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho orienta-se no sentido de investigar o processo de tradução a partir de duas visões que se complementam entre si, as quais são abordadas na teoria da tradução do historiador e pesquisador tchecoslovaco Jiří Levý (1967). A primeira seria a visão teleológica do processo relacionada ao desenvolvimento do trabalho do tradutor, ou seja, o processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem em uma língua alvo. A segunda seria a visão pragmática do processo, a tomada de decisão, ou seja, a série de situações consecutivas que impõem ao tradutor a necessidade de escolher dentre um número de alternativas possíveis.

Diante disso, partiu-se da seguinte hipótese: quando os tradutores refletem sobre o ato tradutório, fundamentando-se nesses dois pontos de vista que permeiam o processo de tradução de um texto, certamente, eles conseguem, com mais facilidade e clareza, compreender, interpretar e reformular a mensagem do texto de origem em uma determinada língua alvo, reconhecendo o que pode ser alterado no código linguístico e o que, segundo Levý (1967), deve se manter intacto na mensagem, de acordo com as necessidades de cada projeto de tradução.

O objetivo desta pesquisa consiste em fazer um estudo de caso para analisar a série de situações consecutivas que impuseram aos pesquisadores regularmente matriculados, em nível de mestrado e doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, a necessidade de tomar uma decisão em vez de outra durante o processo de tradução de um texto não literário, cuja língua de origem é a língua inglesa, para a língua portuguesa na variação do Brasil; os critérios que eles utilizaram como base nessa tomada de decisão; e o processo de compreensão, interpretação e reformulação da mensagem do original ao suposto leitor brasileiro.

Os objetivos específicos desta pesquisa foram: identificar os critérios que os pesquisadores usaram como base em cada tomada de decisão; os problemas que eles encontraram; os suportes internos e externos que influenciaram a tomada de

decisão; as decisões que foram influenciadas pelo grupo; e a análise de como eles interpretaram o contexto histórico de criação do texto de origem.

A relevância desta pesquisa para a comunidade acadêmica dá-se por intermédio da ratificação dos dois principais postulados da teoria da tradução de Levý (1967), sendo o primeiro a tradução como um processo de comunicação e, o segundo, a tradução como um processo de tomada de decisão. Para o intuito desta pesquisa, ambos os processos são interdependentes e necessitam de um equilíbrio, por isso, o tradutor não deve apenas focar em um dos dois processos, mas atuar como agente de equilíbrio entre eles, desde que tenha consciência dos procedimentos envolvidos no ato tradutório e passe por uma formação especializada para tal objetivo.

A metodologia da pesquisa baseou-se no levantamento bibliográfico, para fazer a fundamentação teórica, e na pesquisa de campo, para obter o levantamento de dados necessários a serem analisados de acordo com o referencial teórico. Para tanto, se fez a pesquisa bibliográfica com base na teoria tradutória de Levý (1967) e na divisão do processo de tomada de decisão de Hans-Rüdiger Pfister, Helmut Jungermann e Katrin Fischer (2005) apud Friederike Prassl (2010). Concomitantemente, realizou-se o levantamento de quatro corpus. O primeiro corpora foi a transcrição das gravações das oficinas de tradução colaborativa, sendo que estas oficinas foram orientadas pela metodologia Think-aloud Protocol (KUSSMAUL e TIRKKONEN-CONDIT, 1995), quer dizer, os pesquisadores que participaram, voluntariamente, das oficinas de tradução colaborativa foram orientados a verbalizar, em voz alta, seus pensamentos, intuições, contestações e sentimentos durante o processo de tradução do texto de origem. O segundo foi a versão final do texto de origem, traduzida de forma colaborativa e em versão única pelos pesquisadores que participaram, voluntariamente, das oficinas de tradução colaborativa, em língua portuguesa, na variação brasileira. O terceiro corpora foi o levantamento do perfil dos pesquisadores que participaram das oficinas, com foco nos seguintes aspectos: formação acadêmica, atuação profissional e proficiência na língua alvo. E o quarto e último nasceu assente nas respostas subjetivas provenientes de um questionário com quatro perguntas que foi aplicado aos pesquisadores, depois da execução das oficinas de tradução colaborativa.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos: o primeiro capítulo foca na busca pela fundamentação teórica deste trabalho; o segundo apresenta os métodos e os materiais utilizados para fazer o levantamento de corpus, tais como: o texto de origem, o perfil dos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa, a metodologia utilizada para o planejamento, a execução e a transcrição das gravações das oficinas de tradução colaborativa e o questionário; e o terceiro é dedicado à análise desse material, isto é, a análise do processo de compreensão, de interpretação e de reformulação do texto de origem em língua portuguesa bem como do processo de tomada de decisão, segundo Levý (1967). Além disso, no último capítulo, também se analisa o perfil dos pesquisadores envolvidos e as respostas dadas por eles nos questionários; e finaliza-se com a classificação do processo de tomada de decisão dos participantes desta pesquisa, de acordo com Jungemann et al. (2005) apud Prassl (2010).

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma análise do processo de tradução realizado pelo grupo de pesquisadores que participou das oficinas colaborativas, permitindo, conseqüentemente, visualizar em que medida alguns deles não tinham consciência dos processos envolvidos no ato tradutório e sua inter-relação, e em como este fato interferiu, principalmente, na compreensão, interpretação e reformulação da mensagem do texto de origem no imaginário do suposto leitor brasileiro.

Ademais, apresenta-se nos apêndices uma amostra do convite enviado por e-mail aos pesquisadores da PGET para participarem das oficinas, o e-mail de confirmação da realização da oficina 3, a transcrição das gravações das oficinas 2 e 3, o quadro elaborado a partir do levantamento de dados dos pesquisadores na Plataforma Lattes e o quadro elaborado com base nas respostas dadas pelos pesquisadores que participaram, voluntariamente, das oficinas de tradução colaborativa ao questionário que foi encaminhado depois da realização delas. Finaliza-se apresentando nos anexos o texto de origem e as três versões finais produzidas coletivamente em cada oficina.

2 CAPÍTULO 1 - O PROCESSO DE TRADUÇÃO SEGUNDO O PONTO DE VISTA TELEOLÓGICO E PRAGMÁTICO DE JIŘÍ LEVÝ

Esta pesquisa investiga o processo de tradução de três grupos diferentes de pesquisadores que estavam regularmente matriculados no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, em nível de mestrado e doutorado, da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Os *corpus* foram obtidos através da promoção de três oficinas de tradução interlingual, cujo objetivo era produzir, de forma colaborativa, uma tradução, em versão única, de um texto, cuja língua de origem é a língua inglesa, em uma pré-determinada língua alvo, neste caso, a língua portuguesa na variação brasileira – língua materna dos pesquisadores que participaram, de forma voluntária, dessas oficinas de tradução. A primeira oficina foi idealizada e ministrada pelo professor Bernd Stefanink, como atividade de prática tradutória em uma de suas aulas de Hermenêutica, em 2015; e as demais foram organizadas e ministradas por mim, em 2016 e 2017 – durante o processo de transcrição, assim como nas análises me identifico como “documentadora”. Maiores detalhes sobre os métodos e metodologias utilizados por esta pesquisa estão amplamente apresentados no capítulo 2.

De forma qualitativa, foi realizada uma análise de *corpora* para visualizar o ato tradutório e compreender o complexo processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem para a língua portuguesa, as tomadas de decisão realizadas pelos pesquisadores para produzir, coletivamente, a versão final do texto de origem e os fatores que interferiram no processo. Para isso, analisou-se os *corpora* principais, sendo que o primeiro advém da transcrição das gravações das verbalizações realizadas pelos pesquisadores durante o processo de tradução e da negociação da versão única do texto de origem, além das dificuldades encontradas por eles, individualmente e enquanto grupo; para isso, utilizou-se como metodologia o *Think-aloud Protocol*. O segundo *corpora* decorre do ato tradutório, ou seja, da tradução do texto de origem. Além disso, também se analisa outro *corpus*, que provém do levantamento de perfil destes pesquisadores na Plataforma Lattes e das respostas dadas por eles a um questionário que foi respondido depois da realização das oficinas.

Para o andamento desta pesquisa, é necessário entender, de forma geral, o processo de compreensão, interpretação e de reformulação de um texto em uma determinada língua alvo e, subsequentemente, o processo de tomada de decisão no ato tradutório. Questionamentos como: Por que os pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa tomaram uma decisão em vez de outra? Que critérios eles usaram como base em cada tomada de decisão? Que tipos de problemas encontraram? Como interpretaram o contexto de criação do texto de origem? Analisaram a função do texto em questão? Que suportes internos e externos os influenciaram? Que tomadas de decisão foram influenciadas pelo fato de estarem em grupo? são relevantes para este caso de estudo, pois ajudam a reconstruir a dinâmica grupal e suas consequências. Sendo assim, em termos de concepção teórica, este trabalho se fundamenta na teoria da tradução do historiador e pesquisador tchecoslovaco Jiří Levý (1967), que, contudo, só nos últimos anos tem recebido reconhecimento dentro da comunidade dos Estudos da Tradução, assim como na divisão do processo de tomada de decisão proposta por Hans-Rüdiger Pfister, Helmut Jungermann e Katrin Fischer (2005) apud Friederike Prassl (2010).

Levý foi um dos primeiros pesquisadores que tentou responder estas e outras questões, embora, à época, seu pensamento sobre tradução tenha sido relegado ao esquecimento por razões políticas, culturais e linguísticas. Miguel Ángel Vega Cernuda (2012:167) manifesta o caráter pioneiro que, no contexto da tradutologia dos anos sessenta, tiveram as contribuições deste teórico, cuja fama e consideração científicas ficaram muito abaixo de seus méritos e da altura de suas proposições, e destaca, em linhas gerais, o que de novo e de acertado havia nessas proposições para a teoria da tradução bem como o que significaram no interior da mesma.

Vega Cernuda (2012:168) expõe que Levý, em sua teoria da tradução, identificou duas variantes polares da estética da tradução, anos antes que Venuti falasse em “tradução ortodoxa e heterodoxa”. Segundo Vega Cernuda, os termos que Levý utiliza para designar essa dupla alternativa são “tradução ilusionista” e “tradução anti-ilusionista”. Ou seja, no primeiro método, o tradutor ilusionista se oculta com o objetivo de despertar no leitor do dia a dia a ilusão tradutória, a ilusão

de que lê o original. Por outro lado, o tradutor anti-ilusionista não só caracteriza seu texto como tradução, mas simula a realidade, interfere no andamento da narrativa, acrescenta seu ponto de vista, se dirige diretamente ao leitor, entre outros. O método que Levý seguiria para elaborar a sua teoria da tradução é o ilusionista. Ainda que sua intenção não seja a de que a experiência do leitor do original seja igual à do leitor da tradução, ele procura trabalhar com uma noção de identidade a partir de uma perspectiva funcional. Como explica Vega Cernuda, “pensemos nos diferentes ‘métodos’ de Schleiermacher, as duas opções entre as que o tradutor recriador tem que decidir, aproximar o autor ao leitor – teoria ilusionista e ortodoxa” (Ibidem, p.169).

Meta Elisabeth Zipser e Michelle de Abreu Aio (2011:108) afirmam que as primeiras considerações funcionalistas no âmbito dos Estudos da Tradução surgiram na Alemanha, nas décadas de 70 e 80, precisamente com a teórica e tradutora Katharina Reiss (1996). De acordo com Zipser e Aio (2011), Reiss afirma que as funções que predominam no texto de origem devem ser consideradas como essenciais na avaliação da adequação do texto traduzido; além disso, ela desenvolve o que denomina de “tipologia textual”, também tida como situações comunicativas, e estabelece alguns fatores intra e extratextuais a fim de nortear a tradução. Ainda que criticada por priorizar o texto de origem, é mérito de Reiss a primeira consideração da importância do texto traduzido como algo mais do que repositório de signos linguísticos equivalentes:

Como mencionado anteriormente, a categoria funcional é o princípio orientador para julgar versões que são projetadas para servir a um propósito especial e, portanto, destinam-se a cumprir uma função específica a que não é direcionada no original. Sob essas condições, a adequação de um método de tradução deve ser julgada à luz da finalidade especial, e não pelo tipo de texto. (REISS, 2014:92, tradução nossa)¹

Mas Zipser e Aio (2011) mostram que é Hans Vermeer (1986) quem fornece considerações adicionais à fundação da teoria funcionalista. Segundo eles, para Vermeer, a tradução é uma ação humana que ocorre em busca de uma comunicação efetiva, funcional, implicando, portanto, em um propósito, uma intenção

¹ “As noted before, the functional category is the guiding principle for judging renderings which are designed to serve a special purpose, and are accordingly intended to fulfill a specific function that is not addressed in the original. Under these conditions the appropriateness of a translation method should be judged in the light of the special purpose instead of by the text type.”

para o ato de comunicar. Vermeer faz uso da palavra grega “skopos” (objetivo, propósito) para definir sua teoria da ação proposital, em que o propósito da tradução é determinante dos fatores a serem considerados no ato tradutório. A tradução, portanto, deixa de ser um repositório estanque de transmissão do texto de origem e passa a ser considerada como um processo em que elementos como o tipo de texto e o objetivo da tarefa tradutória são fundamentais para que o resultado final seja um texto adequado, funcional.

Christiane Nord, tradutora e pesquisadora de tradução, aprimora o conceito de funcionalismo ampliando as propostas de Reiss e Vermeer e enfatizando a importância do receptor do texto no processo tradutório. Nord (1991) combina a tipologia textual de Reiss e o conceito de “skopos” de Vermeer para propor uma abordagem em que os elementos constitutivos do processo tradutório são constantemente revistos e a tradução adapta-se à função a que é atribuída, como explica Ziper e Aio (2011:109).

Pode-se considerar como amplamente sabido que, a partir de um ponto de vista funcionalista (cf. Reiss / Vermeer 1984, Nord 1991), as tomadas de decisão do tradutor no processo de tradução deveriam ser governadas pela função ou objetivo comunicativo ao qual o texto alvo (TT) se destina a atender tendo em vista uma determinada situação de cultura-alvo. (NORD, 1997:41, tradução nossa)²

Em um contexto acadêmico brasileiro, Filipe Mendes Neckel (2012:11) afirma que estudos contemporâneos colocam Levý em posição de destaque, não só do ponto de vista cronológico – por ter desenvolvido uma teoria da tradução robusta já naquela época – como também qualitativo, visto que sua teoria afina-se com ideias tradutológicas tradicionais, como, por exemplo, sua dicotomia das traduções ilusionista / anti-ilusionista, afins aos dois métodos tradutórios de Schleiermacher e ao vanguardismo, por ser considerado um pré-descritivista.

Levý apresenta a sua teoria da tradução usando exemplos léxicos de textos literários, principalmente retirados da tradução de poemas. Segundo Vega Cernuda

² “It can be regarded as widely known that, from a functionalist point of view (cf. Reiss/Vermeer 1984, Nord 1991), the translator’s decisions in the translation process should be governed by the function or communicative purpose the target text (TT) is intended to fulfil in a particular target-culture situation.”

(2012:167), isso já era audacioso para um momento em que se consideravam, quase que com exclusividade, os chamados textos funcionais como base de reflexão na hora de construir uma teoria da atividade de tradução. E ainda acrescenta:

Em seu contexto a obra de Levý se manifesta, apesar de suas limitações, como uma das mais originais e sensatas na época em que era escrita. Pois, o que era que em 1964, ano da publicação de *Uměnípřekladu*, se movia pela galáxia da teoria da tradução? (VEGA CERNUDA, 2012:161)

Apesar de Levý (1967) desenvolver a sua teoria da tradução usando exemplos léxicos de textos literários num momento histórico em que se priorizavam os textos funcionais, Mikhail Mikhailovich Bakhtin, por sua vez, também coloca os textos literários, científicos e jornalísticos na mesma escala de complexidade, categorizando-os como gêneros discursivos secundários.

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso - o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. (BAKHTIN, 1997:281)

Neste caso de estudo, como já mencionado, o texto de origem das oficinas de tradução colaborativa é um texto que pertence ao gênero jornalístico, o qual, segundo Bakhtin, encontra-se na mesma escala de complexidade dos textos literários utilizados por Levý (1967) ao embasar sua teoria da tradução.

Neckel (2012:23) aponta que, mesmo que a intenção de Levý tenha sido esta, a de dedicar-se exclusivamente à teorização da tradução literária, ele produziu o que poderia ser considerada uma teoria geral da tradução, a qual apresenta instruções metodológicas com o intuito de auxiliar tanto a prática quanto a análise de traduções. Desta forma, esta pesquisa se apoia nos estudos de Levý (1967) para investigar o processo de tradução de um texto não literário, pois os textos não literários também desempenham importantes papéis na sociedade atual; e, quando traduzidos, podem ser avaliados com insumos teóricos do âmbito literário. Neste caso de estudo, optou-se por um texto do gênero jornalístico, um artigo, ou seja, um texto que já circulou oficialmente em um renomado meio de comunicação.

Levý (2012:61) afirma que só faz sentido escrever sobre os problemas da tradução se for para enriquecer o conhecimento sobre os agentes que influenciam o trabalho e a qualidade do trabalho do tradutor e para enriquecer o conhecimento sobre o modo como os métodos escolhidos pelo tradutor conduzem ao efeito que a tradução tem no leitor. A partir do ponto de vista teleológico, isto é, a partir do ponto de vista da finalidade, a tradução é, segundo Levý (1967/2000:148), um processo de comunicação, cujo objetivo é compartilhar o conhecimento do original com o leitor estrangeiro. Ou seja, os tradutores decodificam a mensagem contida no texto original de um autor e a reformulam (codificam) na língua alvo. A mensagem contida no texto traduzido é então decodificada pelo leitor da tradução. Assim, uma corrente de comunicação é estabelecida entre o autor, o tradutor e o leitor.

Do ponto de vista pragmático, isto é, do ponto de vista da situação de trabalho do tradutor, a tradução é um processo de tomada de decisão: uma série de situações consecutivas que impõem ao tradutor a necessidade de escolher entre um número de alternativas que o forçam a dar passos ou a se mover similarmente como num jogo. Para entender melhor a teoria da tradução de Levý (1967), descreve-se, de forma detalhada, cada um desses pontos de vista para fazer-se, depois, a análise dos Corpora.

2.1 TRADUÇÃO COMO UM PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Neste trabalho, na esteira do que propõe Levý, a tradução é entendida como um processo de comunicação. Como já colocado anteriormente, Levý (2011:23) afirma que a análise do significado pode ser vista por duas perspectivas:

1 – Perspectiva comunicativa: nesta perspectiva, a linguagem é vista como um código, ou seja, um sistema de unidades e regras. Nesse sentido, a obra literária também é vista como uma mensagem codificada. Esta perspectiva permite determinar quais elementos devem se manter inalterados na tradução, na mensagem, e quais podem ser substituídos, no código linguístico.

2 – Perspectiva representativa: nesta perspectiva, Levý (2011:24) se apropria da teoria marxista da arte, a qual vê a arte como um reflexo da realidade e a analisa,

principalmente, através da dialética do objeto e do sujeito, ou seja, como uma obra de arte é o reflexo e a transformação subjetiva de uma realidade objetiva.

Neckel (2012:17) alega que a tradução demanda essa capacidade artística do tradutor, sobretudo porque a tradução é encarada por Levý como um gênero artístico. Assim sendo, pode-se dizer que o resultado desse processo criativo é um conteúdo estético convertido em material verbal, mas fica claro que ambos formam uma unidade lógica, na qual pode-se constatar, aliás, que a forma tem um significado semântico específico, enquanto o conteúdo é sempre representado e organizado em uma forma. Portanto, a subjetividade do autor não é apenas um agente individual, mas, ao contrário, trata-se de uma considerável extensão historicamente condicionada. Dessa forma, Levý (2011:24) mostra que a maneira como o autor de um romance histórico seleciona e transforma fatos históricos depende da sua visão contemporânea de mundo, de sua tendência política e de sua técnica. Além disso, incorpora traços do seu contexto histórico de maneira tal que o meio onde vive permeia a linha do texto de origem em contradição com a verdade histórica.

Levý (2011:24) salienta ainda que é necessário distinguir a realidade objetiva de uma realidade criada, ou seja, os fatos do dia a dia devem ser distinguidos dos fatos artísticos. Não é a realidade objetiva que é incorporada em uma obra de arte, mas a interpretação que o autor faz dessa realidade. E, é essa interpretação da realidade que o tradutor deve tentar capturar. Quando o tradutor não compreende este fato, ele, inconscientemente, realiza correções ou até mesmo “melhora” o original, cometendo erros. Como pode ser observado na análise das tomadas de decisão dos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa, no corpus, essa linha demarcatória pode mudar, mas é produtivo que se reconheça a sua existência.

Desse modo, Levý (2011:25) traça uma distinção entre “o texto de uma obra” e “a obra”. O primeiro corresponde à forma fonética da palavra, a menor unidade linguística semanticamente independente; tecnicamente é o canal pelo qual a informação é transmitida. Por outro lado, o segundo, no sentido limitado da palavra, é o que corresponde ao valor semântico do texto, quer dizer, a informação. Mas não se pode aplicar aqui as contradições entre forma e conteúdo, pois fica claro que “a obra no sentido limitado da palavra” não é apenas o conteúdo, mas também forma

conteúdo. Levý (2011:26) assegura que a expressão verbal e a ideia, o texto e seu conteúdo, não devem ser considerados idênticos, logo, é fundamental distinguir a forma linguística do valor estético e ideológico. Assim, fica evidente que, quando o tradutor não tem essa percepção, podem ocorrer perdas. Fundamentado nesse raciocínio, Levý apresenta a tarefa do tradutor:

A tarefa do tradutor é traduzir o conteúdo ideológico-estético, para o qual o texto é meramente o veículo. Pois o próprio texto é condicionado pela língua em que a obra é formulada, muitos valores precisam ser expressos por diferentes meios verbais na tradução. (LEVÝ, 2011:26, tradução nossa)³

Diante do exposto, infere-se que, para analisar a tradução como um processo comunicativo, é importante que o tradutor reconheça a teoria do sistema de comunicação de Roman Osipovich Jakobson (1960), durante o ato tradutório. Segundo o linguista, seis componentes estruturais são necessários para que uma comunicação de fato aconteça, a saber: o emissor, o receptor, a mensagem, o canal, o contexto e o código. Sem eles, seguindo essa teoria sobre comunicação e tradução, não se pode analisar quais são os processos comunicativos envolvidos no tradutório.

Analisemos os fatores fundamentais da comunicação: qualquer ato de fala envolve uma mensagem e quatro elementos que lhe são conexos: o emissor, o receptor, o tema (topic) da mensagem e o código utilizado. A relação entre esses elementos é variável. (JAKOBSON, 1960: 19).

Dessa forma, o tradutor precisa ter em mente que em todo ato comunicativo há um emissor, e é ele o responsável por elaborar a mensagem, neste caso, o autor do texto de origem. Conseqüentemente, se há alguém que elabora uma mensagem, é necessário ter alguém para recebê-la, assim, todo texto é destinado a um público específico, chamado de receptor. Na corrente comunicativa apresentada por Levý (2011:23), na primeira fase, este receptor da mensagem do texto de origem é o próprio tradutor. Desse modo, o tradutor recebe uma mensagem, um conteúdo. E

³ “The task of the translator is to translate the ideologic-aesthetic content, for which the text is merely the vehicle. Because the text itself is conditioned by the language in which the work is stylized, many values have to be expressed by different verbal means in translation.”

essa mensagem é transmitida por um canal que, no caso desta pesquisa, é a revista Newsweek, meio responsável por veicular a mensagem. Na descrição de Levý (2011:26), o próprio texto é o canal – “the text is merely the vehicle” – para transportar a mensagem. Por sua vez, a mensagem está relacionada a um contexto, também chamado de referente. O contexto ou referente pode ser entendido como o assunto a que a mensagem se refere, quer dizer, tudo aquilo que está relacionado a ela, neste caso, a queda do muro de Berlim. Por fim, essa mensagem precisa ser expressa por um código constituído por elementos e regras comuns tanto ao emissor quanto ao receptor, a saber, a língua do texto de origem. Na segunda etapa da corrente comunicativa de Levý (2011:23) os papéis mudam: o tradutor passa a ser o emissor, o leitor do dia a dia passa a ser o receptor e o código a língua alvo.

Na descrição de Levý (2011:27), o tradutor é acima de tudo um bom leitor, isto é, ele é o receptor da mensagem do texto de origem na primeira fase da cadeia comunicativa. Sendo assim, na posição de leitor, o tradutor precisa primeiramente compreender o texto e em seguida interpretá-lo, a partir do contexto de criação do texto de origem, para, somente depois, na posição de tradutor, reformulá-lo na língua alvo.

O tradutor é antes de tudo um leitor. O texto de uma obra é realizado como um fato social, e produz um efeito artístico apenas quando é lido. O leitor e o tradutor recebem a obra na forma de um texto, e no processo de sua percepção, o texto funciona como um material objetivo que é transformado pelo sujeito recipiente, o leitor. Esse processo resulta em uma concretização pelo leitor. É assim que um ato específico de leitura acontece. (LEVÝ, 2011:27, tradução nossa)⁴.

Seguindo as proposições de Levý (2011:27), conclui-se que os leitores compreendem um texto a partir da perspectiva de seu próprio tempo, e aqueles valores que são ideologicamente ou esteticamente invisíveis para eles adquirem uma intensidade maior. O processo de percepção termina com a concretização do texto, ou seja, a criação da imagem deste na mente do leitor. E a diferença entre o leitor do dia a dia e o tradutor é que o tradutor expressa essa concepção em outra

⁴ “The translator is first of all a reader. The text of a work is realized as a social fact, and produces an artistic effect, only when it is read. The reader and the translator receive the work in the form of a text, and in the process of its perception the text functions as objective material which is transformed by the recipient subject, the reader. This process results in a concretization by the reader. This is how a specific act of reading occurs.”

língua, o que resulta numa segunda materialização verbal dos valores semânticos da obra. Este processo de percepção, de criação de imagens na mente do leitor, pode ser observado nas transcrições das gravações das oficinas de tradução colaborativa que foram obtidas por meio do método Think-aloud Protocol, o – “Protocolo de Pensamento em voz alta”, ou, em outras palavras, verbalizar o pensamento.

De acordo com Kussmaul e Tirkkonen-Condit (1995:178), a análise dos protocolos nos Estudos da Tradução começou na Europa por volta dos anos 80, quando Ericsson e Simon (1984) se apropriaram do método que vinha sendo desenvolvido por Clapadère (1932) e Duncker (1935), na área da psicologia em conexão com a introspecção, e o aplicaram no processo de tradução. Nesse tipo de experimento, solicita-se que o público alvo verbalize tudo o que vem à mente enquanto realizam uma determinada tarefa; neste caso de estudo, enquanto traduzem o texto de origem. Essas verbalizações são gravadas e transcritas para posteriormente serem analisadas. Kussmaul e Tirkkonen-Condit (1995:178) afirmam que as vantagens do uso dessa metodologia nos Estudos da Tradução não pairam apenas no potencial descritivo e explanatório do processo de tradução, mas também na possibilidade de ter esse método explorado até mesmo como uma ferramenta pedagógica, uma vez que pode-se estabelecer “modelos” para uma boa tradução. Além disso, pode-se identificar os momentos em que os tradutores tiveram problemas durante o processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem na língua alvo, bem como no processo de tomada de decisão durante o ato tradutório.

Este momento de percepção pode ser visualizado, principalmente, durante a fase de compreensão e interpretação do texto de origem. Neste estudo de caso, uma das pesquisadoras conseguiu verbalizar, com detalhes, as imagens que se projetaram em sua mente durante o processo de compreensão e interpretação do contexto de criação do texto de origem, sendo que estas imagens foram produzidas com base nas transformações que estavam acontecendo naquele determinado contexto histórico. Esse momento será demonstrado e explorado no capítulo 3.

Levý (2011:28) sugere que se deve prestar atenção em um ponto que passa despercebido: a língua é mais do que um material base para a realização de uma

concepção criativa, feita primeiramente pelo autor do texto e depois pelo tradutor; ela é, de forma limitada, uma participante ativa em ambos os atos de criação. De acordo com o autor, o material verbal é, conseqüentemente, influenciado pelo conteúdo estético que o convencionou.

Diante do que foi apresentado, seguindo Levý, pode-se subentender que o processo de tradução não termina com a reformulação do texto de origem na língua alvo, quer dizer, a versão final da tradução; e não deveria ser o texto traduzido o último objetivo do tradutor, pois a tradução só se torna funcional na sociedade quando é lida, e, assim, pela terceira vez, o material subjetivo é subjetivamente transformado: através do texto traduzido os leitores formam a própria concepção do texto. Por isso, é necessário levar em consideração o leitor durante o processo de tradução, um dos elementos constitutivos do sistema de comunicação:

Primeiramente, o autor formou uma interpretação da realidade; em segundo lugar, o tradutor formou uma interpretação da obra original e, em terceiro lugar, o leitor formou uma interpretação da tradução. Assim como o ponto de partida do tradutor não deveria ser o texto de origem, mas os valores ideológicos e estéticos que ele contém, também o objetivo do tradutor não deveria ser um texto, mas um determinado conteúdo que o texto deve comunicar ao leitor. Isso significa que o tradutor deve levar em consideração o leitor para quem a tradução é escrita. (LEVÝ, 2011:30, tradução nossa)⁵

Para esse trabalho, considera-se que, primeiramente, o autor forma uma interpretação de sua própria realidade; em seguida, o tradutor forma uma interpretação da interpretação da realidade formada pelo autor; e, por último, o leitor também forma uma interpretação da realidade recriada pelo tradutor. E assim se estabelece um fluxo de compreensão, interpretação e reformulação. Afinal, quem traduz, traduz algo para alguém. Dessa forma se estabelece uma cadeia de comunicação que perpassa três atores principais: o autor (leitor da realidade), o tradutor (leitor do texto do autor) e o leitor (leitor da tradução). Ocorre que a diferença entre o tradutor, que não deixa de ser um leitor, e o leitor do dia a dia é que o último não precisa reformular, em palavras, o que compreendeu e interpretou

⁵ “Firstly the author formed an interpretation of reality; secondly the translator formed an interpretation of the original work and thirdly the reader formed an interpretation of the translation. Just as the translator’s point of departure should be not the text of the original but the ideological and aesthetic values it contains, so also the translator’s goal should be not a text but a certain content which the text is to communicate to the reader. This means that the translator has to take into account the reader for whom the translation is written.”

do texto traduzido. Eis a cadeia de comunicação estabelecida entre eles de acordo com Levý.

Quadro 1: Cadeia de comunicação no processo de tradução.

		Autor			Tradutor			Leitor	
Realidade	→	Seleção	Estilização	Texto em → Língua estrangeira	Leitura	Tradução	Texto na → Língua do tradutor	Leitura	Concretização

Levý (2011:23, tradução nossa).

Assim, o texto possibilita o entendimento de que o ponto decisivo do processo pelo qual a tradução é criada encontra-se na inter-relação entre as seguintes entidades: a) O conteúdo objetivo de um texto de origem e a dupla concretização desempenhada pelo; b) leitor do original; e pelo c) leitor da versão final da tradução.

Pode-se dizer que essa segmentação do processo de tradução enfatiza o papel de várias disciplinas envolvidas na tradução, tais como linguística, estilística e crítica literária. Dessa forma, as principais preocupações teóricas de Levý (2011:31) são as seguintes relações:

1. A língua do original e a língua alvo – ao se estabelecer este tipo de relação entre as línguas, as descobertas da linguística contrastiva são aplicadas;
2. O conteúdo e a forma do texto de origem (função estética e sua forma) e o conteúdo e a forma da tradução (pesquisa sobre a forma da língua alvo nos termos de formulação correspondente) – a partir desse tipo de relação, os métodos da análise literária, estilística comparativa e versificação são aplicados;
3. O valor do texto original e sua tradução – nessa relação os métodos da crítica literária são aplicados.

Levý, ao considerar a assimetria entre a língua do texto de origem e a do texto alvo, o conteúdo e a forma e a influência da crítica na recepção do texto traduzido, apresenta três dimensões do trabalho do tradutor:

- 1 – compreensão
- 2 – interpretação
- 3 – reformulação

Por conseguinte, conceitua-se cada uma das dimensões do trabalho de forma separada, mas não se pode afirmar que elas ocorrem conscientemente e de forma isolada.

2.1.1 A compreensão do texto de origem

No que concerne à compreensão do texto de origem, pode-se afirmar que o tradutor deve percorrer três fases distintas, embora elas possam ocorrer concomitantemente: a primeira é a compreensão filológica do texto, quer dizer, quando a leitura se dá em um nível mais superficial de entendimento; a segunda é a busca por seu valor estético, ou seja, por palavras e expressões que fogem ao entendimento comum e que estão ligadas a um nível mais profundo de leitura; a terceira e última fase é aquela na qual se abordam as relações mais amplas, como ligações entre personagens, características que formam a realidade do texto, sua verossimilhança, assim como as ideologias expressas pelo autor, explícitas ou implícitas. Essa compreensão da realidade do texto de origem é fundamental para que o tradutor não apenas consiga reproduzir essa realidade, mas também possa apresentá-la ao leitor sem antecipar fatos ou revelar características que estariam ocultas para ele.

Levý (2011:31), ao tratar da primeira dimensão do trabalho do tradutor, reafirma que o bom tradutor deve, acima de tudo, ser um bom leitor, e compara o trabalho do tradutor ao trabalho de um artista, alegando que do artista espera-se que ele compreenda a realidade que irá representar no palco, enquanto do tradutor espera-se que ele também compreenda a realidade do texto que irá traduzir. Essa reafirmação reforça a diferenciação entre o conceito de compreensão e de interpretação do texto de origem, apresentado anteriormente, pois a compreensão exige uma leitura atenta do texto, daquilo que está realmente escrito. Sendo assim,

conclui-se que o processo de compreensão é pré-requisito para o processo de interpretação e reformulação do texto de origem na língua alvo e, conseqüentemente, do processo de tomada de decisão.

Além disso, pode-se afirmar que a compreensão não exige nenhum talento especial, senão uma formação especializada acompanhada de experiência, pois constata-se que erros podem ocorrer, como um resultado da polissemia lexical e de falsas associações sobre o material verbal. Sabe-se que os tradutores podem confundir palavras que parecem ou soam familiar e que erros podem ser decorrentes de problemas relativos ao processo de compreensão.

Acredita-se que uma boa leitura do texto de origem pode mediar o leitor aos valores estéticos do próprio texto, como o tom emocional ou irônico, ou uma insinuação trágica, uma atitude agressiva, ou um puro fato. Fica visível que não se espera que o leitor do dia a dia tenha consciência disso, mas evidencia-se que o tradutor deve ser capaz de identificar racionalmente os meios utilizados pelo autor para alcançar estes efeitos. O tradutor deve analisar as personagens e as relações estabelecidas entre elas, o cenário onde a ação acontece e a intenção do autor do texto de origem. Diante do que já foi elencado, pode-se dizer que cada texto produzido cumpre uma função e carrega a intenção do autor. Portanto, compreende-se que o entendimento de um material verbal deriva de uma leitura simples e descomplicada. Posto isto, a tradução não exige apenas um entendimento mais profundo, mas, acima de tudo, um entendimento mais consciente.

Levý (2011:34) aborda a criatividade em seus postulados como um elemento vital, indispensável ao perfil do tradutor, afirmando que “O dom da imaginação é vital aos tradutores, como o é aos diretores de teatro; sem isso, uma apreciação integral de uma obra como um todo dificilmente pode ser alcançada”⁶. Porém, de acordo com Vega Cernuda (2012:169), Levý somente admitia a criatividade do tradutor no plano linguístico, não no textual. E a atividade criadora e de enriquecimento da própria língua não se limitaria à criação de neologismos, mas, sobretudo, na

⁶ “The gift of imagination is vital in translators, as it is in theatre directors; without it, an integral appreciation of a work as a whole can hardly be achieved”.

admissão e nacionalização ou domesticação de empréstimos e de expressões exóticas, com as quais deveria enriquecer seu próprio entorno.

Fica claro que se exige dos tradutores, além da criatividade e da compreensão do texto de origem, uma familiarização com o ambiente real da fonte desse texto, pois acredita-se que apenas o conhecimento direto dessa realidade criada poderá tornar possível a reconstrução dela, quer dizer, a reformulação da mensagem na língua alvo. Desse modo, Levý (2011:34) aponta dois fatores que podem interferir na compreensão do original:

- a) A inabilidade do tradutor em imaginar a realidade apresentada pelo autor do texto de origem;
- b) As associações semânticas inválidas instigadas pela língua do texto de origem, provocadas por similaridades linguísticas ou por polissemia.

Estes dois fatores, que podem interferir no trabalho do tradutor e na qualidade da versão final da tradução, foram localizados nas transcrições das gravações das oficinas de tradução colaborativa e analisados. Sendo assim, é possível deduzir que o tradutor criativo é aquele que é capaz de imaginar as realidades que ele mesmo está expressando, identificando as personagens, as situações e as ideias que se apresentam por trás disso. Por outro lado, deduz-se que o tradutor não criativo simplesmente percebe o texto de forma técnica e objetiva. Logo, ele apenas traduz as palavras por meio da compreensão da forma, do que está escrito.

Nesse sentido, Levý (2011:34) sugere que a aula de arte deveria ser incorporada, talvez, na grade curricular dos programas de ensino de tradução e de estudo de línguas, na tentativa de sobrepor o binômio “texto de origem” e “texto alvo”, pelo trinômio “texto de origem”, “realidade imaginada” e “texto alvo”. Infere-se que o tradutor mais consciente, sob o ponto de vista teleológico do processo de tradução, naturalmente iria preferir este último porque é mais conveniente, dado que a reconstrução da realidade demanda imaginação e uma considerável interpretação do texto. Sabe-se que um método específico de ensino designado para induzir, na mente do tradutor, esse tipo de compreensão da realidade artística ainda não foi desenvolvido, mas mostra-se extremamente necessário para melhorar a qualidade da versão final das traduções.

2.1.2 A interpretação do texto de origem

Sobre a segunda dimensão do trabalho do tradutor, pode-se afirmar que a interpretação do texto de origem provém da concepção que o tradutor tem do mesmo. Desta maneira, o espaço de jogo do tradutor é limitado pelos valores ideais e estéticos contidos no texto de origem, visto que são o conteúdo e os elementos estéticos do texto de origem que dão os limites interpretativos ao tradutor, já que ele deve visar destacar mais a estruturação e o funcionamento do texto de origem do que impor-lhe suas ideias subjetivas.

Além disso, percebe-se, com Levý (1967), que a compreensão da realidade artística é uma pré-condição para um resultado tradutório artisticamente válido, como já foi explicitado na primeira fase do trabalho do tradutor, de modo que, mesmo que o material verbal de uma língua fosse comensurável com outra, não há uma correspondência semântica completa entre o texto de origem e a tradução. Consequentemente, uma tradução linguisticamente correta pode ser inadequada, enquanto uma interpretação é necessária. Diante disso, sabe-se que é frequente o caso da língua alvo não ter à disposição uma expressão ampla semanticamente ou ambivalente como as encontradas no original. Levý (2011:38) salienta que o tradutor deve especificar o significado, selecionando uma concepção mais limitada; contudo, isso demanda conhecimento da realidade por trás do texto, ou seja, uma interpretação, uma análise mais detida e com interferência dos conhecimentos prévios do tradutor sobre o conteúdo, em outras palavras, uma consulta aos suportes internos.

A interpretação do original provém da concepção que o tradutor tem da obra. Essa concepção, segundo Levý, seria semelhante àquela do historiador literário, e seu espaço de jogo estaria limitado pelos valores ideais e estéticos contidos no texto fonte. Os limites interpretativos estão condicionados ao conteúdo da obra e a seus elementos estéticos, sejam eles explícitos ou latentes. Apesar de existir a possibilidade de inúmeras interpretações para uma obra de arte, a introdução de uma determinada interpretação pelo tradutor – seja uma explicação inexistente, seja a alteração do efeito estético – destruiria a estrutura artística do original, acabando também com a essência da tradução. Afinal, o tradutor deve visar destacar mais a poética da obra do que a sua própria, sem impor-lhe suas ideias subjetivas. (Neckel, 2012:16)

Com o objetivo de chamar a atenção do tradutor e de conscientizá-lo sobre a necessidade e a relevância do processo de interpretação durante o processo de tradução de um texto em qualquer língua alvo, e a sua interferência sobre o processo de tomada de decisão, Levý (2011:39) apresenta três aspectos da segunda dimensão do trabalho do tradutor:

1. A pesquisa pela ideia objetiva do trabalho;
2. A posição interpretativa do tradutor;
3. A interpretação objetiva dos valores do texto de acordo com essa posição – concepções de tradução e possibilidades de reavaliação dos valores.

Pode-se observar, segundo o que já foi exposto, que cada processo de tradução necessita de um processo de compreensão e de interpretação que pode ser claro ou não, além disso, afere-se que, para uma interpretação ser válida, ela deve basear-se nas características mais salientes do texto de origem e deve transmitir valores objetivos deste texto.

Da mesma forma, os tradutores, durante o processo de interpretação do texto de origem, não podem perder de vista os limites de interpretação impostos pelo próprio texto e dar margem para o sentimentalismo e para as projeções pessoais. Fica claro que é natural, durante esse processo de tradução, vir à tona situações inocentes que fazem o tradutor lembrar um personagem fictício de um livro que já leu, ou um personagem da vida real, um cenário, uma situação saudosa ou degradante, ou até mesmo um objeto, ou um trecho de fala; no entanto, cabe ao tradutor, de forma objetiva, se livrar dessas interferências subjetivas e sentimentalistas que podem confundir-lo e interferir no processo de tradução e de tomada de decisão.

O mesmo se aplica aos tradutores, cuja concepção de uma obra será realista somente se eles conseguirem evitar sucumbir ao sentimentalismo pessoal e à autoprojeção baratos ao lê-la. Os leitores frequentemente consideram que um personagem os lembra de alguém que eles conhecem, ou que cenários e situações os lembram de algum evento de suas próprias vidas. Isso traz a obra para o campo dos fatos que são objetivamente pouco relacionados a ela – os leitores projetaram suas questões pessoais na obra. Essa identificação subjetiva com a obra pelos leitores é uma das maiores armadilhas a que os tradutores estão sujeitos, porque os conduz ao erro,

resultando em localização que pode contradizer o sentido objetivo da obra. Isso nem sempre se limita à imposição de alusões e *realia* da cultura alvo no texto; um tipo de distorção menos evidente e, no entanto, mais fundamental é a “reavaliação” estilística – a imposição de atributos estéticos favorecidos pelo tradutor, mas que na verdade não estão presentes na obra. O objetivo do tradutor deve ser abster-se de impor suas próprias tendências subjetivas, de modo a representar, tanto quanto possível, o valor objetivo do texto de origem. (LEVY, 2011:40, tradução nossa)⁷.

Levy, nesta dimensão do trabalho do tradutor, ao abordar e exemplificar os perigos do excesso de sentimentalismo e das projeções pessoais, utiliza um termo do latim medieval, *relia*, que, em uma tradução literal, significa as “coisas reais”. Porém, neste contexto, pode-se afirmar que são palavras da linguagem popular que denotam objetos, conceitos e fenômenos típicos exclusivos de um determinado ambiente geográfico ou de uma cultura, da vida material e da peculiaridade histórico-social de um povo, nação, país ou tribo. Portanto, por não possuírem correspondências precisas em outras culturas, representam, muitas vezes, um desafio para o tradutor. Pode-se dizer que os tradutores búlgaros Sergej Vlahov e Sider Florin (1969) foram os maiores estudiosos dessas palavras, e, certamente, foram eles que cunharam o termo no seu sentido moderno. Pode-se acrescentar que, segundo esses autores, os *realia* nascem na cultura popular e são usados com frequência na literatura como portadores do “colorido” de uma cultura em particular. Assim, essas palavras não teriam correspondências precisas em outras línguas, tornando o que parece tão natural ao ser humano um grande problema na hora de decodificá-las em outra língua alvo.

Em todas as línguas, há palavras que, sem se distinguirem de forma alguma no original do co-texto verbal, não são, contudo, facilmente transmissíveis

⁷ “The same applies to translators, whose conception of a work will be realistic only if they manage to avoid succumbing to cheap personal sentimentality and self-projection when reading it. Readers frequently find that a character reminds them of someone they know, or scenery and situations remind them of some event from their own lives. This brings the work into the realm of facts which are objectively quite unrelated to it – readers have projected their own personal issues into the work. Such subjective identification with the work by readers is one of the greatest pitfalls translators are subject to, because it leads them astray, resulting in localization which may contradict the objective sense of the work. This may not always be limited to the imposition on the text of target culture *realia* and allusions; a less glaring and yet a more fundamental kind of distortion is stylistic ‘revaluation’ – the imposition of aesthetic attributes favored by the translator but which are not actually present in the work. The translator’s objective should be to refrain from imposing his own subjective tendencies, so as to represent as closely as possible the objective value of the source work.”

para outra língua pelos meios usuais e exigem do tradutor uma atitude peculiar: algumas delas passam para o texto da tradução de forma inalterada (elas são transcritas), outras podem apenas parcialmente preservar na tradução sua estrutura morfológica ou fonética, outras ainda devem às vezes ser substituídas por unidades lexicais de um valor completamente diferente ou mesmo “composto”. Entre essas palavras, encontramos denominações de elemento do cotidiano, da história, da cultura etc. de um dado povo, país, lugar que não existem em outros povos, países e lugares. Exatamente estas palavras receberam nos estudos da tradução o nome de “realia”. (VLAHOV E FLORIN, 1969: 432 apud OSIMO, 2019:168, tradução nossa)⁸

Nesse sentido, Levý (2011:38) alerta os tradutores sobre os perigos da posição interpretativa quando baseada nas projeções pessoais e nos sentimentalismos exacerbados, afirmando que o tradutor não consegue, de forma consciente, se livrar dessas subjetividades, o que pode comprometer as características mais essenciais do texto de origem e os valores objetivos do mesmo. Levý (2011:43) afirma ainda que a posição interpretativa do tradutor é um aspecto crucial da tradução, alegando que, diferentemente de um leitor do dia a dia, que tende a focar mais ou menos intuitivamente nos mais conhecidos componentes do texto, o tradutor deve adotar, conscientemente, uma posição interpretativa particular e formar uma ideia clara da mensagem que a tradução deve transmitir ao leitor. E conclui que o ponto de equilíbrio entre as projeções subjetivas e as características mais essenciais do texto é traduzir para o leitor de maneira mais compreensível e efetiva aqueles elementos do texto os quais, diretamente ou indiretamente, expressam uma crítica social, uma visão do mundo materializado ou uma realidade mentalizada.

No capítulo da análise, pode-se observar, por meio das transcrições das gravações, como os pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa lidaram com as suas próprias projeções pessoais e sentimentalismos que foram surgindo, de forma natural, durante o processo de compreensão do texto

⁸ “In every language, there are words that, without in any way distinguishing themselves in the original from the verbal co-text, nonetheless they are not easily transmissible into another language through the usual means and demand from the translator a peculiar attitude: some of these pass to the text of the translation in unaltered form (they are transcribed), others may only partially preserve in translation their morphological or phonetic structure, still others must sometimes be substituted for lexical units of a completely different value or even “composed”. Among these words, we meet denominations of element of everyday life, of history, of culture etc. of a given people, country, place that do not exist in other peoples, countries and places. Exactly these words have received in translation studies the name of “realia”.”

e do contexto relativo ao texto de origem, e se eles influenciaram negativamente o processo de reformulação do texto de origem em língua portuguesa bem como o processo de tomada decisão.

Também pode-se analisar se estes pesquisadores encontraram algum *realia* no texto de origem, mesmo sendo um texto não literário, ou se eles produziram algum *realia* na versão final do texto da tradução, pois quando o tradutor decide utilizar na tradução o método anti-ilusionista, na sua tomada de decisão ele pode, diante das instruções de definição encontradas no seu próprio contexto, produzir *realia*.

2.1.3 Reformulação do texto de origem

Segundo Levý (2011:47), é na terceira e última dimensão do trabalho do tradutor que se espera que o tradutor, de fato, reescreva o estilo do texto de origem. Dessa forma, espera-se que os tradutores possam facilmente aplicar os seus talentos na estilização linguística, uma vez que o dom de refazer o estilo é tudo que eles precisam. Sendo assim, a reformulação se dá por meio de três fatores: a inter-relação entre dois sistemas de línguas, os traços da língua do original na reformulação e as tensões no estilo de tradução que surgem da recriação de ideias na outra língua em que elas não foram concebidas.

1. A inter-relação entre dois sistemas de línguas.

Assimetria linguística. A linguagem do texto de origem e a linguagem da tradução não são diretamente comensuráveis. Os meios verbais das duas línguas não são 'equivalentes', portanto não podem ser convertidos mecanicamente. Significados e seus valores estéticos não coincidem precisamente; conseqüentemente, quanto maior o papel da linguagem na estrutura artística do texto, mais difícil se torna a tradução. (LEVÝ, 2011:48, tradução nossa)⁹

⁹"Linguistic asymmetry. The language of the source and the language of the translation are not directly commensurable. The verbal means of the two languages are not 'equivalent', so they cannot be converted mechanically. Meanings and their aesthetic values do not coincide precisely; consequently, the greater the role of language in the artistic structure of the text, the more difficult translation becomes."

Portanto, para iniciar o processo de reformulação do texto de origem na língua alvo, o tradutor deve, primeiramente, estabelecer a relação entre os dois sistemas linguísticos em questão e constatar que eles não são correspondentes e simétricos entre si, não só em suas características linguísticas, mas também em suas características semânticas e históricas. Isso acontece porque cada língua é um sistema socialmente construído, formado por signos linguísticos; cada uma, dentro da sua norma-padrão, tem o seu conjunto de regras, pautadas em autores consagrados, que impõe uma unidade à língua escrita, mas que no dia a dia podem sofrer diversos tipos de variações.

Dessa maneira, depois de se certificar que os dois sistemas não são correspondentes, o tradutor deve resolver as questões relativas ao estilo e à semântica que atuam em ambos os meios textuais. Portanto, suas escolhas são fundamentais para que se reestabeleçam os níveis funcionais do texto de origem no texto alvo.

2. Traços da língua do original na reformulação

Interferência linguística. A linguagem do original está ativamente envolvida não apenas na constituição da obra de origem; ela também tem impacto na tradução. A expressão linguística do original sofre influência tanto direta quanto indireta na tradução. A influência direta do texto de origem é positiva e negativa, isto é, tanto no que se refere à presença de construções problemáticas baseadas no original, quanto na ausência de significados que a língua de origem não tinha a seu dispor. (LEVY, 2011:51)¹⁰

Como já explicitado anteriormente, cada língua possui sua norma-padrão, um conjunto de regras que impõem uma unidade a ela, embora sejam previstos diversos tipos de variações. Assim, pode-se afirmar que as características singulares de um texto afetam a reformulação do mesmo e o processo de tomada de decisão do tradutor, pois tanto o conteúdo do texto de origem quanto as particularidades da

¹⁰ "Linguistic interference. The language of the original is actively involved not only in the constitution of the source work; it also has an impact on the translation. The linguistic expression of the original has both a direct and an indirect influence on the translation. The direct influence of the source text is both positive and negative, i.e. in terms of the presence of awkward constructions based on the original and the absence of target language means of expression which the source language did not have at its disposal"

língua de origem desviam, de uma forma ou de outra, as normas-padrão da língua alvo.

3. Tensões no estilo de tradução que surgem da recriação de ideias em outra língua em que elas não foram concebidas.

Tensão estilística. Para além das dificuldades causadas pela incomensurabilidade entre as duas línguas e a influência das características linguísticas do original na tradução, os tradutores estão em desvantagem porque a tradução não é original em sua expressão, isto é, porque ideias são reformuladas com *ex post facto*, usando material verbal por meio do qual e para o qual ele não foi originalmente criado. Consequentemente, a expressão linguística em uma obra traduzida não é absoluta; representa apenas uma das muitas possibilidades. (LEVY, 2011:52, tradução nossa)¹¹

Diante do exposto, pode-se constatar que há uma tensão no processo de transpor um texto de uma língua para outra ao se reproduzir um conteúdo que não foi originalmente pensado para aquela cultura. Essa tensão pode resultar em um texto gramaticalmente e semanticamente perfeito, mas superficial ao leitor. Além disso, muitas vezes, o tradutor não tem o seu trabalho valorizado e reconhecido pelas editoras, ou pela imprensa, e, em muitos casos, é apresentado de forma velada ou até mesmo menosprezado pelos próprios leitores da versão final.

Neste caso de estudo, pretende-se analisar, por meio da transcrição das gravações da negociação verbalizada entre os pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa, como eles, de fato, superam a assimetria, a interferência linguística e a tensão estilística, pois subentende-se que se estes três fatores não forem devidamente observados e respeitados, podem gerar muitos problemas e perdas durante o processo de reformulação do texto de origem na língua alvo e durante o processo de tomada de decisão.

¹¹ “Stylistic tension. Apart from difficulties caused by incommensurability between the two languages and the influence of the linguistic characteristics of the source on the translation, translators are at a disadvantage because the translation is not original in its expression, i.e. because ideas are re-stylized *ex post facto*, using verbal material by means of which and for which they were not originally created. Consequently, linguistic expression in a translated work is not absolute; it merely represents one of many possibilities”

2.2 TRADUÇÃO COMO UM PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO

Analisando o processo de tradução segundo o ponto de vista pragmático, ou seja, a partir do trabalho do tradutor, Levý (2000:148) apresenta a sua teoria tradutória descrevendo o processo de tradução como uma sequência de tomadas de decisão, isto é, o tradutor escolhe, a partir de um número de alternativas disponíveis, guiado por instruções que definem o paradigma (o conjunto de possíveis soluções para a tradução de uma ou mais palavras) a ser seguido e selecionam instruções que estreitam o número de escolhas. Porém, os critérios de definição e de seleção aplicados em cada parte do processo de tomada de decisão podem variar de acordo com critérios semânticos, rítmicos, estilísticos, contextuais, entre outros.

Sendo assim, deduz-se que os tradutores têm “instruções de seleção” que atuam como limitadores ou diretrizes para direcionar as escolhas. Desta maneira, de acordo com Levý (1967), eles precisam escolher entre a quantidade de possíveis sentidos de uma determinada palavra e devem considerar algumas outras restrições, como estilo, ponto de vista do autor e a condição histórico-filosófica do texto de origem. Perante o que foi elencado, Levý (1967/2000) reconhece que as “instruções de seleção” podem ser controladas tanto pela motivação do tradutor como por outros fatores externos.

O autor utiliza um exemplo para mostrar, passo a passo, um processo de tomada de decisão que é consequência de um problema encontrado no estágio de reformulação do texto de origem na língua alvo. Este problema é gerado, basicamente, pelo seguinte fator: a assimetria linguística que existe entre a língua alemã (língua de origem) e a língua inglesa (língua alvo). Levý (1967) simula que um tradutor tenha que traduzir para a língua inglesa o título da peça *Der gute Mensch Von Sezuan*, de Bertold Brecht, e tenha que decidir entre essas duas possibilidades:

Der gute Mensch Von Sezuan

- 1.The Good Man of Sechuan – O Bom Homem de Sechuan
- 2.The Good Woman of Sechuan – A Boa Mulher de Sechuan

Por intermédio deste exemplo, Levý (1967/2000:148) apresenta e conceitua individualmente os três componentes que fazem parte do processo de tomada de decisão, a saber: a situação, o paradigma e a escolha.

2.2.1 A situação

Diante da assimetria linguística, durante o processo de tomada de decisão sobre a tradução do título da peça *Der gute Mensch Von Sezuan*, de Bertold Brecht, o tradutor supostamente observa que não há um termo correspondente em inglês para a palavra “Mensch”, tanto em significado quanto em valor linguístico, pois *person*, “pessoa”, que seria uma instrução de definição, pertence a um nível estilístico diferente; sendo assim, sua amplitude semântica é abarcada por duas palavras que são antônimas entre si, “homem” e “mulher”. E começa o dilema: qual das duas opções o tradutor deve escolher? Que critérios ele deve utilizar?

A SITUAÇÃO (isto é, uma abstração da realidade, que, numa teoria formalizada, seria expressa por um modelo): em inglês não há uma palavra equivalente a “Mensch” em significado e valor estilístico (pois “person” [pessoa] pertence a um nível estilístico diferente); sua amplitude semântica é abarcada por duas palavras: “man” [homem] e “woman” [mulher]. (LEVÝ, 2012:73)

Dessa forma, pode-se inferir que a situação se estabelece quando o tradutor, durante o processo de tomada de decisão, constata um problema tradutório que se apresenta por algum motivo. No exemplo apresentado por Levý, este problema é resultado da assimetria linguística que há entre a língua de origem e a língua alvo. Como consequência desse processo, faz-se necessário buscar nos suportes externos as instruções necessárias para encontrar a resolução desta situação, isto é, definir um conjunto de possíveis alternativas de tradução para esta palavra, o que resulta na primeira instrução, “A *Instrução I*, que define o conjunto de alternativas possíveis: é necessário encontrar uma palavra em inglês que denote o conjunto de seres chamado ‘Homo sapiens’” (LEVÝ, 2012:73).

Pela análise das transcrições das gravações das oficinas de tradução colaborativa, pode-se afirmar que os pesquisadores que participaram delas se

depararam com várias situações similares ao exemplo exposto pelo autor, conforme apresentado no capítulo correspondente. Graças à metodologia *Think-aloud Protocol*, o processo de tomada de decisão desses pesquisadores pode ser reconstruído, e, igualmente, pode-se elencar os suportes externos utilizados por eles para encontrar as instruções necessárias.

2.2.2 O paradigma

“O PARADIGMA, isto é, o conjunto de soluções possíveis; ainda usando o mesmo exemplo, o paradigma possui dois membros: man [homem] e woman [mulher]” (LEVY, 2012:73). Diante disso, pode-se afirmar que o paradigma é uma classe de elementos que respeita certo tipo de instrução, por conseguinte, ele é qualificado e restringido por instruções, chamadas de instruções de definição. Em outras palavras, a instrução dá forma ao paradigma e o paradigma é o conteúdo da instrução. Por conseguinte, o paradigma não é uma coleção de termos correspondentes, mas um conjunto ordenado de acordo com diferentes critérios que podem ser semânticos, estilísticos, conotativos etc., caso contrário, a escolha seria impossível. O paradigma, neste exemplo usado pelo autor, tem apenas dois membros, o que, de certa forma, facilita a tomada de decisão, mas, sabe-se, na prática, há casos em que o conjunto das possíveis soluções é enorme e demanda do tradutor um esforço cognitivo muito maior.

2.2.3 A escolha

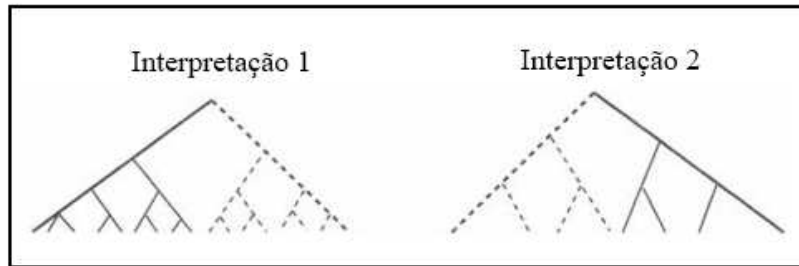
A Instrução II, que direciona a ESCOLHA dentre as alternativas. Essa instrução é derivada do contexto; em nosso caso, é derivada do contexto de toda a peça (macro contexto). As duas alternativas não são equivalentes; a escolha não é aleatória, mas definida pelo contexto. Cada interpretação tem a estrutura de uma resolução de problemas: o intérprete tem de escolher dentre um conjunto de possíveis significados da palavra ou motivo, dentre as diferentes concepções de um personagem, do estilo, ou das opiniões filosóficas do autor. A escolha é mais limitada (“mais fácil”) se o número de alternativas possíveis for menor, ou se esse for restringido pelo contexto. (LEVY, 2012:74)

A instrução 2 é, portanto, a instrução que direciona a tomada de decisão, quer dizer, a escolha dentre as alternativas disponíveis. Acredita-se que essa instrução é motivada pelo contexto. Neste exemplo dado pelo autor, a decisão é

direcionada pelo contexto de toda a peça, que também é chamado de macrocontexto, já que ele vai se revelando ao longo da escritura do texto de origem. Desse modo, as duas alternativas (1 – homem/ 2 – mulher) não são correspondentes entre si, portanto, a tomada de decisão não é aleatória, mas definida pelo contexto. Como já mencionado anteriormente, cada interpretação tem a estrutura de uma resolução de problema. Assim, o tradutor precisa fazer uma escolha dentre um conjunto de possíveis significados da palavra, dentre as diferentes concepções de um personagem, do estilo, ou das opiniões filosóficas do autor.

Levý (1967/2000:149) alega que, uma vez que o tradutor tenha decidido em favor de uma das alternativas, ele predeterminou sua própria escolha em um número subsequente de movimentos. Assim, ele não só predeterminou suas tomadas de decisões a respeito de questões técnicas, como a forma gramatical e filosófica – como a interpretação do “herói” da peça *Der gute Mensch Von Sezuan*, de Bertold Brecht, e todo o modo de encenar –, porém também criou todo um contexto para um determinado número de decisões subsequentes. Dessa forma, o processo de tradução forma um jogo com informação completa, um jogo no qual cada movimento posterior é influenciado pelo conhecimento da tomada de decisão anterior e pela situação que resultou delas, como num jogo de xadrez. Portanto, ao escolher a primeira alternativa ou a segunda, o tradutor decide jogar um dos dois jogos possíveis. Eis a expressão esquemática da situação depois do primeiro movimento do jogo, isto é, depois da primeira tomada de decisão – as alternativas que ainda estão à disposição do tradutor são indicadas com as linhas contínuas, e as alternativas eliminadas através da primeira tomada decisão são indicadas com as linhas tracejadas:

Figura 1: Expressão esquemática da situação depois do primeiro movimento do jogo.



Fonte: Levý (1967/2000:149, tradução nossa).

Com base no quadro acima, volta-se para a análise do problema tradutório do título da peça de Brecht. Diante das duas séries de decisões resultantes das duas interpretações alternativas, pode-se afirmar que a Interpretação 1 seria a expressão esquemática da decisão tradutória, caso o tradutor tivesse escolhido “O Bom Homem de Sechuan”, e a Interpretação 2 simula as tomadas de decisão subsequentes se ele tivesse escolhido “A Boa Mulher de Sechuan”. O resultado desses dois “jogos” são duas variantes de tradução distintas.

Levý (1967/2000:149) completa afirmando que o processo de tradução pode ser tratado nos termos de “problemas de tomada de decisão” pelo simples fato de que ele se adéqua com a experiência prática do tradutor na sua rotina de trabalho. Sendo este o caso, deveria ser possível aplicar à tradução os métodos formais da Teoria dos Jogos.¹² E apresenta, em detalhes, outros componentes que permeiam o processo de tomada de decisão, tais como: as instruções de definição e as instruções de seleção, as decisões necessárias e as desnecessárias, as decisões motivadas e as desmotivadas,¹³ tendências de convergência e de divergência e estratégias *Mini-max*. Eis aqui a conceituação e exemplificação de cada componente:

a) Instruções de definição e instruções de seleção.

¹² A teoria dos jogos é uma teoria matemática criada para se modelar fenômenos que podem ser observados quando dois ou mais “agentes de decisão” interagem entre si. Ela fornece a linguagem para a descrição de processos de decisão conscientes e objetivos envolvendo mais do que um indivíduo. Levý (1967/2000:149) não pretende fazer nenhuma formalização rigorosa desta teoria, seu objetivo está restrito ao apontamento de algumas premissas noéticas baseadas nessa abordagem.

¹³ Gustavo Althoff e Cristiane Vidal traduzem a palavra *unmotivated* como “imotivada”, mas eu, na minha tomada de decisão tradutória, escolhi “desmotivada”.

Levy (1967/2000:150) entende que as instruções de definição são as instruções que circunscrevem e classificam um determinado paradigma, apresentando soluções para a tradução relacionadas ao seu valor contextual; assim, são elas que governam a escolha do tradutor por uma das alternativas disponibilizadas.

Com o intuito de exemplificar os dois tipos de instruções que permeiam o processo de tomada de decisão do tradutor, parte-se, aqui, do adjetivo *sleek*, presente no texto de origem deste estudo, para simular a busca destas instruções. Primeiramente, os pesquisadores, diante do desconhecimento da palavra, deveriam, supostamente, consultar nos suportes externos disponíveis as instruções de seleção da mesma. Para ilustrar este processo, consulta-se o significado desta palavra nos seguintes suportes externos que estão disponíveis *on-line*, sendo dois deles bilíngues, *Word reference* e *Linguee*, e dois deles monolíngues, *Cambridge* e *Macmillian*. Cabe aqui ressaltar que, devido ao desenvolvimento da tecnologia e a facilidade de acesso a ela, a quantidade de suportes externos disponíveis aos tradutores contemporâneos é enorme e variada comparada aos anos sessenta.

1. Word reference¹⁴

Traduções principais

Sleek: adj

1 (*hair, smooth, glossy*) – (cabelo) macio, brilhoso.

Linda admired the cat's sleek coat. - Linda admirou a pele macia do gato.

2 (*with smooth surface*) – polido

The sleek surface of the table shone - A superfície polida da mesa brilhava

3 *Figurative (thing: well-designed)* – insinuante

The car's sleek were a joy to be hold. - As linhas insinuantes do carro eram uma beleza de se admirar.

¹⁴ Fonte: <http://www.wordreference.com/enpt/sleek>. Acesso em 03 jan. 2019.

Traduções complementares

1 *figurative (person: thin, elegant)* - elegante

Adam was tall and sleek

2 (*words, behaviour: polished*) - polido

Sarah impressed Mark with her sleek speeches

Sleek: verb

(*hair, skin: make smooth*) - alisar

Steve looked in the mirror and sleeked his hair.

Formas compostas

Sleek bob n (*woman's short hair cut*) – franja

Sinônimos: *silken, silky, satin, svelte, smooth, ...*

2. Linguee¹⁵

Sleek adj: elegante e compacto.

Adjetivos menos frequentes: atraente, liso, elegantes, sofisticado, lustroso, esguio(a), polido, moderno, impecável, esguio.

Exemplos:

sleek design - elegante *design*, *design* elegante, construção elegante, insinuante *design*

sleek hair - cabelo lustroso

sleek look - visual elegante

3. Cambridge Dictionary

Sleek: adj: (*especially of hair, clothes or shapes*): *smooth, shiny, and lying close to the body, and looking well cared for; not untidy and with no parts sticking out.*

The cat had sleek fur.

Who owns that sleek black car parked outside your house?

¹⁵ Fonte: <https://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/sleek.html>. Acesso em 03 jan 2019.

Disapproving: He's one of those

sleek (= seeming rich and dishonest) businessman types.

Synonyms: satiny, silky (usually approving), smooth (regular).

Sleek (in American English) adj: (esp. of hair or shapes) smooth, usually curved and shiny, and therefore looking healthy and attractive: The two horses paused, their sleek sides heaving gently as they waited.

4. Macmillian¹⁶

Sleek: adj: sleek fur or hair is smooth and shiny

A young man with sleek dark hair

A sleek black cat

Synonyms and related words:

Words used to describe the state of people's hair: bad hair day, bald, balding...

Soft and smooth: soft, sleek, silky...

Fashionable and attractive:

A sleek limousine.

A sleek grey trouser suit.

Synonyms and related words:

Modern and fashionable and up-to-date: modern, contemporary, advanced

Looking or sounding good in a way that is not sincere:

A sleek and ambitious young politician,

A sleek smile

Synonyms and related words:

Words used to describe people or behavior that is not sincere: insincere, forced, sugary

¹⁶ Fonte: https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/sleek_1. Acesso em 03 jan 2019.

Dessa maneira, pode-se observar que cada suporte externo consultado apresenta as instruções de definição de forma diferente, uns de forma mais elaborada, com mais variantes, com as traduções principais e complementares, sentido figurado, sinônimos e aplicação em frases, como é o caso do *Word Reference*. Este suporte é o único que apresenta a *sleek* também como verbo:

Traduções principais

1 (*hair, smooth, glossy*) – (cabelo) macio, brilhoso.

Linda admired the cat's sleek coat. - Linda admirou a pele macia do gato.

Traduções complementares

1 *figurative (person: thin, elegant)* - elegante

Sleek: verb

(*hair, skin: make smooth*) - alisar

Steve looked in the mirror and sleeked his hair.

Formas compostas

Sleek bob n (woman's short hair cut) – franja

Sinônimos: *silken, silky, satin, svelte, smooth, ...*

Por outro lado, alguns apresentam as instruções de forma mais simplificada, como é o caso do monolíngue *Cambridge*, que apresenta as variantes, sinônimos e o uso no *American English*.

Sleek: adj: (especially of hair, clothes or shapes): smooth, shiny, and lying close to the body, and looking well cared for; not untidy and with no parts sticking out:

The cat had sleek fur.

Who owns that sleek black car parked outside your house?

Disapproving He's one of those sleek (= seeming rich and dishonest) businessman types.

Synonyms: satiny, silky (usually approving), smooth (regular).

Sleek (in American English) adj: (esp. of hair or shapes) smooth, usually curved and shiny, and therefore looking healthy and attractive: The two horses panted, their sleek sides heaving gently as they waited.

Porém, todos disponibilizam, de uma forma ou de outra, instruções de seleção, mesmo porque a tomada de decisão quanto à organização de um dicionário é muito variável. Dessa forma, cabe ao tradutor escolher qual/quais suporte externo norteará o seu processo de tradução, e, também, cabe a ele escolher a partir desse grupo de expressões mais ou menos sinônimas disponibilizadas pelo suporte externo.

Neste contexto, a instrução de seleção diz respeito à escolha do tradutor dentre as possibilidades elencadas pela instrução de definição; e estas estão em uma relação de inclusão com as instruções de definição, pois lá existem várias outras relações. Segundo Levý (1967/2000:151), a escolha de uma unidade lexical é governada por um sistema de instruções conscientes e inconscientes, sendo que ambas são objetivas, pois são dependentes do material linguístico, e subjetivas – dentre estas, as mais importantes são a estrutura da memória do tradutor, seus padrões estéticos etc. O símbolo final contido no texto pode ser investigado como um sistema de instruções responsável pela própria ocorrência – é possível reconstruir o padrão de sua origem, seu padrão generativo.

A interpretação pelos leitores dos significados contidos em um texto também tem a forma de uma série de movimentos: a escolha de uma das várias interpretações possíveis de uma unidade semântica (de qualquer ordem) pode ser representada como uma série de decisões que vão do significado mais geral até o mais específico. Com base nessa teoria semântica hoje corriqueira, pode-se fundamentar um MODELO RECOGNOSCITIVO,¹⁷ isto é, um arranjo formalizado da interpretação (LEVÝ, 2012:78)

¹⁷ Tem-se aqui neologismo em português decalcado do neologismo em inglês de Levý (ALTHOFF e VIDAL, 2012:78).

Diante disso, é imprescindível resgatar as concepções da visão teleológica do processo de tradução que afirma que a tradução é um processo comunicativo. Sendo assim, faz-se necessário imaginar a cadeia comunicativa e perceber que no final dela está o leitor com a sua visão de mundo, com o seu contexto, com as suas experiências que são únicas. Pode-se afirmar que ele também terá que desenvolver uma interpretação dos significados contidos no texto traduzido. Nesse sentido, essa interpretação também terá a forma de uma série de movimentos, ou seja, a escolha de uma das várias interpretações possíveis de uma unidade semântica (de qualquer ordem) pode ser representada como uma série de decisões que vão do significado geral até o mais específico, dependendo do nível de leitura do leitor e de seus objetivos.

b) Decisões motivadas ou desmotivadas, necessárias ou desnecessárias.

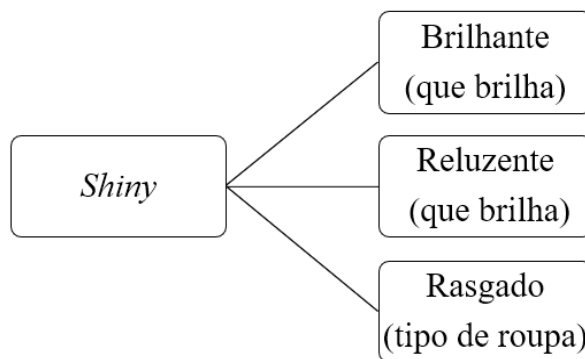
De acordo com Levý (1967/2000:151), as decisões motivadas são aquelas prescritas pelo contexto (linguístico ou extralinguístico). A fim de exemplificar isso, retoma-se o exemplo do adjetivo *sleek*. Pode-se alegar que o autor do texto de origem está caracterizando um substantivo com este verbete. Como as instruções de definição apresentadas pelos dicionários são divergentes, cabe ao tradutor voltar ao texto de origem, localizar o substantivo, analisar as instruções de definição e de seleção e escolher. Acrescente-se a isso que, teoricamente, a tradução desta palavra é motivada, pois o contexto vai ser determinante na tomada de decisão, e necessária, porque o adjetivo tem a função de restringir o substantivo, torná-lo único ou explicá-lo, destacando características inerentes ao substantivo. Levý (1967/2000: 151) diz que o tradutor, em seu sistema de tomada de decisões, pode dar um passo a mais ou a menos em relação ao autor do original, mas alerta: se a decisão do tradutor for desmotivada e desnecessária, ela pode desencadear interpretações errôneas.

c) Tendências de divergência ou de convergência.

Para Levý (1967/2000), as tendências de divergência e de convergência são a dispersão das variantes de tradução; assim, quando um verbete apresenta mais de

uma variante, dá-se o nome de tendência de divergência. Neckel (2012:13) afirma que as tendências divergentes apresentam uma riqueza de expressões que permite que cada tradutor faça uma tomada de decisão particular na tradução de um texto. Para exemplificar na prática essas duas tendências, recorre-se a mais uma palavra do texto de origem deste estudo de caso, o verbete *shiny*. De acordo com o dicionário on-line *Word reference*, essa palavra tem, de acordo com a instrução de definição, 3 variantes:

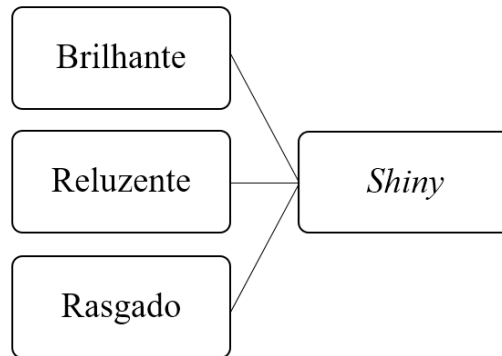
Figura 2: Tendência divergente



Fonte: A autora. *Word Reference*

Por outro lado, quando se traduz um texto cuja língua de origem possui uma ampla segmentação semântica para uma língua cuja segmentação é menor, o processo é inverso e chamado de tendência de convergência, conforme Levý (1967/2000). Segundo Neckel (2012:13), na prática, em casos de tendência convergente, em que o paradigma é mais limitado, as traduções tornam-se mais semelhantes entre si.

Figura 3: Tendência convergente



Fonte: A autora. *Word Reference*

Fica claro que as tendências ocorrem nos processos de tradução porque as línguas apresentam características semânticas, estilísticas e linguísticas singulares, conforme já exposto na visão teleológica do processo de tradução; além disso, elas diferem entre si na densidade de segmentação lexical de um campo semântico específico. Sendo assim, às vezes, não têm o mesmo número de palavras disponíveis. Com isso, pode-se dizer que as tendências apontadas por Levý (1967:152) são significativas no processo de escolha de uma unidade lexical, pois ocorrem várias vezes durante o processo de tradução, ainda que os tradutores não tenham consciência disso. Além disso, elas são significativas porque são responsáveis pela última relação entre o texto de origem e a tradução.

d) Estratégia Mini-max

Levý (1967/2000:156) sugere que os processos de tomada de decisão tradutória têm a estrutura de um sistema semiótico, possuindo um aspecto semântico, isto é, um repertório de unidades, definidas através de suas relações com seus referentes, e outro sintático, que seriam as regras para a combinação dessas unidades – quer signifiquem essas unidades paradigmas ou instruções. Logo, assim como todos os processos semióticos, a tradução também tem a sua dimensão prática.

A teoria da tradução tende a ser normativa, a instruir os tradutores sobre a solução ÓTIMA; o trabalho efetivo da tradução, no entanto, é pragmático: o tradutor decide por aquela solução, dentre as possíveis, que promete um máximo de efeito com um mínimo de esforço. Quer dizer, ele decide

intuitivamente pelo uso da assim chamada ESTRATÉGIA MINI-MAX (LEVY, 2012:90).

Diante disso, constata-se que a teoria da tradução tende a ser normativa e a instruir os tradutores sobre a solução ótima, mas é o tradutor quem decide por esta ou por aquela solução dentre aquelas possíveis e que prometem um máximo de efeito com o mínimo de esforço, ou seja, ele decide intuitivamente pela estratégia mini-max. Levý afirma que esta é uma política adotada por alguns tradutores, aqueles que se contentam em encontrar para as suas frases uma forma que expresse mais ou menos todos os significados necessários e valores estilísticos, entretanto, é provável que após horas de experimentação e reescrita uma solução melhor possa ser encontrada.

Para finalizar a apresentação da teoria da tradução de Levý, que sustenta a ideia de que a tradução, do ponto de vista pragmático, é um processo de tomada de decisão, Neckel (2012:13) sintetiza que este modelo de processo permite ao crítico e ao analista de traduções ter uma visão de todo o percurso tradutório. Desse modo, baseando-se nas escolhas finais, no trabalho terminado, verifica-se que seria possível determinar quais foram os passos que o tradutor seguiu ao realizar o seu trabalho, e, a partir desse ponto de vista, aproximar a prática tradutória da teoria propriamente dita. Levý acrescenta que, ao analisar os textos de origem e as suas respectivas traduções, não buscou estabelecer uma tradução única e ideal, mas concentrou-se na observação das soluções tradutórias que podem variar, dependendo do tradutor e do momento histórico e cultural no qual este está inserido. Logo, essa abertura a múltiplas escolhas no processo de tradução confere ao tradutor certa liberdade autoral.

Diante do exposto sobre a teoria da tradução de Levý a partir da ótica pragmática do processo de tomada de decisão, esta pesquisa pretende analisar, na prática, como os pesquisadores que participaram das oficinas colaborativas estabeleceram a situação, o paradigma e a escolha diante de uma dificuldade encontrada durante o processo tradutório. Além disso, propõe-se analisar quais instruções de definição e de seleção foram usadas por eles na tomada de decisão e quais decisões foram motivadas ou desmotivadas, necessárias ou desnecessárias.

Ainda, mesmo que não seja este o foco da fundamentação teórica desta pesquisa, vale ressaltar que, apesar de não utilizar na sua teoria da tradução o termo “hermenêutica”, os pressupostos de Levý (1967) dialogam com esta abordagem, pois, segundo Radegundis Stolze (2012:41), o trabalho do tradutor é baseado na hermenêutica, a partir do momento em que ele precisa compreender o texto sem necessariamente ser um membro do contexto de criação do autor do texto de origem.

De acordo com Larisa Cercel (2015:17), qualquer tradução é basicamente guiada pela compreensão implícita ou explícita do texto de origem. Devido a essa interdependência entre compreensão e tradução, há uma intrínseca ligação entre a tradução e a Hermenêutica. Como disciplina filosófica, a Hermenêutica preocupa-se em verificar como os textos, tanto orais quanto escritos, são compreendidos, isto é, ela lida com as condições que são necessárias para que haja compreensão. Desta forma, a hermenêutica serve como um pano de fundo válido para a tradução enquanto uma tarefa dinâmica, ou seja, quando o tradutor está trabalhando no processo de compreensão, interpretação e reformulação da mensagem na língua alvo. Isso é validado por um crescente interesse na relação entre a Hermenêutica da Tradução e a área dos Estudos da Tradução.

Sendo assim, os hermeneutas propõem que os textos têm um significado, e é com base nesse significado global do texto que eles consideram o significado individual das palavras. Ou seja, a compreensão progressiva das palavras é emoldurada pela totalidade do significado do texto. Nesse processo de compreensão, há um permanente movimento de vai e vem entre os elementos individuais e o significado global do texto, já que o significado desses elementos é interdependente. Esse vai e vem, que é um dos aspectos da abordagem hermenêutica, é conhecido como ciclo da compreensão. Outro aspecto que aproxima tais abordagens é a preocupação da relação entre o leitor tradutor e o texto. O tradutor não compreende o texto apenas através das características do texto, como aponta os estudos da linguística estruturalista, mas também através de conexões neurais que são resultados de experiências vivenciadas no dia a dia.

De acordo com Vega Cernuda (2012:170), o título da tese doutoral de Levý, *České teorie překladau*, de 1957, testemunha a sua dedicação particular e ampla à disciplina que resulta, novamente, pioneira, e seu conhecimento dos textos

fundamentais acerca da reflexão tradutiva, escritos pelo teólogo alemão Friedrich Schleiermacher, considerado o Pai da Hermenêutica Moderna, bem como de outros textos que estavam surgindo sobre essa teoria.

2.3 CLASSIFICAÇÃO DAS TOMADAS DE DECISÃO EM TRADUÇÃO

De acordo com Prassl (2010:57), é importante lembrar que a integração entre a pesquisa e o conhecimento faz parte do processo de tomada de decisão no dia a dia do tradutor. Além disso, uma distinção pode ser feita entre suporte interno e externo: o suporte interno se refere à busca de dados na memória de longo prazo do tradutor, já o suporte externo se dá através da consulta de fontes externas, tais como dicionários, bancos de dados e textos paralelos. Neste sentido, muitos processos de resolução de problemas tradutórios requerem uma cadeia desses tipos de suportes antes de uma tomada de decisão, que pode se dar consciente ou inconscientemente.

Como já dito anteriormente, com o objetivo de classificar as tomadas de decisão dos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa, esta pesquisa terá como norte a divisão apresentada por Jungermann et al. (2005) apud Prassl (2010:61), cujos pressupostos apontam que o processo de tomada de decisão pode ser classificado de acordo com muitas características, e, a partir dessa premissa, pode-se dividir este processo em quatro categorias: decisões rotinizadas, decisões estereotipadas, decisões refletidas e decisões construídas.

Segundo Prassl (2010:60), o investimento cognitivo envolvido num processo de tomada de decisão depende fortemente da existência e/ou da acessibilidade à informação relevante, quer dizer, do conhecimento e da quantidade dele. Dessa forma, se o grau de necessidade de novo conhecimento for zero, o tradutor tem associações equivalentes imediatas, encontrando um processo predominantemente inconsciente. Porém, se aparecer algum obstáculo durante o processo de tradução, o padrão não encontrará correspondência direta; assim, o processo automático é interrompido, a ação consciente se inicia e requer a informação necessária bem

como outras representações mentais para se realizar a escolha. Para entender melhor este ponto, caracterizam-se abaixo cada uma das tomadas de decisão.

2.3.1 Decisões rotinizadas

Os processos de tomada de decisão rotinizada ocorrem quando uma única opção é buscada inconscientemente em um processo de correspondência de padrões, em que o processo de avaliação subjacente ocorre automaticamente. Tais processos são, no entanto, chamados de decisões, já que as possibilidades são os resultados de processos de tomada de decisão anteriores e o comportamento mostrado pelo decisor tornou-se rotina ao longo do tempo. Em decisões rotinizadas, o investimento cognitivo é mínimo. (PRASSL, 2010:61, tradução nossa)¹⁸

Durante o processo de tradução, constata-se que esse processo tipicamente toma a seguinte forma: o tradutor lê o texto de origem e escreve a tradução automaticamente ou a dita. Segundo Prassl (2010:61), a vantagem desse tipo de decisão se estabelece no fato de que, devido ao pouco investimento cognitivo envolvido, o tradutor tem a capacidade cognitiva livre para outras atividades.

2.3.2 Decisões estereotipadas

Em decisões estereotipadas, assim como em decisões rotinizadas, a busca de opções ocorre principalmente inconscientemente, isto é, espontaneamente, mas mais do que uma única opção está disponível (Jungermann et al., 2005: 33). Assim, um pequeno processo de avaliação acontece. Essa avaliação, no entanto, não é explícita de forma alguma, apenas baseada no fato de uma opção ser desejada ou indesejada, e leva pouco tempo. A avaliação acontece segundo esquemas adquiridos do comportamento que são ativados quando conveniente. (PRASSL, 2010:61, tradução nossa)¹⁹

A partir dessa explicação, fica claro que na tradução as decisões estereotipadas ocorrem quando se tem mais de uma instrução de definição

¹⁸ "Routinized decision-making processes occur when a single option is unconsciously retrieved in a pattern-match process, where the underlying evaluation process takes place automatically. Such processes are nevertheless called decisions as the possibilities are the results of previous decision-making processes and the behavior shown by the decider has developed into routine in the course of time. In routinized decisions cognitive investment is minimal."

¹⁹ "In stereotype decisions, just as in routinized decisions, option retrieval happens mainly unconsciously, that is, spontaneously, but more than a single option is available (Jungermann et al., 2005:33). Thus, a minor evaluation process takes place. This evaluation, however, is not explicit in any way, but based merely on whether an option is wanted or unwanted and takes little time. The evaluation happens according to acquired schemes of behavior which are activated when convenient."

disponível, e, no processo de avaliação, os tradutores costumam apresentá-las acompanhadas das expressões “gosto” ou “não gosto”, ou seja, não são guiados por critérios racionais. Um típico exemplo disso é quando os tradutores leem o texto original e usam um termo correspondente a uma determinada palavra, mas, num próximo momento, optam por uma diferente ou recorrem a outro termo correspondente, então mais um e ainda outro; ou seja, fazem escolhas sem uma avaliação profunda. De acordo com Prassl (2010:61), naturalmente, algum tipo de avaliação deve ter ocorrido, mas não na mesma área do cérebro onde um processo reflexivo de tomada de decisão é ativado. Diante disso, pode-se inferir que essas duas primeiras categorias indicam que a decisão é tomada de forma inconsciente e automática, requerendo pouco esforço cognitivo.

2.3.3 Decisões refletidas

Os processos de tomada de decisão refletida também podem começar com opções buscadas automaticamente, mas, se o processo espontâneo é perturbado, opções devem ser geradas conscientemente e deliberadamente, usando a pesquisa interna ou externa seguida de avaliação. (PRASSL, 2010:62, tradução nossa)²⁰

A decisão refletida é um tipo de decisão que se associa espontaneamente com a tomada de decisão sobre os assuntos do dia a dia, isto é, teoricamente, o processo parece ser claramente organizado e linear, visto que se pesquisa as instruções de definição, questiona-se as evidências e, ao final, faz-se a tomada de decisão. Mas, na prática, não é bem assim que acontece, pois este processo nem sempre finaliza imediatamente quando a decisão é tomada. Muitas vezes, posterga-se a decisão para um próximo momento, quando a pressão cognitiva for menor e mais instruções de seleção e evidências forem encontradas. Logo, durante a tradução, esse processo tipicamente toma a seguinte forma: o tradutor lê o texto de origem, escreve uma das variantes da instrução de definição, comenta o registro, continua com a opção ou procura uma nova e escreve. Mas, de repente, na falta de

²⁰ “Reflected decision-making processes may also begin with automatically retrieved options but, if the spontaneous process is disturbed, options have to be generated consciously and deliberately using internal or external search followed by evaluation.”

uma variante, ou diante de problemas com a compreensão, a interpretação ou a reformulação, um processo consciente é ativado e pode tomar uma nova forma, ou seja, o tradutor lê o texto de origem, consulta os suportes externos, avalia e escreve.

2.3.4 Decisões construídas

Se, no final do processo de tomada de decisão refletida, as respostas consideradas necessárias para concluir a tomada de decisão não tiverem sido encontradas e, conseqüentemente, o tradutor tiver que recorrer à suposição para chegar a uma conclusão, decisões construídas são tomadas. (PRASSL, 2010:62, tradução nossa)²¹

Este seria o caso quando as instruções de definição não correspondem ao contexto do texto de origem, e, para isso, um alto nível de envolvimento cognitivo é solicitado para resolver este problema. Sendo assim, o tradutor não pode apenas confiar nas suas experiências pessoais, e a escolha será baseada num novo conhecimento que será gerado, o que requer a combinação de fontes externas e internas para que este seja encontrado.

Para concluir, apresenta-se, esquematicamente, um resumo da tipologia dos processos de tomada de decisão do tradutor segundo Jungermann et al. (2005) apud Prassl (2010):

Quadro 2: Tipologia do processo de tomada de decisão.

	Decisões rotinizadas	Decisões estereotipadas	Decisões refletidas	Decisões construídas
Busca das opções	Inconsciente	Inconsciente	Inconsciente ou consciente	Consciente
Avaliação das opções		Não premeditada	Premeditada	Premeditada

Fonte: Prassl (2010:64, tradução nossa)

E é a partir dessa tipologia, que se classificam as tomadas de decisão dos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa.

²¹ "If towards the end of the reflected decision-making process answers deemed necessary to complete the decision have not been found, and consequently the translator has to resort to guessing to come to a conclusion, constructed decisions are made."

3 CAPÍTULO 2 - ESTUDO DE CASO

“E se há algo de certo na reflexão tradutora é que uma teoria que pretenda efetivamente explicar o fato tradutivo deverá partir da “tradução real e historicamente existente”.” (Vega Cernuda, 2012:165).

3.1 TEXTO DE ORIGEM

Com o objetivo de simular, por meio da oficina de tradução, uma situação real de tradução, optou-se por um texto autêntico, que já foi veiculado oficialmente em uma revista. Este texto de origem foi indicado pelo professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, Bernd Stefanink,²² que também pesquisa o processo de tomada de decisão em tradução, mas a partir da abordagem hermenêutica. O mesmo texto já havia sido utilizado em outras oficinas de tradução colaborativa promovidas pelo professor em outros países (Ver Anexo 1).

O texto em questão, como já mencionado, é um texto não literário; contém noventa e duas palavras, sendo quinhentos e setenta e cinco caracteres sem espaço; foi originalmente escrito em inglês, na variante americana, e publicado na revista *Newsweek* no dia 28 de fevereiro de 1994, cinco anos depois da queda do muro de Berlim.²³ A *Newsweek* é uma revista de notícias semanal norte-americana, publicada na cidade de Nova Iorque, distribuída nos Estados Unidos e também internacionalmente. Na atualidade, é a segunda maior revista semanal do país, superada apenas pela *Time* em circulação e ganhos com publicidade. Trata-se, portanto, de um típico texto jornalístico. Escrito em prosa formal, não apresenta o uso de figuras de linguagem; é composto por cinco orações distribuídas em dez linhas e contém diversos adjetivos, sendo alguns deles sinônimos entre si, o que resulta numa cadeia de isotopias ao longo do texto. Pelo fato de ser um texto do

²² Professor da Universidade de Bielefeld. Pesquisador e professor membro da Herder Foundation/DAAD desde 2007. Professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil de agosto de 2015 a julho de 2016.

²³O Muro de Berlim foi construído pela Alemanha Oriental para separar a Berlim Ocidental, não comunista, da Berlim Oriental. Começou a ser construído em 13 de agosto de 1961, passou por modificações até os anos 1980 e foi derrubado em 1989.

gênero jornalístico, tem como função primeira informar o leitor através de elementos fatuais.

De acordo com Emília Amaral et al. (1993), o leitor do dia a dia costuma pensar que no contexto jornalístico predomina a informação, a notícia. No entanto, há dois tipos de texto jornalístico: o narrativo e o opinativo. No narrativo, os personagens, os fatos, são apresentados pelo ângulo do narrador, a partir de sua perspectiva, enquanto nos textos opinativos, de análise e crítica, há uma expressão direta de um ponto de vista, muitas vezes deixando em segundo plano ou mesmo suprimindo os fatos em que tal ponto de vista se baseia.

O contexto jornalístico caracteriza-se pela presença de informações, ou notícias, às quais se aliam comentários, opiniões. Sua linguagem é formal na medida em que revela uma preocupação de respeitar as normas gramaticais, mas tem traços de informalidade ou de uma linguagem mais desenvolvida, natural, mais próxima da fala, que pretende garantir uma proximidade com o leitor e, além disso, convencê-lo, persuadi-lo da veracidade de suas notícias/informações/opiniões. (AMARAL et al., 1993:294)

Nesse sentido, pode-se afirmar que os personagens e os fatos são apresentados pelo ângulo do autor do texto, ou seja, o autor apresenta o material verbal através de uma narração idealizada segundo o seu próprio ponto de vista, com um tom emocional e deslumbrante. Do mesmo modo, o autor do texto utilizado neste estudo tem uma intenção e um público alvo: o leitor americano de 1994. Fica evidente, portanto, que há uma distância cronológica, geográfica e cultural entre as personagens, o autor e o público alvo a ser considerada.

Segundo a perspectiva do autor do texto de origem, a transformação descrita aconteceu na Alemanha, especificamente na parte oriental do país – na época, a Alemanha Oriental vivia sob o regime socialista de governo; entretanto, o artigo foi publicado somente em 1994, ou seja, cinco anos depois da queda do muro (1989). Diante disso, importa observar como o autor selecionou e transformou este fato histórico fundamentado na visão contemporânea de mundo dele. Ou seja, o autor deste texto parte de uma verdade histórica, mas o seu conhecimento histórico adquire uma validação mais ampla daquilo que ele sabe sobre a Alemanha, não pela visão dele, mas pela visão da sociedade americana da época.

Eis o texto de origem:

Sleek new cars speed along straightened and repaved Autobahns. Shiny service stations come equipped with well-stocked convenience stores and gleaming self-service restaurants. Enormous supermarkets, furniture stores and shopping emporiums dot the east German landscape, and giant cranes stand tall against the sky. Every seat is filled at Dresden's magnificent neo-classical opera house: comfortable burghers sip French champagne during the intermissions. Even in grimy Bitterfeld, a mining and chemicals centre notorious for its pollution, well-dressed women from a nearby retirement home gather for creamy coffee and gigantic pastries at a Swiss-owned coffee shop. (*Newsweek*, February 28, 1994:14)

3.2 PÚBLICO ALVO DAS OFICINAS DE TRADUÇÃO COLABORATIVA

No presente caso de estudo, estabeleceu-se como público alvo das oficinas de tradução colaborativa pesquisadores regularmente matriculados em disciplinas, em nível de mestrado e doutorado, da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. A primeira fase da pesquisa se concentrou no levantamento de *corpus*. Para tanto, mais de quarenta pesquisadores foram convidados a participar das oficinas de tradução colaborativa, dentre os quais dez pesquisadores compareceram ao local, horário e data combinados; nove deles participaram efetivamente de uma das três oficinas que foram realizadas.

Dessa forma, nove pesquisadores, brasileiros, falantes da norma culta da língua portuguesa – entendidos como tal, pois, de acordo com o levantamento do perfil deles, todos possuem formação universitária completa –, nascidos em diferentes cidades do Brasil, de sexo masculino ou feminino, de faixa etária entre 25 e 38 anos, com experiência em tradução e com proficiência na língua de origem, traduziram, de forma colaborativa, o texto de origem e deixaram o seu testemunho oral das negociações, pensamentos, intuições, contestações, sentimentos e do próprio processo de tomada de decisão realizado por eles na busca de uma tradução em versão única.

3.3 METODOLOGIA

Para fazer a investigação do processo de tradução, necessita-se de *corpora* ou até mesmo de mais de um. O *corpus* principal desta pesquisa foi obtido por meio da promoção de oficinas de tradução. Essas oficinas foram idealizadas no sentido de promover uma simulação real de tradução para registrar como, na prática, pesquisadores regularmente matriculados, em nível de mestrado e doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução realizam o processo de tradução intralingual. Para isso, utilizou-se a metodologia *Think-aloud Protocol* e a tradução colaborativa.

É importante salientar que a proposta do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC apoia-se no desenvolvimento geral da tradução, com área de concentração em duas linhas de pesquisa: “Teoria, crítica e história da tradução” e “Lexicografia, tradução e ensino de línguas”. Nesse sentido, busca a formação de pesquisadores capazes de equilibrar reflexões teórica, crítica e histórica da tradução bem como o suporte lexicográfico voltado ao ensino de língua, objetivando a formação para o exercício das atividades de pesquisa, de tradução, propriamente dita, e de magistério superior na área de tradução. Além disso, o programa possibilita o aperfeiçoamento das ferramentas de trabalho do tradutor e a elaboração de traduções anotadas de textos importantes em várias áreas, provenientes de várias línguas e culturas, de forma a oferecer modelos de tradução que possam, eventualmente, incentivar novas práticas entre os tradutores. Assim, a PGET é mais um centro de reflexão sobre tradução do que um centro de formação de tradutores, embora muitos pesquisadores, regularmente matriculados em nível de mestrado e doutorado, realizem traduções comentadas, sem deixar de lado, porém, as reflexões teóricas da tradução bem como a autocrítica.

Com o objetivo de fazer com que os participantes das oficinas de tradução intensificassem a verbalização dos seus pensamentos, intuições, contestações e sentimentos durante o processo de tradução, e a fizessem de forma natural e descontraída, optou-se por realizar as oficinas de forma colaborativa, isto é, em grupo. Dessa forma, dois ou três pesquisadores deveriam, juntos, por meio do diálogo, da argumentação, da contra argumentação, da negociação e da consulta

aos suportes internos e externos, traduzir o texto de origem e redigir uma única versão dele, quer dizer, uma versão de consenso.

Todas as verbalizações que foram feitas, em voz alta, pelos pesquisadores, durante o processo de tradução do texto de origem foram gravadas, gerando 2 horas, 20 minutos e 18 segundos de áudio, os quais foram transcritos na íntegra, conforme exposto nos apêndices 2 e 4 e posteriormente analisados. Na sequência, apresenta-se o planejamento, a execução, a gravação e a transcrição de cada uma das três oficinas, seguidos da análise e discussão de determinados pontos.

3.3.1 Oficina 1

A primeira oficina de tradução colaborativa foi promovida e orientada pelo professor Dr. Bernd Stefanink, na disciplina “Hermenêutica e Tradução – Tópicos Especiais”, como atividade curricular desta disciplina, no final do 2º semestre de 2015, nas dependências do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, com pesquisadores regularmente matriculados nesta disciplina. Dentre os cinco pesquisadores regularmente matriculados, apenas três compareceram à oficina. Sendo assim, cada um recebeu uma cópia do texto de origem. O professor já os havia orientado, antecipadamente, que teriam que produzir, de forma colaborativa, uma tradução, em versão única, do texto de origem em sua língua materna e, ao mesmo tempo, deveriam verbalizar em voz alta seus pensamentos, intuições, contestações e sentimentos durante o processo de tradução.

Durante a atividade, os pesquisadores puderam utilizar suportes internos, como busca de dados na memória de longo prazo, e suportes externos, como pesquisa na internet via dispositivos eletrônicos (celular, *tablet* e *notebook*) para consultar dicionários *online*, *Google* imagem, banco de dados, textos paralelos, entre outros. Eles traduziram, de forma coletiva, um único texto de origem, que não podia ser dividido em partes; ademais, realizaram a revisão da versão final, também coletivamente.

Essa oficina foi integralmente gravada por um dos pesquisadores que participou da oficina, para, posteriormente, ser transcrita e analisada. Porém, no

intervalo de uma semana, perdeu-se a gravação, pois quem se responsabilizou por esta tarefa trocou de celular e perdeu a gravação, restando apenas a tradução escrita em versão única, que me foi enviada por um dos participantes (informante 1) pelo *messenger* do *Facebook*, no dia 27/04/16 (Anexo 2). Apesar da gravação desta oficina ter sido perdida, estabeleceu-se como objeto de análise a tradução produzida por eles, o perfil dos participantes e as repostas dadas nos questionários.

3.3.2 Oficina 2

A segunda oficina foi realizada no dia 16/05/2016, em uma das salas de aula do Programa de Pós-Graduação em Linguística, nas dependências da UFSC. O convite (Apêndice 1) foi enviado por correio eletrônico para vinte pesquisadores regularmente matriculados na disciplina “Teorias da Tradução I”, que estava sendo ministrada pela professora Dra. Andréia Guerini, e para cinco pesquisadores que estavam regularmente matriculados na disciplina de “Lexicografia e ensino de línguas estrangeiras”, ministrada pela professora Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão; porém, apenas três pesquisadores compareceram ao local, data e hora combinados, sendo que um deles foi dispensado, pois também estava regularmente matriculado na disciplina de “Hermenêutica e Tradução II”, ministrada pelo professor Stefanink, e já conhecia o texto de origem, inclusive, já o havia traduzido. Sendo assim, duas pesquisadoras compareceram ao local, na data e hora marcadas. Esta oficina contou ainda com a presença da documentadora, que foi a pessoa responsável pela promoção, orientação, gravação, transcrição e análise das oficinas, enfim, a pesquisadora que aqui expõe os resultados desta pesquisa.

Como na primeira oficina, cada pesquisadora recebeu uma cópia do texto de origem. A documentadora já as havia orientado, antecipadamente, sobre as normas de funcionamento da oficina: teriam que produzir, de forma colaborativa, uma tradução, em versão única, do texto de origem em sua língua materna, e, ao mesmo tempo, deveriam verbalizar em voz alta seus pensamentos, intuições, contestações, dúvidas e sentimentos durante o processo de tradução.

Após alguns minutos do início do processo de tradução colaborativa, mais uma pesquisadora entrou na sala. Enquanto as demais pesquisadoras traduziam, ela permaneceu por um tempo sem participar da discussão, mas, de repente, depois

de 25 minutos, ela se interessou e passou a verbalizar, de longe, as suas opiniões sobre determinadas instruções de definição e tomadas de decisão. Durante a atividade, as pesquisadoras também puderam utilizar suportes internos, como a busca de dados na memória de longo prazo, e também realizaram buscas nos suportes externos, como pesquisa na internet via dispositivos eletrônicos.

Nos primeiros momentos da oficina, a documentadora participa do diálogo, retomando algumas orientações que já haviam sido passadas e que não tinham ficado bem claras, e acaba participando, de forma moderada, em algumas partes do processo de tradução e de negociação da versão única, conforme pode ser visto na transcrição da oficina 2 (Apêndice 2). Trata-se de uma negociação mais ou menos equilibrada entre os iguais linguísticos, uma conversa simétrica, cujo ritmo é dado pelas próprias pesquisadoras. Estas, num primeiro momento, participaram com pouca espontaneidade, talvez por não estarem à vontade diante da documentadora para, a qualquer momento, verbalizar em voz alta seus pensamentos, intuições, contestações, dúvidas e sentimentos durante o processo de tradução. Isso pode ser observado nas suas primeiras verbalizações:

I2 - é... que... assim... é difícil quando fala isso na frente de uma professora... kkk...

Diante dessa declaração que é feita logo no início da oficina, pode-se observar que a informante 2 deixa evidente que não estava se sentindo à vontade com a presença da documentadora, que atua como professora na rede estadual de ensino do estado de Santa Catarina. Essa informação sobre a documentadora pareceu inibir a naturalidade do diálogo e causar insegurança e angústia nas pesquisadoras. A informante 2 se sente coagida e termina a sua declaração com uma risada, que é transcrita por meio de uma onomatopeia, “kkk...”, e dependendo do perfil da pessoa essa risada pode ser interpretada mais como uma forma de exprimir o nervosismo.

As pesquisadoras mostraram-se perfeitamente conscientes de que o diálogo estava sendo gravado, mas também se mostraram inseguras, no início da oficina, com o gravador do celular. Entretanto, aos poucos, quando elas “esqueceram” a

documentadora e o fato de que estavam sendo gravadas, o diálogo se tornou mais descontraído e natural. A partir desse momento, mostraram-se inteiramente envolvidas, não só na negociação da tradução e no processo de tomada de decisão, mas também na própria interação, à medida que trocavam ideias sobre a tradução do texto de origem. Pode-se encontrar na transcrição vários momentos em que as participantes fazem alusão a essa atmosfera descontraída na qual se desenvolveu a negociação, a exemplo de algumas reações espontâneas, tais como risos e gargalhadas, como se observa na declaração abaixo:

I2 - ... nós teríamos que mudar aqui em cima então... rs... rs... rs... rs... porque daí... aqui 'brilhantes serviços'...

Apesar dessa atmosfera descontraída, elas não abordam outros assuntos além das questões relativas à tradução do texto.

Vale ressaltar que essa oficina foi gravada num dispositivo móvel (celular), no formato de vídeo MP4, e gerou dois arquivos, um com duração de 1 hora (81,9 MB) e outro com duração de 3 minutos e 26 segundos (1,39 GB), totalizando 1 hora, 03 minutos e 26 segundos de gravação. Ainda, não havia sido estabelecido um tempo limite para a realização da oficina, e era permitida a comunicação somente com e entre as pesquisadoras presentes na oficina. Todas as falas foram transcritas na íntegra e sem camuflar as marcas da oralidade presentes no processo de verbalização dos pensamentos, intuições, contestações etc. Dessa maneira, obteve-se os dois primeiros *corpora*: um arquivo sonoro, fixado graficamente no plano da escrita (Apêndice 2), e a versão final da tradução, que foi escrita manualmente e entregue no final da oficina (Anexo 3).

3.3.3 Oficina 3

A terceira oficina foi realizada com o objetivo de se obter mais uns *corpora* para fins de análise e comparação. O convite foi enviado via correio eletrônico para dezessete alunos que estavam regularmente matriculados na disciplina “Crítica de Tradução”, ministrada pela professora Dra. Martha Lucia Pulido Correa; contudo, três pesquisadores compareceram ao local, data e hora combinados (Apêndice 3).

Por causa da incompatibilidade de datas e horários entre os pesquisadores interessados, além da falta de salas, foi bem mais difícil organizar esta oficina. Assim, o encontro se realizou no dia 06/09/2017, no *hall* de entrada da PGET, nas dependências da UFSC.

Como nas oficinas anteriores, cada pesquisador recebeu uma cópia do texto de origem. A documentadora já os havia orientado, antecipadamente, sobre as normas de funcionamento da oficina: teriam que produzir, de forma colaborativa, uma tradução, em versão única, do texto de origem em sua língua materna e, ao mesmo tempo, deveriam, verbalizar em voz alta seus pensamentos, intuições, contestações, dúvidas e sentimentos durante o processo de tradução. Os pesquisadores também puderam utilizar suportes internos, como busca de dados na memória de longo prazo, e externos, como pesquisa na internet via dispositivos eletrônicos.

Nesta oficina, a negociação também contou com a presença da documentadora, que, mais uma vez, foi a pessoa responsável pela promoção, orientação e gravação da oficina. Porém, não houve uma participação significativa da documentadora durante os diálogos, como pode ser observado na transcrição, pois os participantes desta oficina não necessitaram de maiores explicações sobre as normas de funcionamento da oficina e não demandaram outras intervenções, como aconteceu na oficina 2.

Foi, portanto, uma negociação bastante equilibrada entre os iguais linguísticos, uma conversa simétrica, cujo ritmo também foi dado pelos próprios pesquisadores, que participaram com espontaneidade e se mostraram à vontade diante da documentadora para, a qualquer momento, verbalizar em voz alta seus pensamentos, intuições, contestações, dúvidas e sentimentos durante o processo de tradução.

Ainda, os participantes mostraram-se perfeitamente conscientes de que o diálogo estava sendo gravado, não se sentiram incomodados com isso e não se preocuparam com o gravador do celular. Revelaram-se inteiramente envolvidos, não só na negociação da tradução, mas também na própria interação, à medida que trocavam ideias sobre a tradução. Pode-se encontrar nesta transcrição mais

momentos que fazem alusão à atmosfera descontraída em que se desenvolveu o processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem do que na oficina 2. Deduz-se isso pela quantidade de reações espontâneas, tais como risos e gargalhadas, e essa espontaneidade é vista como resultado da interação, como se observa nas declarações abaixo.

I2 - é... 'carros novinhos em folha'... kkkk...

I3 - he... he...he...

A atmosfera é tão natural e descontraída que, durante o processo de tradução, os pesquisadores que participaram desta oficina abordaram outros assuntos, como a diferença na pronúncia das letras *v* e *w* nas línguas inglesa e alemã:

I2 - é Volfren... ooh I3... no alemão... todo *w* é falado como *v* né?

I3 - aham...

I2 - nesses dias... a "fulana" falou 'Wikipédia'...

I3 - aham...

I2 - aí eu fiquei... fiquei... fiquei... pera aí eu olhei... é porque ela é professora de alemão... rs... rs... rs...

I3 - mas os alemães falam inglês... eles falam o *w* como *v* também...

I2 - ah é...

I3 - por exemplo o what...

I2 - huuuum... vat...

I3 - o who... sei lá... umas coisas assim... o "fulano" fala... rs... rs... rs...

Essa oficina também foi gravada num dispositivo móvel (celular), no formato de áudio MPEG-4, e gerou um único arquivo com duração de 1 hora, 16 minutos e 52 segundos de gravação (71,6 MB). Também não havia tempo limite estabelecido para a realização da atividade, e a comunicação era permitida apenas entre os pesquisadores presentes na oficina. Todas as falas foram transcritas na íntegra e sem camuflar as marcas da oralidade presentes no processo de verbalização dos pensamentos, intuições, contestações etc. Dessa maneira, obteve-se mais dois

corpora: um arquivo sonoro, fixado graficamente no plano da escrita (Apêndice 4), e a versão final da tradução do texto de origem, que foi digitada diretamente no *notebook*. Primeiramente, a informante 2 iniciou a digitação, mas, por problemas técnicos, a informante 1 reiniciou o processo e, dias depois, enviou a versão final do texto via correio eletrônico, no dia 19/09/2017 (Anexo 4).

3.3.4 Perfil

Depois da realização das oficinas de tradução colaborativa e da transcrição das gravações, ao se iniciar a análise do processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem bem como do processo de tomada de decisão dos pesquisadores, pode-se perceber que alguns pesquisadores apresentaram dificuldades para realizar a tradução. Diante dessa constatação, sentiu-se a necessidade de conhecer melhor estes pesquisadores. Procedeu-se, então, uma verificação do currículo dos pesquisadores quanto à área de formação acadêmica, atuação profissional e proficiência em línguas estrangeiras.

As informações referentes a esses aspectos foram obtidas através de consulta feita no currículo *Lattes*, disponíveis na Plataforma *Lattes*, por intermédio da página oficial da PGET, na aba Discentes.²⁴ A presente pesquisa adotou este método de consulta porque, conforme o Edital nº 02/PGET/2017, publicado no dia 05 de outubro de 2017, que regulamentou a seleção de alunos(as) para o semestre 2018.1 dos cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, eram pré-requisitos para a inscrição, além do projeto de pesquisa e da documentação pessoal, a cópia autenticada do histórico escolar e do diploma do curso de graduação, o currículo *Lattes* atualizado com a produção dos últimos quatro anos e o atestado de proficiência em língua estrangeira.

O currículo *Lattes* é um conjunto de dados pessoais elaborado nos padrões da Plataforma *Lattes*, gerida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Este modelo de currículo se tornou um padrão nacional no registro do

²⁴ <http://www.pget.ufsc.br/discentes/matriculados.php?cat=mest>. Acesso em 16 de fevereiro de 2018.

percurso acadêmico de pesquisadores do Brasil. Atualmente, ele é adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do país, pela simplicidade no seu preenchimento e possibilidade de consulta em qualquer lugar, através da internet, além da transparência profissional para a comunidade científica, uniformidade dos dados e facilidade no preparo e envio.

No critério “formação acadêmica”, buscou-se saber em que área cada pesquisador havia se graduado; no critério “atuação profissional”, fez-se o levantamento das experiências práticas na área da tradução; e, no critério proficiência em idiomas, buscou-se o que eles informavam sobre suas próprias habilidades referentes à leitura, escrita, fala e compreensão em língua inglesa, a língua do texto de origem.

Assim, obteve-se mais uma dimensão de informação para complementar a análise do processo de tradução dos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa, criando-se a possibilidade de sondar, ratificar e confrontar as informações dadas por eles no currículo, junto a algumas declarações verbalizadas durante o processo de tradução do texto de origem. Ainda, buscou-se investigar se uma dessas três áreas interferiu ou não no processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem em língua portuguesa bem como no processo de tomada de decisão.

A partir dessa busca, traçou-se o perfil de cada pesquisador que participou das oficinas de tradução colaborativa a partir dessas três perspectivas: formação acadêmica, atuação profissional e proficiência em idiomas, exceto da informante 3 da oficina 2, com a qual não houve mais contato depois da realização da oficina. As informações dos demais pesquisadores foram organizadas esquematicamente conforme os quadros a seguir:

Quadro 3: Oficina 1 - Informante 1

Informante 1				
Formação acadêmica				
Graduação	Mestrado			Doutorado
Jornalismo pela UFSC.	Estudos da Tradução pela Universidade de Heidelberg, Alemanha.			Doutoranda em Estudos da Tradução pela UFSC.
Atuação profissional				
Professora de alemão em curso extracurricular e repórter, pauteira e editora (Vínculo de bolsista)				
Proficiência em idiomas				
Inglês	Espanhol	Francês	Alemão	Latim
Compreende, fala, lê e escreve bem.	Compreende, fala, lê e escreve razoável.	Compreende fala, lê e escreve bem.	Compreende, fala, lê e escreve bem.	Compreende, fala e escreve pouco e lê razoável.

Fonte: Autora (2019).

Quadro 4: Oficina 1 - Informante 2

Informante 2					
Formação acadêmica					
Graduação		Pós-Graduação		Mestrado	
Letras português, Inglês e suas literaturas pela UNIPAC-MG e graduando em Pedagogia pela UNICESUMAR.		Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pela UNINTER.		Mestrando em Estudos da Tradução pela UFSC.	
Atuação profissional					
Atua desde 1997 no ensino de idiomas (inglês, francês, espanhol e italiano) para várias faixas etárias e finalidades de estudo e, desde 1999, como tradutor e intérprete <i>freelancer</i> .					
Proficiência em idiomas					
Inglês	Espanhol	Francês	Italiano	Árabe	Alemão
Compreende fala, lê e escreve bem.	Compreende, fala, lê e escreve bem.	Compreende, fala, lê e escreve bem.	Compreende, fala, lê e escreve bem.	Compreende e fala razoavelmente, lê e escreve pouco.	Compreende, fala e escreve pouco e lê razoável.

Fonte: Autora (2019).

Quadro 5: Oficina 1 - Informante 3

Informante 3			
Formação acadêmica			
Graduação	Mestrado	Doutorado	
Letras Inglês/Português Bacharelado – Tradução pela UFPR.	Letras pela UFPR.	Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela UFSC.	
Atuação profissional:			
Pesquisador (Vínculo voluntário)			
Proficiência em idiomas			
Inglês	Alemão	Francês	Latim
Compreende, fala, lê e escreve bem.	Compreende e lê bem, fala e escreve razoavelmente.	Compreende, escreve e fala pouco e lê razoavelmente.	Lê e escreve razoavelmente.

Fonte: Autora (2019).

Quadro 6: Oficina 2 - Informante 1

Informante 1	
Formação acadêmica	
Graduação:	Mestrado:
Letras - Secretariado Executivo pela UFSC e cursava a segunda graduação em Letras Português pela UFSC.	Mestranda em Estudos da Tradução pela UFSC.
Atuação profissional	
Profissionalmente, atuou na área de educação, trabalhando com processos de inclusão do programa SENAI e na área de secretaria acadêmica, com ênfase em acompanhamento de processos de bolsas e financiamentos (FIES). Atuando também como bolsista em projeto de pesquisa na área linguística de reconhecimento de fala.	
Proficiência em idiomas	
Inglês	Espanhol
Compreende, fala, lê e escreve bem.	Compreende e lê razoável e escreve pouco.

Fonte: Autora (2019).

Quadro 7: Oficina 2 - Informante 2

Informante 2		
Formação acadêmica		
Graduação:		
Graduação em Letras/Italiano pela UFSC. Graduação interrompida em 2008 em Letras – Inglês pela UNIVALI.		
Atuação profissional		
Participa do projeto de pesquisa: Tradução do português para o italiano do livro <i>Eu, de Augusto dos Anjos</i> (notes 2011.3886), desenvolvido na UFSC (2015 – atual), sob a coordenação do Professor Dr. Sergio Romanelli. Foi bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) no projeto de pesquisa: Tradução anotada e comentada do <i>Zibaldone di pensieri</i> , de Leopardi, em português de 1821, sob a orientação da Professora Dra. Andréia Guerini, e é membro do grupo de pesquisa Estudos Leopardianos.		
Proficiência em idiomas		
Inglês	Espanhol	Italiano
Compreende, lê, escreve bem e fala pouco.	Compreende, lê, escreve bem e fala pouco.	Compreende, fala, lê e escreve bem.

Fonte: Autora (2019).

Quadro 8: Oficina 3 - Informante 1

Informante 1	
Formação acadêmica	
Graduação:	Mestrado:
Letras Inglês pela UFSC.	Mestranda em Estudos da Tradução pela UFSC.
Atuação profissional	
Não tem informação na plataforma.	
Proficiência em idiomas	
Inglês	Espanhol
Compreende, fala, lê e escreve bem	Compreende e lê bem, fala e escreve razoavelmente.

Fonte: Autora (2019).

Quadro 9: Oficina 3 - Informante 2

Informante 2		
Formação acadêmica		
Graduação:	Mestrado:	
Letras Inglês e Tradução em Língua Inglesa pela UEM.	Mestranda em Estudos da Tradução pela UFSC.	
Atuação profissional		
Já realizou pesquisas na área de tradução audiovisual (legendagem) e tradução infantil. Sua pesquisa está voltada para a tradução de textos sensíveis, tendo como foco específico a tradução da Bíblia em linguagem contemporânea. Além disso, atua como professora titular de Língua Inglesa no Colégio Adventista de Florianópolis, ministrando aulas para alunos da educação infantil e ensino fundamental inicial.		
Proficiência em idiomas		
Inglês	Espanhol	Francês
Compreende, fala, lê e escreve bem.	Compreende bem, fala e escreve pouco e lê razoavelmente.	Compreende, fala, lê e escreve razoavelmente.

Fonte: Autora (2019).

Quadro 10: Oficina 3 - Informante 3

Informante 3			
Formação acadêmica			
Graduação	Especialização	Mestrado	
Letras Língua Alemã e Ciências da Computação pela UFSC.	Especialização em andamento em Tradução Audiovisual Acessível/Legendagem.	Mestrando em Estudos da Tradução pela UFSC.	
Atuação profissional			
Bolsista, oficial de computação, sargento especialista em meteorologia e técnico de recursos humanos.			
Proficiência em idiomas			
Inglês	Alemão	Francês	Espanhol
Compreende, fala e lê bem e escreve razoável.	Compreende, fala, lê e escreve razoável.	Compreende razoavelmente, fala pouco.	Compreende, fala e lê razoável e escreve pouco.

Fonte: Autora (2019).

Como pode-se observar, a formação acadêmica foi dividida em dois níveis: graduação e pós-graduação, identificando a área e a instituição; já a proficiência em idiomas apresenta, além da proficiência dos pesquisadores em língua inglesa, que é a língua do texto de origem, as demais línguas mencionadas pelos pesquisadores

em seus currículos. Por fim, a análise deste material se encontra disponível detalhadamente no capítulo 3, na seção Perfil dos pesquisadores.

3.3.5 Questionário

Para finalizar o levantamento de *corpus*, os pesquisadores responderam a um questionário elaborado com quatro perguntas subjetivas, conforme o quadro abaixo.

Quadro 11: Questionário

Que experiência prática de tradução possui?
 Tinha experiência prévia em tradução colaborativa antes das oficinas?
 Quais os desafios de ter produzido uma versão única no grupo?
 Quais os desafios de utilizar TAP? Já conhecia o protocolo?

Fonte: Autora (2018).

Optou-se por esta metodologia por ser uma forma prática de recolher dados, além de permitir uma fácil análise de resultados. O questionário foi dirigido especificamente ao grupo de pesquisadores que participou das oficinas de tradução colaborativa e em formato aberto, já que esse modelo permite respostas individualizadas.

Outrossim, preferiu-se aplicar um questionário breve, uma vez que os pesquisadores poderiam pensar que responder a um questionário demasiadamente longo seria cansativo e frustrante. Portanto, optou-se por questões simples e precisas, para evitar problemas de compreensão e interpretação, já que não teria alguém para explicá-las, e garantir que cada um tivesse o mesmo entendimento, do mesmo modo quando é respondido pessoalmente ou no modelo de entrevista. Consequentemente, não se observou a expressão facial, as reações diante das perguntas e a linguagem corporal utilizada pelos pesquisadores. As perguntas foram enviadas via correio eletrônico e/ou via redes sociais, como a ferramenta de bate-papo do *Facebook*, depois da realização das oficinas, pois seria a maneira mais

rápida de fazer isso, evitando deslocamentos, incompatibilidade de datas e horários e/ou falta de espaço físico adequado para a aplicação do mesmo. Os pesquisadores levaram o tempo que quiseram para responder às questões, e o processo não implicou na identificação pessoal, visto que o anonimato facilitaria e maximizaria o conforto, além de encorajar os inquiridos a responderem com sinceridade, afinal, conforme verbalizado no início da realização da oficina 2, as pesquisadoras ficaram constrangidas com a presença da documentadora durante o processo de tradução.

O questionário foi elaborado com o objetivo de sondar, complementar e confrontar as verbalizações realizadas pelos pesquisadores durante o processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem em língua portuguesa bem como o processo de tomada de decisão, com base nas informações oferecidas por eles no currículo *Lattes*. Além do mais, funcionou como um *Feedback* do próprio formato das oficinas e das metodologias utilizadas: *Think-aloud Protocol* e tradução colaborativa. Por fim, a análise deste material se encontra disponível detalhadamente no capítulo 3, Análise e Discussão, na seção Questionário.

4 CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO

Mesmo que o foco desta pesquisa não seja a análise e a interpretação de textos orais, se faz necessário registrar que muitos problemas e dificuldades emergiram durante o processo de transcrição das gravações das oficinas de tradução colaborativa. Diante disso, essa questão merece ser registrada como parte constitutiva da pesquisa.

Transcrever é um trabalho minucioso e árduo, que demanda tempo para ser produzido. A primeira versão das transcrições foi realizada de maneira mais literal e inocente, por assim dizer, sem uma noção mais ampla de análise de textos orais, ou seja, sem preocupações com a pontuação, a padronização do texto e as marcas da oralidade. Dito de outra forma, não se considerou o abismo que há entre a modalidade escrita e oral da língua. Problemas como o turno e suas estratégias de gestão, as leis da simetria na conversação natural, a estruturação dos tópicos ou temas, os procedimentos de reformulação, o emprego de sinais característicos da língua oral (que são conhecidos como marcadores conversacionais), a sobreposição de vozes, o fluxo conversacional e a densidade informativa não foram ponderados em nenhum momento. A concepção de que a língua falada tem suas regras próprias não foi nem cogitada, apenas transcreveu-se.

Assim, durante a releitura das transcrições que daria início ao processo de análises, percebeu-se que, apesar das transcrições terem sido feitas na íntegra, elas não transportavam a emoção daquele momento, daquele diálogo, daquelas discussões, daquelas negociações, dos processos de tomada de decisão vivenciada durante as oficinas. Diante disso, constatou-se a necessidade de se ouvir novamente as gravações e refazer as transcrições. Porém, este processo ocorre um tempo depois, após a leitura da obra *Análise de textos orais*, organizada por Dino Petri e publicada em 1997.

De acordo com Petri (1997:7), o estudo da modalidade oral da língua ampliou-se consideravelmente nas décadas de 80 e 90, e a aplicação das teorias da

Análise da Conversação tornou possível o estudo do fenômeno da oralidade, fora dos métodos tradicionalmente usados para a análise da língua escrita.

Como mencionado anteriormente, os novos problemas, como o turno (a macrounidade da língua falada) e suas estratégias de gestão, as leis de simetria na conversação natural, a estruturação dos tópicos ou temas, os procedimentos de reformulação, o emprego de vozes, o fluxo conversacional e a densidade informativa também foram localizados e enfrentados durante o processo de transcrição, que, à primeira vista, se mostrava uma tarefa simples e fácil.

A análise de textos orais procura tratar desse e de outros assuntos ligados à língua oral, inclusive sua comparação com a língua escrita e até mesmo sua presença no diálogo literário, mas, aqui, o foco se ateve aos marcadores conversacionais que concretizaram o processo de compreensão, interpretação, reformulação do texto de origem e o processo de tomada de decisão dos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa. Segundo Petri (1997:8), Hudinilson Urbano (1997:99), ao tratar dos marcadores conversacionais, que é um dos temas mais discutidos na Análise da Conversação, analisa estes sinais sob o aspecto formal, semântico, sintático e, também, quanto às suas funções comunicativo-interacionais.

Além dessas barreiras, outra dificuldade apareceu durante a transcrição: separar o diálogo realizado entre os pesquisadores, de acordo com as dez linhas do texto de origem, conforme indicado pelo professor Stefanink, por conta do fluxo conversacional, visto que o diálogo não seguia um passo a passo, pois os assuntos iam e voltavam. Na transcrição da gravação da oficina 3, essa dificuldade ficou mais acentuada por dois motivos. Primeiro, os pesquisadores, inconscientemente, separam as discussões e o processo de tradução em cinco momentos que foram definidos de acordo com as cinco orações do texto de origem. Segundo três pesquisadores verbalizaram os seus pensamentos desde o início da oficina, ou seja, houve muito mais interação e espontaneidade, o que dificultou a transcrição, pois ocorreu mais trocas de turno e de falas, truncamento e simultaneidade de vozes.

Outro problema a ser elencado refere-se à forma como foi feita a gravação das oficinas, já que foi mais fácil realizar a transcrição da oficina 3, que foi gravada no formato de áudio MPEG-4, do que a transcrição da oficina 2, que foi gravada no formato de vídeo MP4. Isso ocorreu porque a gravação gerada no formato MPGE-4

foi mais fácil de manusear, visto que era necessário repeti-la muitas vezes, para certificar se realmente havia sido transcrito tudo o que foi verbalizado.

Mais uma situação que merece reflexão é a forma de gravação utilizada para registrar as oficinas de tradução colaborativa, pois, apesar da oficina 2 ter sido gravada no formato de vídeo, infelizmente, a câmera não foi posicionada adequadamente para captar as imagens das pesquisadoras enquanto traduziam, o que impossibilitou a análise das expressões faciais e da linguagem corporal utilizada pelas pesquisadoras que participaram das oficinas de tradução colaborativa, o que seria interessante analisar, juntamente com os demais *corpus*. Além disso, este formato de gravação facilitaria a identificação dos falantes e as trocas de turno.

Entretanto, o áudio da oficina 3 ficou com menos qualidade aditiva e com mais ruídos, pois como não se conseguiu uma sala fechada para a efetivação da oficina, esta foi realizada numa das mesas localizadas no *hall* de entrada da PGET. Infelizmente, além da interferência do diálogo dos passantes, o alarme do prédio disparou durante toda a oficina. Como o gravador de áudio é muito mais sensível às interferências do meio, ficaram registrados todos esses sons, que desgastaram tanto os pesquisadores, durante o processo de tradução, quanto a documentadora, durante o processo de transcrição. A exemplo disso, segue abaixo a transcrição de algumas reclamações verbalizadas pelos pesquisadores da oficina 3.

I1 - ... *Shopping emporium*... cara...que barulho chato!

I2 - ... eles tinham que arrumar esse negócio... né?

Para finalizar, é importante salientar que não foi utilizado nenhum *software* ou aplicativo na realização das transcrições, pois estes programas eram, até então, desconhecidos pela documentadora. Primeiramente, as transcrições foram esboçadas de forma manuscrita e, posteriormente, digitadas, corrigidas e reeditadas.

4.2 TRADUÇÃO COMO UM PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

A seguir, apresenta-se a análise de *corpus* a partir do ponto de vista teleológico do processo de tradução, conforme elencado por Levý (2011:31), nas três dimensões do trabalho do tradutor: compreensão, interpretação e reformulação do original para a língua portuguesa na variação brasileira. Doravante, os pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa serão nomeados por informantes, conforme identificados nas transcrições.

4.2.1 Compreensão

4.2.1.1 Compreensão do contexto de criação do texto de origem

Para compreender, interpretar e reformular o texto de origem deste caso de estudo na língua alvo, que é a língua portuguesa na variação brasileira, os informantes precisavam primeiramente conhecer o contexto de criação dele, já que havia uma distância cronológica, geográfica e cultural entre as personagens do texto de origem, o autor do texto de origem, o público alvo do autor à época e eles mesmos. A falta de compreensão e interpretação de um desses elementos poderia ser um problema na hora de traduzir ou interferir no processo de recriação de imagens na mente de um futuro leitor, pois todo o *glamour* apresentado pelo autor é impulsionado por um único fato histórico: a queda do muro de Berlim. Interpretar o que essa obra significou para o povo alemão, que ficou literalmente separado por 28 anos, e identificar os meios utilizados pelo autor do artigo para mostrar o efeito transformador ocorrido na Alemanha oriental depois da queda do muro, é pré-requisito para iniciar a tradução do texto de origem. Além disso, é necessário compreender que a transformação que está sendo descrita é realizada a partir da perspectiva subjetiva do autor.

Ademais, não há informações sobre o autor: não se sabe com exatidão a sua nacionalidade; nem se já havia estado na Alemanha antes ou depois da queda do muro de Berlim, pois ele pode ter escrito este artigo sem nunca nem ter ido até lá; nem por quais motivos ele escreveu este artigo. Entretanto, o artigo é publicado na *Newsweek* em 1994, ou seja, cinco anos depois da queda do muro. Sendo assim, o

autor selecionou e transformou este fato histórico a partir da visão contemporânea de mundo dele. Logo, ele parte de uma verdade histórica, mas o seu conhecimento histórico adquire uma validação mais ampla daquilo que ele sabe sobre a Alemanha não pela visão dele, mas pela visão dos informantes.

Com o objetivo de direcionar a oficina de tradução colaborativa e facilitar o processo de compreensão e interpretação desse contexto histórico na sociedade contemporânea, descreve-se, de maneira sucinta, o contexto, ou seja, a situação (Anexo 1).

(The situation: After the reunification of West and East Germany there is a new richness and splendor to be observed in East Germany)

Porém, mesmo havendo este direcionamento, o contexto histórico acaba transformando-se num problema no momento da tradução do texto de origem, principalmente na oficina 2, pois as informantes começam a traduzir diretamente o texto, sem sequer ler ou dialogar sobre o contexto, conforme é demonstrado pela transcrição.

I1 - ..., mas seria mais como se fosse 'um campo' assim... 'uma terra'... 'um campo afastado' assim...

I2 - ...ah! 'Enormes campos'... pode ser então...

Logicamente, a intervenção contextual não seria escrita antes do texto de origem sem intenção; no entanto, o contexto situacional, que funcionaria como um auxílio, é simplesmente ignorado por elas. Sendo assim, a documentadora teve que lembrá-las, mais de uma vez, sobre a necessidade de retomar, compreender e interpretar o contexto histórico:

Doc - ...aqui em cima é o contexto histórico de vocês tá...

I2 - ...ah! tá! ah! eu achei que era o título...

Doc - ...não... é o contexto histórico para vocês terem uma ideia...

Somente depois dessa segunda intervenção, "...aqui em cima é o contexto histórico de vocês tá..." (Doc), pois a primeira está escrita acima do texto de origem, as informantes começam a compreender e interpretar o contexto situacional.

A informante 2 afirma que achava que o contexto situacional era o título do texto de origem: "... ah! tá! ah! eu achei que era o título..." (I2). No entanto, se o contexto fosse o título do artigo, ele seria relativamente grande para um texto relativamente pequeno como este, e, certamente, se fosse o título, não teria esta formatação, provavelmente estaria centralizado e sem parênteses. Suponha-se, porém, que fosse este mesmo o título: seria necessário, ainda assim, compreendê-lo, interpretá-lo e reformulá-lo, até porque ele também deve ser traduzido. Percebe-se, nesse sentido, o equívoco das informantes, e não se sabe ao certo o que as fez tomar essa decisão, pois elas não verbalizaram nada sobre isso, o que permite o levantamento de quatro hipóteses: 1) as informantes estavam nervosas por estarem cientes de que a oficina estava sendo gravada, embora não verbalizaram nada sobre isso; 2) elas estavam nervosas por causa da presença da documentadora e verbalizaram isso – "... é que assim... é difícil quando fala isso na frente de uma professora... kkk" (I2); 3) possuíam pouca experiência em tradução; 4) houve dificuldade em imaginar a realidade apresentada pelo autor. Apesar disso, ao se confrontarem as informações elencadas por intermédio do currículo *Lattes* e as informações dadas por elas nas respostas ao questionário, ambas afirmam ter experiência em tradução.

Fui aluna voluntária na tradução de poesias do português para o italiano na universidade e traduções de jornais e textos na web do inglês para o português. (I1)

Apenas traduções de textos para trabalhos pessoais e traduções de abstracts para terceiros. (I2)

Em seus currículos *Lattes*, ambas informam que falam, leem e escrevem bem em língua inglesa. Mas, durante o diálogo, a informante 2 afirmou não se considerar experiente, conforme transcrição abaixo:

I2 - ...aí depois que você vai... você vai começar a tra... depois eu começo assim... primeiro é isso...depois eu começo a traduzir palavra por palavra... só para ver se...né... porque claro... a gente não é experiente ainda em tradução né... o dia em

que a gente for... tudo bem... eu pelo menos...aí depois eu começo a fazer isto... ah o que que eu posso usar, não isso eu não vai dar para usar... pelo menos eu sou assim... né...!

Mesmo depois das intervenções, elas apresentaram muita dificuldade para compreender o contexto de criação do texto de origem. A informante 2 ainda insistiu que o contexto situacional era o título do texto:

I2 - é 'riqueza'... né... 'riqueza e esplendor'?

I1 - aham...

I2 - lendo só o título você já sabe o que que... o que fala?

I1 - não...

I2 - é porque... tipo... 'depois da reunificação...' ... mas... tipo... o que que aconteceu nessa época?

Diante do diálogo estabelecido pelas informantes, a documentadora, ciente da importância do contexto histórico deste texto, lança mais uma intervenção verbal por meio de uma pergunta instigadora:

Doc - que que vocês entendem do contexto?

I1 - que 'Depois da reunificação do oeste e do leste germânico é... há uma nova riqueza e esplendor a ser observado no leste germânico'...

Ainda assim elas não se recordam do fato histórico e nem relacionam o contexto situacional a este fato: a queda do muro de Berlim, ocorrida em 1989. Dessa forma, a documentadora faz mais uma intervenção verbal, e só assim elas se dão conta de que o contexto de criação do texto de origem está totalmente relacionado a este fato e suas consequências, conforme declarado:

Doc - vocês lembram o fato do muro de Berlim?

I2 - ah tá...

Doc - um lado da Alemanha era socialista e outro lado era capitalista...

I1/I2 - isso...

Docentão... com a queda... do muro... este lado...

I1 - o Leste acaba tendo contato com o capitalismo e coisas produzidas pelo capitalismo...

I2 - humm...

Doc - aonde que há uma mudança...

I1 - ah tá...

Doc - uma mudança visual...

I1 - ok...

I2 - por isso 'um novo esplendor'...

Doc - isso... vocês se atenham a esse momento histórico e a esse fato de que a Alemanha socialista e a Alemanha capitalista...

I1/I2 - aham...

Doc - esses povos ficaram divididos por vários anos...

I1 - ah tá... por isso que aqui fala, aí começa a surgir o quê? ... "restaurantes de self-service" ... que... aliás... já vamos olhar aqui... é uma palavra que a gente pode manter ela dessa forma porque...

Portanto, as quatro hipóteses apresentadas anteriormente sobre as dificuldades apresentadas pelas informantes, juntas, interferiram no processo de compreensão e de interpretação do contexto situacional do texto de origem da oficina 2, e isso, de certa forma, afetou, no início, o processo de tradução do texto de origem. Porém, nada disso ocorre na oficina 3. Sendo assim, este exemplo reforça a importância da compreensão e da interpretação do contexto histórico de criação de qualquer texto, seja literário ou não literário, para o processo de tradução e, subsequentemente, para o processo de tomada de decisão, conforme apontado por Levý (1967).

4.2.1.2 Dificuldades de imaginar a realidade apresentada pelo autor

Ao longo da transcrição da oficina 2, a informante 2 apresenta mais dificuldade em imaginar a realidade apresentada pelo autor do artigo do que as demais informantes e, conseqüentemente, mais dificuldade em interpretar o texto e

reformulá-lo em língua portuguesa, já que faz algumas associações inválidas durante o processo de tradução. Em certos momentos, isso deixa a Informante 1 impaciente com algumas sugestões apresentadas por ela, conforme demonstrado abaixo:

I2 - 'andando em ruas pavimentadas'... poderia ser? 'ruas e rodovias pavimentadas'? será que não?

I1 - 'ruas e avenidas'?... mas acho que daí a gente vai estar inserindo uma informação que não está ali... assim... não sei...

Neste momento, é importante observar que as instruções de definição provenientes das associações inválidas não foram aceitas, graças à tradução colaborativa e ao próprio método *Think-aloud Protocol*, pois, desta forma, coletivamente, as informantes verbalizaram as instruções e refletiram muito mais sobre as possibilidades do que se a tradução tivesse sido feita individualmente.

4.2.1.3 Compreensão do texto de origem

Levy (1967) afirma que um bom tradutor é acima de tudo um bom leitor. Em relação ao processo de compreensão do texto, as informantes da oficina 2 também apresentaram dificuldades, visto que não realizaram a fase de compreensão geral do texto: elas não fazem uma leitura silenciosa de reconhecimento do texto de origem, não destacam de nenhuma forma as palavras cujos significados elas desconhecem e vão logo traduzindo, conforme já foi mencionado anteriormente. Segundo as duas informantes, elas preferem compreender o texto por partes, palavra por palavra, como declaram no início da oficina.

I2 - aí...depois que você vai... você vai começar a tra... depois...eu começo assim... primeiro é isso...depois eu começo a traduzir palavra por palavra...

Essa tomada de decisão também pode ser resultado de algumas das

hipóteses levantadas anteriormente, portanto, é evidente que isso pode interferir no processo de tradução. Por outro lado, os informantes da oficina 3, além de não apresentarem dificuldades em relação ao contexto de criação do texto de origem, fazem, primeiramente, uma leitura de reconhecimento do texto, uma compreensão parcial dele, conforme demonstra o diálogo abaixo:

I3 - alguém... talvez... poderia ler o texto todo?

I2 - ah?

I1 - alguém poderia ler o texto todo? pra gente ler o texto todos junto... para ter uma ideia do geral?

I1 - poder ser?

I3 - vocês já leram?

I1 - eu já li... aham...

I3 - eu leio devagar... kkk...

I1 - é... é não... acho que seria interessante ler o texto todo antes... né... você leu? você leu?

I2 - sim...

I3 - eu li até metade só...

I1 - quer... quer terminar?

I3 - eu estou travando nuns adjetivos..., mas tudo bem...

I1 - kkkkk...

Diante disso, pode-se reforçar, conforme apontado por Kussmaul e Tirkkonen-Condit (1995:178), as vantagens do uso dessas duas metodologias, a tradução colaborativa e o *Think-aloud Protocol*, nos Estudos da Tradução, uma vez que se torna possível estabelecer “modelos” para a tradução e identificar em que momentos os tradutores tiveram problemas e dificuldades durante o processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem na língua alvo.

4.2.1.4 Associações semânticas inválidas

Na oficina 2, a informante 2 realiza associações semânticas inválidas, as quais são instigadas pela similaridade linguística, uma vez que ela se confunde com

palavras que lhe soam familiares (reunificação e unificação), somando-se a isto a influência de uma projeção subjetiva de cenário advinda do contexto histórico italiano, conforme verbalizado por ela:

I1 - aqui é 'reunificação'...

I2 - opa... eu botei 'unificação'... né?

I1 - sim...

I2 - estou com a unificação da Itália na cabeça... kkk...

Nota-se que, se a informante 1 não tivesse feito uma intervenção no processo de tradução, talvez esta associação semântica inválida tivesse interferido significativamente no processo tradutório, e a mensagem a ser transmitida teria sido prejudicada. Registre-se ainda que isso não acontece na oficina 3.

4.2.2 Interpretação

4.2.2.1 Reprodução de imagens

A partir do momento em que as informantes da oficina 2 compreendem o contexto de criação do texto de origem, inicia-se um processo de reprodução de imagens na mente delas, o que as reporta àquele contexto histórico.

I1 - ... não... eu não acho que é isso... acho que é assim. é... o que que acontece? ... entrou esse capitalismo... entrou coisas do capitalismo na Alemanha oriental... então o que passa a ter... elementos que antes não tinham como... “novos carros andam ao longo de rodovias pavimentadas” ... então... essa coisa de ter rodovias... de ter pavimento e ter carros passando... “lustrosos” e “novos” ...

I2 - ... “luxuosos” ...

I1 - ...é o que vai dar um cenário novo... e é isso que eles vão... é isso que vai falar ao longo do texto... sobre tudo que vai surgindo na Alemanha oriental com essa introdução do capitalismo... né... casas de ópera... haaaa... ele falou ali antes...

4.2.2.2 Realia do texto de origem

No texto de origem utilizado nesta pesquisa, ao comparar-se o contexto rodoviário da realidade brasileira com o contexto rodoviário da realidade alemã, a palavra “*Autobahns*” é um *realia*, já que não há um termo correspondente não apenas na língua portuguesa, mas na realidade brasileira. A informante 1 tem plena consciência disso e verbaliza de forma bem clara a situação:

I1 - ... a gente quer que o leitor saiba que na Alemanha se chama... existe esse tipo... tipo diferente de rodovia... porque que é diferente no nosso... a gente não tem aqui uma rodovia assim né... a gente tem até no Rio Grande do Sul tem a... *Free... Freeway...* todo mundo chama de *Freeway...*, mas lá tem um limite de velocidade... acho que nenhuma rodovia do Brasil pode não ter limite... né... não sei se é o caso... não tem limite lá?

Como já colocado anteriormente, os *realia* são palavras que podem denotar fenômenos típicos e exclusivos de um determinado ambiente geográfico, como é o caso das “*Autobahns*”, presente no texto de origem, que podem ser encontradas em três ambientes geográficos distintos: Alemanha, Suíça e Áustria. Mas as informantes da oficina 2 não realizaram nenhuma discussão sobre esta palavra, e a traduziram imediatamente para “rodovia”, sendo a verbalização abaixo a única menção à significação desta palavra:

I1 - porque assim... o que eu entendo com essas *Autobahns...* que seriam rodovias largas... que tem essa coisa da velocidade... que traz com o avanço é... com o avanço econômico... né... então não tem uma rua... tem essas coisas retas... são retas que ligam coisas... são repavimentações... essa coisa que tem uma dimensão maior do que simplesmente uma rua...

Por sua vez, os informantes da oficina 3 promoveram um longo debate sobre esta palavra, que, na condição de *realia*, tornou-se um problema na hora da tomada de decisão durante o processo de tradução, conforme eles mesmos verbalizam:

I1 - agora... como traduzir *Autobahn*...?

Diante desta constatação, cada informante apresenta os seus suportes internos:

I1 - *Autobahn* é uma rodovia...

I1 - de alta velocidade...

I1 - eu... eu conheço como *autobahn*...

Primeiramente, I1 declara, mais de uma vez, que conhece a palavra, mas não verbaliza de onde. Logo em seguida, ele apresenta para os demais a sua fonte de informação:

I1 - eu conheço da... de uma música... na verdade...

Por outro lado, I2 se contradiz: inicialmente diz que conhece a palavra, mas depois demonstra que não.

I1 - *Autobahn* é uma rodovia...

I2 - é... né... oh...

I2 - é porque é assim...eu não domino o contexto... eu nunca nem ouvi falar dessa palavra... talvez o I3... já também...

O informante 3 é quem, diante da fala do informante 2, demonstra ter conhecimento de causa sobre esta realidade, mas ele mesmo não quer considerar isso como um dado importante para o processo de tradução do texto de origem.

I3 - é... então... eu não conto por que eu conheço toda a Alemanha...

Depois disso, os informantes começam uma busca por instruções de definição nos suportes externos disponíveis na internet:

I2 - mas aqui oh... fala que até é uma rodovia alemã...

I3 - terminei... eu tô consultando umas coisas que não....

I1 - mas... por exemplo... aqui tem... se a gente faz uma pesquisa no Google por *Autobahn*... vamo até no Google acadêmico...

I2 - ah, mas espera aí... deixa eu ver no Macmillian... em qual você procurou?

I3 - não... eu procurei... verdade em um corpus de tradução...

I1 - Merrian Webster...

De repente, em determinado ponto do processo de busca pelas instruções de definição, eles conseguem identificar, de forma bem clara, a incompatibilidade que há entre a realidade alemã e a realidade brasileira. Mas eles não souberam o que fazer com esta constatação.

I1 - ... porque que é diferente no nosso... a gente não tem aqui uma rodovia assim né... a gente tem até no Rio Grande do Sul tem a... *Free... Freeway*... todo mundo chama de *Freeway*..., mas lá tem um limite de velocidade...acho que nenhuma rodovia do Brasil pode não ter limite... né... não sei se é o caso... não tem limite lá?

E, além das buscas nos suportes internos e externos, a informante 1 tenta três vezes utilizar o suposto leitor brasileiro como uma instrução de seleção, conforme declara:

I1 - tá... é eu acho que a *Autobahn*, considerando que o leitor vai saber que está se falando da Alemanha... poderia até deixar *Autobahn*...

I1 - ... mantendo o mesmo público alvo... né...

I1 - se não a gente poderia definir assim... tá a gente quer que o leitor conheça este termo?

Ademais, ela não só toma o receptor como uma instrução de seleção, mas também considera o canal que transporta a mensagem bem como o próprio código, que é a língua portuguesa.

I1 - ...a gente vai traduzir isto aqui para uma revista em português...

Assim, conseguem visualizar a assimetria que há entre a língua do texto de origem e a língua alemã, conforme declara o informante 3:

I3 - então... ele foi usado... em alemão... ele é um substantivo... em alemão os substantivos são... são descritos com letra maiúscula no início... aqui ele está escrito com letra minúscula no início...

Além disso, analisam as ocorrências relativas ao uso da palavra “*Autobahns*”:

I3 - aí eu já não sei se é costume falar em português ou não...

I1 - eu também não sei se é costume falar em português... eu conheço...

Mas em nenhum momento os informantes fizeram uma busca nos suportes externos sobre a origem da palavra “*Autobahn*”, sua história, e não realizaram nenhuma reflexão sobre a cadeia comunicativa estabelecida entre o autor e a reformulação de uma realidade que será transmitida para o tradutor, a qual, por sua vez, deverá ser compreendida, interpretada e reformulada para o leitor do dia a dia. Ainda, não se deram conta de que o texto de origem fora primeiramente idealizado para o público americano, e que, mesmo assim, o autor fez questão de manter a palavra “*Autobahn*”, que, dentro do contexto da língua inglesa, pode ser considerada um estrangeirismo. Não se deram conta do processo de tomada de decisão do autor do texto de origem por este termo, mas supõe-se que ele não fez isso por acaso, ele tinha uma intenção. Assim, ficaram muito focados na busca por um suposto “termo correspondente” e esqueceram de aproveitar mais os suportes externos que estavam disponíveis naquele momento, a fim de obterem mais informações sobre as autopistas alemãs e investigarem, com mais detalhes, o que as diferencia das rodovias do Brasil e do mundo.

Depois de muita argumentação sobre esta palavra, os informantes não conseguiram entrar num acordo, e continuaram a traduzir o texto de origem sem

fazer a tomada de decisão, que aconteceu somente mais tarde, na revisão. E como pode-se contatar, nenhuma das três oficinas manteve a palavra.

Quadro 12: Comparação das versões da oração 1.

Oração 1	<i>Sleek new cars speed along straightened and repaved autobahns.</i>
Oficina 1	Carros novos e brilhantes aceleram pelas rodovias alemãs, expandidas e repavimentadas.
Oficina 2	Novos carros luzentes andam, ao longo de retas e repavimentadas rodovias.
Oficina 3	Carros novos em folha aceleram pelas rodovias perfeitamente repavimentadas.

Fonte: a autora. Traduções produzidas pelos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa.

O informante 3, da oficina 3, era o único que poderia interferir na tomada de decisão final, pois realmente conhecia a realidade das rodovias brasileiras e a realidade das autopistas alemãs, como ele mesmo afirma: “...é... então... eu não conto porque eu conheço toda a Alemanha...”; no entanto, ele se retira da tomada de decisão.

Assim, fica o questionamento: o que levou os participantes da oficina 2 a encarar a tomada de decisão tão rotinizada da palavra “*Autobahns*” e os da oficina 3 a refletir mais sobre ela? Ressalte-se que, apesar da oficina 3 ter discutido e pesquisado sobre a palavra em questão, isso não foi suficiente, pois eles não se deram conta que esta palavra, no contexto da língua inglesa e do texto jornalístico, pode ser considerada um estrangeirismo, e não pesquisaram sobre o contexto de origem dessa palavra. Segundo Roselaine Wandscheer, da **Deutsche Welle, que é a emissora internacional da Alemanha,**

A “Autobahn” (via para carros) tem, tradicionalmente, ao menos duas faixas de tráfego em cada sentido e é restrita a veículos a motor que andem a no mínimo 60 km/h. Não há cruzamentos de veículos na via e as saídas sempre são para a direita (com uma exceção perto de Stuttgart). Em geral, a pavimentação tem o dobro da espessura de rodovias em outros países. A Alemanha é o único país da Europa sem limite de velocidade em suas autoestradas. Existe uma velocidade recomendada de 130 km/h, que atinge praticamente 50% das Autobahnen (plural de Autobahn). Por questões de riscos à segurança, um terço tem limitação de velocidade e, nas demais, a

limitação entra em vigor conforme as condições do tempo e do trânsito. Há trechos das Autobahnen especialmente preparadas para serem usadas por aviões militares. Isso aconteceu já na 2ª Guerra Mundial, quando muitos aeroportos estavam destruídos. Na Guerra Fria, mais trechos foram preparados para eventuais operações da Otan. Além das áreas de descanso e de serviço, com brinquedos, postos de gasolina e restaurantes, ao longo das rodovias alemãs há capelas e igrejas para descanso e reflexão dos viajantes. (WANDSCHEER, 2018)

Essa pesquisa nos suportes externos mostra, de forma resumida, como este cenário é único, e isso sem apresentar o contexto histórico de construção dessas autopistas a partir da ótica de como os nazistas teriam roubado a ideia da “*Autobahn*”, já que, em 6 de agosto de 1932, foi inaugurada a primeira autoestrada da Alemanha, seis meses antes de Hitler chegar ao poder.

4.2.2.3 Criação de realia no texto alvo

Os informantes da oficina 3, em seu processo de tomada de decisão, criaram, mesmo que inconscientemente, dois *realia* na versão final em língua portuguesa, embora não para o suposto leitor brasileiro. O primeiro *realia* foi criado por meio da tradução do par de adjetivos *sleek new*, e o segundo por meio da tradução do substantivo *pastries*. Eles escolheram traduzir este par de adjetivos, *sleek new*, por uma expressão informal da língua portuguesa: “novos em folha”. Essa escolha altera significativamente a mensagem do texto de origem, que seria, supostamente, decodificada pelo leitor da tradução na versão em língua portuguesa. Essa instrução de definição foi dada pela informante 1, conforme transcrito abaixo:

I1 - ...é... tá... vamo lá “Carros novos em folha aceleram pelas...”

Segundo o site “Só Português”, a origem da expressão “novo em folha” baseia-se em folhas de papel branquinhas, limpinhas e sem amassados, encontradas em livros novos, recém-impressos; de mais a mais, essa expressão é usada no dia a dia do brasileiro, de forma informal, para se referir a algo que nunca foi usado ou que, se já foi usado, está em ótimo estado. A expressão também pode ser usada para designar alguém que, depois de se machucar ou enfrentar uma

doença, está curado. Em resumo, as instruções de definição dessa expressão são polissêmicas, e sua tradução para outra língua teria que ser motivada pelo contexto, caso contrário, seria difícil realizá-la, ou se cairia na problemática de alteração de cenário.

Igualmente, eles escolhem a palavra “quitutes” para a tradução de *pastries*. Essa escolha altera significativamente a mensagem do texto de origem, pois ela criaria outra imagem na cabeça do suposto leitor brasileiro.

I2 - ... é... coisi..., “coisinhas lá no geral de padaria” e “quitutes” e “quitutes” ... por que gigantes quitu... *pastries*?

Segundo o dicionário “Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa”, quitute é uma palavra de origem quimbundo, “kitutu”, e pode significar uma pequena porção de comida antes da refeição, comida apetitosa, iguaria delicada, talvez um docinho ou bolinho; mas também pode ser uma carícia, um mimo, uma delicadeza, uma menina bonita ou um objeto delicado.

Quitute (qui.tu.te) sm. Comida saborosa; iguaria; petisco. F: Do quimb. Kitutu ‘indigestão’. (AULETE, 2011:1145)

Numa pesquisa um pouco mais profunda dessa palavra nos suportes externos, verifica-se que o kimbundu é a língua da região de Luanda, Catete, Malanje e as áreas de fronteira no Norte (Dembos - variante crioula kimbundu/kikongo) e no Centro (Kuanza Sul - variante crioula kimbundu/umbundu). É falada por mais de um milhão e meio de pessoas afirma Rui Ramos (1997).

Segundo Ramos (2000), no tempo colonial, a língua quimbunda era considerada um dialeto local submetido à língua portuguesa. Nesse contexto, a escolaridade era feita em português, mas em Luanda havia um estrato social africano alfabetizado em quimbundo. Assim, os colonos portugueses urbanos (homens) absorveram sobretudo palavrões do quimbundo, que eram, principalmente, utilizados para humilhar as mulheres negras, tratadas por muitos colonos como seres prioritariamente disponíveis para o sexo. Dessa maneira, constata-se que os informantes da oficina 3 ignoraram este contexto de origem da

palavra e sua trajetória de incorporação na língua portuguesa, o que afeta a mensagem a ser decodificada pelo futuro leitor da tradução.

Diante disso, imagina-se a seguinte situação: realizar uma tradução em direção oposta, isto é, entregar esta tradução produzida pelos informantes da oficina 3 para outro grupo de pesquisadores traduzirem-na para o inglês, ou para qualquer outra língua. Provavelmente, tal palavra geraria um problema durante o processo de tomada de decisão e poderia provocar uma boa argumentação entre eles, se não optassem pelo apagamento dela.

Por fim, ao analisar as versões finais das três oficinas, percebe-se que os informantes da oficina 1 e 2, em suas tomadas de decisão durante o ato tradutório, não criaram nenhum *realia*, como pode ser observado no anexo 2 e 3. Ainda, analisando o quadro comparativo das três versões finais da tradução da oração 5, pode-se visualizar que a oficina 2, em seu processo de tomada de decisão, optou pelo apagamento da tradução da palavra *pastries*, mas não verbalizaram nada a respeito dessa decisão.

Quadro 13: Comparações das versões da oração 5.

Oração 5	<i>Even in grimy Bitterfeld, a mining and chemicals centre notorious for its pollution, well-dressed women from a nearby retirement home gather for creamy coffee and gigantic pastries at a Swiss-owned coffee shop.</i>
Oficina 1	Mesmo na cinzenta Bitterfeld, notória pela poluição causada pelas indústrias químicas e de mineração, senhoras elegantes de um asilo das proximidades se reúnem em uma confeitaria de proprietários suíços para um café com chantilly acompanhado de uma generosa fatia de torta.
Oficina 2	Até mesmo na suja cidade de Bitterfeld, um centro de mineração e química, reconhecida por sua poluição, mulheres bem vestidas na vizinhança, se encontram para um café da tarde na cafeteria suíça.
Oficina 3	Mesmo na cinza Bitterfeld, polo químico e de mineração famoso por sua poluição, senhoras bem vestidas de um asilo próximo se reúnem em uma cafeteria suíça para saborear enormes quitutes e cafés.

Fonte: a autora. Traduções produzidas pelos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa.

4.2.2.4 Identificações subjetivas de cenário

Durante o processo de interpretação do texto de origem, os informantes encontraram inúmeros elementos que os reportou a identificações subjetivas de cenários, situações e eventos vividos por eles. Por exemplo, na oficina 2, as informantes fazem quatro identificações subjetivas de cenários e situações vividas por elas:

1. Identificam a champanha servida durante o intervalo nas casas de ópera alemãs com a champanha servida em cinemas paulistanos do Brasil.

I2 - eles não vão tomar na hora do teatro? ... kkk...

I1 - mas... sabia que tem cinema que em São Paulo... que tu podes tomar champanha dentro da sala do cinema? ...está rolando o filme e aí rola uns *champanhes*... assim... claro que eu nunca fui... né...

2. Identificam as retas das *Autobahns* alemãs com a *high way* do Rio grande do Sul – Brasil.

I1 - “retas”... por isso que eu prefiro “retas”...porque a gente fala...é uma “reta”...tu vai pegar uma “reta” e vai até... por exemplo... no Rio Grande do Sul que tem bastante...chega a uma altura...se tu quiser ir lá para o Uruguai... tu ouve falar... em Porto Alegre tem a *high way*... tem a “reta”...tem essa coisa de velocidade que dá... a reta traz esse sentido... uma “reta” no país é... uma rua larga... uma velocidade...

3. Identificam a *Swiss-owned coffee shop* com um bairro específico de Florianópolis – Brasil, Lagoa da Conceição.

I1 - ... eu não colocaria “loja” ... aqui...a gente fala que vai num “café” ... “vou tomar um café” ... ah... vou lá na Lagoa tomar um café...

4. Identificam a *Swiss-owned coffee shop* com a uma rede de cafeterias do Brasil, conhecida como Café Cultura, que surgiu em 2004.

I2 - ... no Café Cultura... kkk...

A informante 1 não verbaliza de onde ela tirou a informação sobre estes tipos de cinemas de São Paulo, já que essa identificação não é, de fato, uma experiência pessoal vivida por ela, mas sim por outras pessoas. Sendo assim, o tradutor não está sujeito apenas às suas próprias identificações subjetivas, às suas experiências pessoais vividas no dia a dia, mas também àquelas vividas por outros sujeitos que podem veicular nos mais diferentes meios de comunicação.

Já na oficina 3, os informantes encontraram no texto de origem muito mais elementos que os reportou a identificações subjetivas de cenários, situações, eventos e pessoas, conforme exposto abaixo.

1. Identificam as *service stations* da Alemanha oriental com algumas redes de postos do Brasil que eles conhecem.

I1- como a gente põe isso aqui... em São Paulo a gente fala Frango Assado... kkk... que é uma marca de ou a...

I2 - uma rede...

I1 - é né... uma rede de...

I3 - tem o Graal também...

I1 - tem o Graal...

I2 - verdade... esse eu conheço...

2. Como estavam com muitas dúvidas sobre a tradução do paradigma *opera house*, de Dresden, fazem várias identificações subjetivas de cenários até realizarem a tomada de decisão.

a) Identificam a *opera house* de Dresden com uma casa de ópera de Sidney;

I3 - ...lá em Sidney tem o Sidney Opera House, aí o texto está falando...a casa de Ópera de Sidney também conhecida como teatro de Sidney...

b) Identificam a *opera house* de Dresden com o teatro municipal de São Paulo;

I1 - São Paulo tem alguma coisa de ópera...

c) Identificam a *opera house* de Dresden com a Ópera de Arame de Curitiba;

I2 - Ópera de Arame é um teatro né? ... não é somente de ópera... é um teatro...

I3 - aqui oh...

I1 - aqui fala do estilo da construção...

I2 - é em Curitiba né?

d) Identificam a *opera house* de Dresden com o Teatro Municipal do Rio de Janeiro no tempo da monarquia;

I1 - Rio de Janeiro...onde ficava a realeza... Teatro Municipal também...

e) Identificam a *opera house* de Dresden com o André Rieu.

I2 - é que quando tem coisa de ópera aqui no Brasil é porque veio de fora...né?

I3 - aham...

I2 - aquele André Rieu, ri....

I3 - aham...

Além dessas identificações subjetivas de cenários e pessoas a respeito da *opera house* de Dresden, os informantes da oficina 3 também fazem outras identificações subjetivas com cenários e com objetos:

3. Identificam o *comfortable burgher* com o hamburger, realizando, desta forma, uma identificação semântica inválida;

I2 - comfortable Burghers sip French champagne...

I1 não conheço burgher... além do hamburger...

4. Identificam o *comfortable burgher* com o Burger King, mais uma identificação semântica inválida;

I3 - “ilustre cidadão” ... rrsrs...

I1 - ... *burgher* “burguês” ...

I3 - ... Burger King...rrsrs...

5. Identificam as *Autobahns* alemãs com a uma música que não é nomeada durante as verbalizações;

I1 - ... eu conheço da... de uma música... na verdade...

6. Identificam o *comfortable burgher* com a uma música de Cazuzza;

I1 - ... não consigo desassociar essas...essa...essa palavra de essa música do...do Cazuzza A burguesia fede... kkk...

7. Identificam as minas da Bitterfeld com as minas e os mineiros de Minas Gerais;

I2 - ... “de mineração... conhecido por sua poluição” ... vírgula... ele só tá dando uma informação da Bitterfeld “famoso centro químico e mineiro”?... ah... os mineiros... eu lembro dos mineiros lá do Chile... que eu achava que era o povo de Minas Gerais... kkk...

I3 - ... rs... rs... rs...

I2 - ... eu era tão... novinha naquela época que eu fiquei perdida... não tava entendendo o que estava acontecendo...

8. Identificam a palavra *gleaming* com um bairro de Florianópolis.

I1 - é muito brilho... né?

I3 - aham...

I1 - muito branco e dourado... igual lá em Jurerê... não sei se vocês lembram dessa história... *gleaming*... *gleaming*... *gleaming*... *gleaming*.

Conforme demonstrado, as informantes da oficina 2 fazem quatro projeções subjetivas, enquanto os informantes da oficina 3 fazem treze projeções subjetivas durante o processo de tradução. Eles não têm consciência disso, e as fazem de maneira natural e involuntária. A questão a ser analisada é se essas projeções subjetivas foram negativas, se atrapalharam os informantes no processo de tomada de decisão ou se prejudicaram a transmissão da mensagem projetada pelo autor do texto de origem. De qualquer modo, pode-se observar que estes fatores possuem um papel ativo e determinante no processo de tomada de decisões.

Como já mencionado anteriormente, Levý (2011:40) afirma que os tradutores devem evitar sentimentalismos e projeções pessoais enquanto estão traduzindo. Porém, analisando as versões finais da oficina 2 e 3, conclui-se que essas projeções subjetivas de pessoas, cenários, situações e objetos não prejudicaram significativamente o processo de tradução. Nesse sentido, o excesso de projeções subjetivas na oficina 3 pode ser reflexo da interação e do diálogo entre os informantes, não passando de conversas paralelas ou contribuindo na busca pela versão única. De todo modo, isso tornou o processo de tomadas de decisões mais reflexivo.

4.2.3 Reformulação

4.2.3.1 Assimetria entre a língua portuguesa e a língua inglesa

O objeto de estudo dessa pesquisa, conforme já colocado, foi o processo de tradução de um texto não literário, o que facilitou muito no processo de tomadas de decisão dos informantes que participaram das oficinas de tradução. Ainda assim, foi

possível perceber que eles tiveram dificuldades com a assimetria existente entre a língua inglesa e a língua portuguesa na variação brasileira.

4.2.3.2 Tensão no estilo

Para fazer a análise da reformulação do texto de origem em língua portuguesa, elaborou-se um quadro comparativo que mostra, lado a lado, a versão final de todas as orações traduzidas em cada oficina.

Quadro 14: Comparação das versões da oração 1.

Oração 1	<i>Sleek new cars speed along straightened and repaved autobahns.</i>
Oficina 1	Carros novos e brilhantes aceleram pelas rodovias alemãs, expandidas e repavimentadas.
Oficina 2	Novos carros luzentes andam, ao longo de retas e repavimentadas rodovias.
Oficina 3	Carros novos em folha aceleram pelas rodovias perfeitamente repavimentadas.

Fonte: A autora (2019). Traduções produzidas pelos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa.

Sabe-se que as orações podem ter núcleo do sujeito e núcleo do objeto, e esses núcleos são formados por adjetivos que delimitam a imagem a ser transmitida via tradução. Na oração 1, há 2 predicativos para o sujeito *cars*, *sleek* e *new*, e 2 predicativos para o objeto *Autobahns*, que são *straightned* e *repaved*. Além do mais, *speed* é um verbo intransitivo significativo, que vem acompanhado do advérbio *along*. A tomada de decisão pelos participantes da oficina 1, “Carros novos e brilhantes aceleram”, cria um tipo de imagem de carro no imaginário do leitor que é diferente da imagem criada pela tomada de decisão na oficina 2, “Novos carros luzentes andam”, que, por sua vez, difere ainda mais da tomada de decisão na oficina 3, “Carros novos em folha aceleram”. Pode-se afirmar que a escolha final

apresentada na oficina 3 possui duplo sentido, conforme a informante 1 constatou em suas pesquisas nos suportes externos:

“Novo em folha” pode significar “...que ainda não foi usado...perfeito estado... como se fosse novo... perfeitamente curado... em perfeito estado...como se fosse novo...aí tem assim... A lanternagem deixou o carro novo em folha...”, ou seja, os carros podem ser novos, mas podem ser usados, dependendo do contexto.

O mesmo acontece com o verbo significativo *speed*, que tem carga semântica relacionada à velocidade; como ele vem acompanhado do advérbio *along*, essa carga semântica é intensificada. Quando as participantes da oficina 2, em sua tomada de decisão, escolhem “andam” em vez de “aceleram”, como ocorre nas oficinas 1 e 3, elas estão optando por uma palavra que não tem a mesma carga semântica da palavra do texto de origem. Logo, por meio desta escolha, elas criariam uma imagem com outro contexto no imaginário do leitor da tradução.

Quadro 15: Comparação das versões da oração 2.

Oração 2	<i>Shiny service stations</i> come equipped with well-stocked convenience stores and <i>gleaming self-service restaurants</i> .
Oficina 1	Reluzentes postos de gasolina surgem equipados com bem servidas lojas de conveniência e <u>cintilantes restaurantes <i>self-service</i></u> .
Oficina 2	Brilhosas estações de serviço bem equipadas com lojas de conveniência bem abastecidas e <u>luxuosos restaurantes <i>self-service</i></u> .
Oficina 3	Paradas deslumbrantes estão bem equipadas com lojas de conveniência super abastecidas e <u>luminosos restaurantes <i>self-service</i></u> .

Fonte: A autora (2019). Traduções produzidas pelos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa

Este mesmo fato pode ser observado na tradução do trecho *Shiny service stations*, presente na oração 2. Os integrantes da oficina 1 tem como tomada de decisão “luzentes postos de gasolina”, mas essa escolha não cria a mesma imagem no imaginário do leitor que a escolha na oficina 2, “brilhosas estações de serviço”, e na oficina 3, “paradas deslumbrantes”. O mesmo ocorre com as tomadas de decisão no final da oração *gleaming self-service restaurants*: na oficina 1 escolhem “com cintilantes restaurantes”, na oficina 2 “luxuosos restaurantes” e na 3 “luminosos

restaurantes”, sendo que as três tomadas de decisão recriam no imaginário do suposto leitor três imagens distintas, conforme apresentado no quadro 2.

Ademais, na reformulação da parte final da oração 2, os informantes das três oficinas mantiveram o estrangeirismo *self-service*. Nas transcrições, observa-se que os informantes da oficina 3 não realizaram nenhuma discussão sobre traduzir ou não esta palavra, que já foi incorporada em alguns *corpus* de dicionários brasileiros.

Self-service (ing. / self-sêvis/) 1 Diz-se sistema adotado em restaurantes, lojas, postos de gasolina etc., em que o cliente se serve sozinho. 2 Com. Estabelecimento, ger. Restaurante, que trabalha com esse tipo de serviço (Sin. Ger.: autosserviço). (AULETE, 2011:1247)

Contudo, na oficina 2, a informante 1 demonstra, por meio de suas verbalizações, um certo interesse em manter o estrangeirismo utilizando como instrução de seleção o uso dessa palavra na língua portuguesa.

I1 - ah tá... por isso que aqui fala... aí começa a surgir o quê? “restaurantes de *self-service*” ... que... aliás... já vamos olhar aqui... é uma palavra que a gente pode manter ela dessa forma porque...

I2 - “enormes supermercados” ...

I1 - é como a gente diz... fala ela em português *self-service*...

A informante 2 também concorda em manter a palavra, mas se apoia em outra instrução de definição:

I2 - é uma palavra... eu já... eu gosto de classificar como universal já... porque você usa na maioria dos países já *self-service*... né... das línguas... desculpa...

I1 - na maioria dos países com contextos capitalistas... bem isso que está falando aqui...

I2 - é... mas assim não... dependendo... não... mas o que eu quero dizer que é de conhecimento... entende... que mesmo você não conhecendo o inglês... você conhece... você sabe o que é “*self-service*” em qualquer lugar... eu digo né... na maioria... eu acho...kkk...

I1 - aham... tá!

Analisando as verbalizações realizadas pelos pesquisadores durante o processo de tradução do texto de origem, nas oficinas 2 e 3, verificam-se sugestões sobre a busca de imagens no Google para compreender, interpretar e reformular o significado de determinadas palavras na língua alvo:

I1 - *service station*... é... eu gosto de olhar na imagem no Google imagens...

Diante disso, decidiu-se buscar, por meio dos suportes externos, o conceito de um *Sleek new car*, de acordo com uma marca de carro, a *Lamborghini*.

Figura 4: A sleek new Lamborghini concept car.



Fonte: Trending on net: <http://trendingonnet.com/2014/05/05/sleek-new-lamborghini-concept-car/> Acesso em 04 fev. 2019.

Caso este fosse o carro descrito pelo autor do texto de origem, como recriar esta imagem no imaginário do leitor?

Quadro 16: Comparação das versões da oração 3.

Oração 3	<i>Enormous supermarkets, furniture stores and shopping emporiums dot the east German landscape, and giant cranes stand tall against the sky.</i>
Oficina 1	Enormes supermercados, lojas de móveis e empórios despontam na paisagem do <u>leste da Alemanha</u> , enquanto guindastes gigantes <u>se</u>

	<u>erguem imponentes contra o céu.</u>
Oficina 2	Supermercados enormes, lojas de móveis e empórios despontam na paisagem do <u>leste da Alemanha</u> , gigantes guindastes <u>se levantam contra o céu.</u>
Oficina 3	Enormes supermercados, lojas de móveis e lojas de departamento tomam conta da paisagem da <u>Alemanha oriental</u> , com gigantescos guindastes <u>se projetando pelo céu.</u>

Fonte: A autora (2019). Traduções produzidas pelos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa.

Na oração 3, a oficina 1 e 2 têm praticamente a mesma escolha, ambas criam a mesma imagem; mas a oficina 3 apresenta como tomada de decisão para o verbo *dot* a expressão “tomam conta” em vez de “despontam”. As duas escolhas têm cargas semânticas totalmente diferentes, e, conseqüentemente, criam imagens diferentes no imaginário do leitor. O mesmo sucede em mais duas escolhas nesta oração, sendo que as oficinas 1 e 2 continuam com tomadas de decisão similares, enquanto a oficina 3 opta por “Alemanha oriental”, como normalmente é conhecida, em vez de “leste da Alemanha”. Por outro lado, a oficina 1 reformula “se projetando pelo céu”, a oficina 2 “se levantam contra o céu” e a 3 “se erguem imponentes contra o céu”. O suposto leitor, ao imaginar o guindaste descrito na oficina 3, provavelmente imaginaria um guindaste com o dobro do tamanho do mesmo guindaste descrito nas oficinas 1 e 2.

Quadro 17: Comparação das versões da oração 4.

Oração 4	<i>Every seat is filled at Dresden's magnificent neo-classical opera house: comfortable burghers sip French champagne during the intermissions.</i>
Oficina 1	Todos os lugares estão ocupados na majestosa ópera neoclássica de Dresden, onde uma classe média à vontade <u>saboreia champanhe</u> francês nos intervalos.
Oficina 2	Todos os lugares da magnífica Dresden, casa de ópera neoclássica,

	é ocupado , onde confortavelmente os burgueses tomam champanhe francês durante o intervalo.
Oficina 3	Todos os acentos são ocupados no magnífico teatro neoclássico de Dresden, onde burgueses apreciam confortavelmente um champanhe francês durante os intervalos.

Fonte: A autora (2019). Traduções produzidas pelos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa

Já na oração 4, é interessante observar a sutil diferença que há entre imaginar um espaço onde “todos os lugares estão ocupados” – certamente imagina-se que até os corredores e as laterais estariam ocupados – e um espaço onde “todos os assentos são ocupados”. Ademais, outra diferença de criação de imagens acontece com o verbo *sip*, com as quais pode-se imaginar cenas distintas: “saboreia champanhe”, “tomam champanhe” e “apreciam champanhe”.

Como se perdeu a gravação da oficina 1, não é possível retomar o processo de tomada de decisão deles em relação à tradução da palavra *burghers* por “uma classe média”. No entanto, esta palavra tem uma carga semântica ligada ao contexto histórico, e, com o decorrer do tempo, foi adquirindo outras significações, conforme pode ser observado na consulta ao suporte externo *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua portuguesa*.

Burguês (bur.guês) sm. 1 Na idade média, indivíduo nascido ou que vivia em burgo (1), ou em cidade que se desenvolveu a partir deste, que se caracterizava por seus hábitos e atividades citadinos e, ger., por viver de trabalho não braçal. 2 Membro da burguesia ou da classe média, indivíduo de situação econômica e social privilegiada, cuja atividade econômica não era braçal. 3 Pej. Indivíduo muito apegado a bens materiais e que tem valores e hábitos conservadores, pouco afeito a novas ideias ou a inovação de costumes, critérios artísticos, visões sociais etc. (AULETE, 2011:248)

Na falta da transcrição, também não é possível saber os motivos que levaram os participantes a reformularem a oração desta forma, pois, na versão final, há um duplo sentido: não se sabe se a classe média está se sentindo bem ou se a classe média pode beber o quanto quiser. Ampliando ainda mais a reflexão sobre a carga semântica dessa expressão, ela conota que a classe média poderia estar se sentindo em casa, ou, ainda, pode se referir às vestimentas dessas pessoas.

Quadro 18: Comparação das versões da oração 5.

Oração 5	<i>Even in grimy Bitterfeld, a mining and chemicals centre notorious for its pollution, well-dressed women from a nearby retirement home gather for creamy coffee and gigantic pastries at a Swiss-owned coffee shop.</i>
Oficina 1	Mesmo na cinzenta Bitterfeld, notória pela poluição causada pelas indústrias químicas e de mineração, senhoras elegantes de um asilo das proximidades se reúnem em uma confeitaria de proprietários suíços para um café com chantilly acompanhado de uma generosa fatia de torta.
Oficina 2	Até mesmo na suja cidade de Bitterfeld, um centro de mineração e química, reconhecida por sua poluição, mulheres bem vestidas na vizinhança, se encontram para um café da tarde na cafeteria suíça.
Oficina 3	Mesmo na cinza Bitterfeld, polo químico e de mineração famoso por sua poluição, senhoras bem vestidas de um asilo próximo se reúnem em uma cafeteria suíça para saborear enormes quitutes e cafés.

Fonte: A autora (2019). Traduções produzidas pelos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa.

Para finalizar, a oração 5 apresenta mais projeções de imagens que se diferem das imagens projetadas pelo autor do texto de origem, pois projetar mentalmente a imagem de “senhoras elegantes”, conforme a escolha da oficina 1, não é similar a projetar a imagem de “mulheres bem vestidas”, da oficina 2, e “senhoras bem vestidas”, da oficina 3. Mas a última parte da reformulação da oração projetada na mente do suposto leitor brasileiro apresenta imagens bem distintas, não só em relação ao ambiente, mas também em relação à comida, pois “se reúnem em uma confeitaria de proprietários suíços para um café com chantilly acompanhado de uma generosa fatia de torta” é diferente de “se encontram para um café da tarde na cafeteria suíça” e de “em uma cafeteria suíça para saborear enormes quitutes e cafés”.

Ao analisar a tradução de *retirement home*, percebe-se que na oficina 2, em seu processo de tomada de decisão, os informantes optaram pelo apagamento da expressão, entretanto, nas oficinas 1 e 3, eles traduzem *retirement home* como “asilo”. Essa tomada de decisão não só muda significativamente a projeção de imagens no imaginário do suposto leitor brasileiro, mas também se contradiz em relação ao contexto de criação do texto de origem, que se apresenta opulento. Eis a definição do termo de acordo com o dicionário “Novíssimo Aulete”:

Asilo (a.si.lo) sm 1. Instituição beneficente que acolhe crianças, mendigos e idosos. 2 Amparo, proteção, abrigo: Quem daria asilo àqueles órfãos? (AULETE, 157).

Diante disso, deduz-se que “mulheres bem vestidas”, que tomam um café cremoso em uma cafeteria de um proprietário suíço, não necessitariam de uma instituição beneficente. Além do mais, mesmo que os informantes tivessem em seu processo de tomada de decisão optado por “casa de repouso” ou “abrigo”, esta nomenclatura já estaria obsoleta, pois, de acordo com a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), adotou-se a expressão “Instituição de Longa Permanência para Idosos” (ILPI) para designar o tipo de instituição anteriormente chamada de Asilo.

Ainda sobre a reformulação da oração 5, observa-se que a decisão tradutória da palavra *pastries* deveria ser motivada pelo contexto das palavras *burghers*, *French champagne*, *well-dressed woman from a nearby retirement home* e *swiss-owned coffee shop*, conforme indicado por Levý (1967/2000:151). Ou seja, o texto de origem apresenta elementos da alta burguesia alemã, que pode pagar ópera, champanha francesa, casa de repouso para aposentados e café numa cafeteria Suíça. Outra motivação para esta tomada de decisão seria o contexto cultural, dado que a culinária alemã e suíça é mais reconhecida por suas “tortas” e “bolos” do que por “quitutes”.

Diante das comparações realizadas, verifica-se que as versões finais de cada oficina não são iguais, já que, ao se comparar as três traduções com o texto de origem, constata-se que cada uma delas cria diferentes imagens no imaginário do leitor durante o processo de compreensão e interpretação da tradução, isto é, as imagens traduzidas pelos informantes são, em partes, diferentes das imagens que o

autor do texto de origem objetivou produzir no imaginário do leitor americano de 1994. É claro que cada palavra, isoladamente, tem uma carga semântica, uma identidade; ela “conversa” com o leitor, neste caso, com os tradutores. Mas quais sentidos e imagens elas desencadeiam no corpo do parágrafo e quais sentidos e imagens elas desencadeiam no texto através dos cinco parágrafos?

Diante do exposto, e ao analisar a transcrição das verbalizações ocorridas nas oficinas 2 e 3 (apêndice 2 e 4), pode-se afirmar que, de forma geral, a oficina 2 realizou o processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem bem como o processo de tomada de decisão de modo muito mais atrelado a uma tradução literal, “palavra por palavra”, ou seja, efetivaram um processo de tradução mais focado na forma. Por outro lado, os informantes da oficina 3 conseguiram se distanciar desse modelo de tradução “palavra por palavra” e focaram um pouco mais no conteúdo, quer dizer, priorizaram mais a mensagem do texto de origem do que a sua forma.

Ao analisar a versão final que cada grupo de pesquisadores produziu (anexo 2, 3 e 4), verifica-se que as traduções são, de acordo com os postulados da teoria de Levý (1967), anti-ilusionistas, dado que os participantes não só caracterizaram o texto como tradução, mas simularam a realidade, interferiram no andamento da narrativa, acrescentaram o seu ponto de vista e se dirigiram diretamente ao leitor.

Conforme Vega Cernuda (2012:169) alega, Levý preferia o método ilusionista, ou seja, a obra deveria parecer com a original e o tradutor deveria ocultar-se atrás do texto, com o objetivo de produzir no leitor a “ilusão tradutora” de estar lendo o original, ou de estar levando o leitor ao autor do texto de origem.

4.3 PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO

Segundo a teoria da tradução de Levý (1967/2000:148), a tradução, a partir do ponto de vista pragmático, é um processo de tomada de decisão, ou seja, uma série de decisões consecutivas – movimentos, como num jogo – que impõem ao tradutor a necessidade de escolher dentre um número de alternativas. Com base nisso, realiza-se a seguir a análise do processo de tradução da palavra *sleek*

ocorrido nas oficinas 2 e 3, uma vez que a tradução desta palavra gerou longa discussão nas duas oficinas. O procedimento dessa análise se dá, portanto, pela comparação: como cada grupo fez o processo de tomada de decisão, que instruções de definição encontraram, que instruções de seleção definiram a escolha final; enfim, nas palavras de Levý, como os informantes de cada oficina jogaram “o jogo” a partir do estabelecimento da situação e dos paradigmas. É importante registrar que, durante as oficinas de tradução, os participantes não verbalizam essas nomenclaturas elencadas por Levý (1967/2000:148), mas é possível, por meio da transcrição, reconstruir o processo de tomada de decisão.

Na sequência, apresenta-se como as pesquisadoras da oficina 2 escolheram a tradução final do par de adjetivos *sleek new* para o substantivo *cars*. De imediato, ambas entram em acordo que a tradução de *new cars* é “carros novos”, mas o que gerou um longo debate foi a tradução do adjetivo *sleek*, que aparece no início da primeira oração do texto de origem. Dessa maneira, a informante 1 elencou, a partir de seus suportes internos e externos, as seguintes instruções de definição para o paradigma *sleek*: lustrosos, brilhosos e brilhantes. A aplicação ficaria assim:

- a) Novos carros lustrosos
- b) Novos carros brilhosos
- c) Novos carros brilhantes

Por sua vez, a informante 2 elencou, a partir de seus suportes internos e externos, as seguintes instruções de definição: bons, lustrosos, com mais cores; e a aplicação ficaria assim:

- a) Novos carros bons
- b) Novos carros lustrosos
- c) Novos carros com mais cores

Depois que cada informante apresentou as variantes tradutórias de forma divergente, ao longo do diálogo, elas começaram a eliminar cada uma das possibilidades até chegar à tomada de decisão final. Durante o processo, observa-se que, quando a informante 2 apresenta “novos carros bons” como instrução de

definição, a informante 1 simplesmente ignora o que foi dito, como se não tivesse ouvido a instrução, e continua com sua argumentação:

I2 - ...tá! aqui...no caso...eu não sei o que é *sleek*... mas diz que é... aqui no Google diz que é “lustroso” ...mas aí...tipo... “novos carros” ... é... “novos carros...” ...este “lustroso” poderia ser “bom” “novos carros bons estão gastando...” ...

I1 - este “lustroso” ... eu imagino que seja “brilhoso” ... “brilhante” ... porque os carros começam a surgir... “lustrosos carros?”

A informante 1 elimina a instrução de seleção “novos carros com mais cores” com o seguinte argumento:

I2 - ... “com mais cores”?

I1 - ... aí é que eu acho que “mais cores” ...aí já vai estar dando um significado que não está implícito aqui...

Restou, então, “Novos carros brilhantes”, “novos carros brilhosos” e “novos carros lustrosos”. A informante 1 já deixa pistas sobre a sua preferência, mas a informante 2 não se dá conta disso.

I1 - ..., mas assim... a minha pergunta é... se a... a gente tem que traduzir...botar em palavras, escrever... então o que a gente vai fazer? “novos carros lustrosos”? ... o meu questionamento é...se não seria melhor “brilhantes”?

E, sem titubear, a informante 1 elimina mais uma instrução de definição com o seguinte argumento:

I1 - ... porque é “novo” ... mas não por causa que *sleek* significaria “carro novo” ... porque tu podes ter um carro velho lustroso...

I2 - ... sim...

I2 - ... aqueles carros de colecionadores... por exemplo... eles podem muito bem-estarem “lustrosos” e não são “novos” ...

As informantes não dialogam sobre a instrução de definição “novos carros brilhosos”, mas a informante 1 continua a tradução do texto a partir de sua tomada de decisão:

I1- *straight* é “reto” né... é... então... “novos carros brilhantes andam ao longo de rodovias paviment... repavimentadas e retas” ...

A informante 2 não contesta, entretanto, depois de mais uma explicação da informante 1 sobre a sua própria interpretação do contexto de criação do texto de origem, a informante 2 lança mais uma instrução de definição, “novos carros luxuosos”. A informante 1 ignora mais uma vez a instrução de definição apontada pela informante 2, e, assim, como não chegam a um consenso, decidem fazer a tomada de decisão mais tarde.

I2 - então vamos fazer assim então... vamos ler tudo primeiro... né...

I1 - aham...

Mais tarde, elas retomam a tradução da primeira oração e as instruções de definição, mas a informante 1, mais uma vez, deixa bem clara a sua preferência.

I2 - “novos carros brilhantes” ... pode ser?

I1 - eu particularmente prefiro “brilhante” do que “lustroso” ...

Finalmente entram em acordo e realizam a tomada de decisão. Todavia, quando encontram no texto de origem as palavras *shining* e *gliming*, elas não têm mais certeza sobre a tomada de decisão da tradução do adjetivo *sleek*.

I2 - aham... é que aqui o *shiny* realmente remete ao “brilhante” ...né?

I1 - ao “brilhante” ...

I2 - nós teríamos que mudar aqui em cima então... rrsrrsrr... porque daí aqui “brilhantes serviços” ...

Contudo, as instruções de definição só seriam retomadas na correção da versão final do texto de origem, quando buscam nos suportes externos mais instruções de definição para o paradigma “lustroso”: cintilantes, luzindo, luzentes e luminosos. A informante 1 elimina uma instrução.

I1 - ...aí... “luminosos” parece que é uma luz que liga uma eletricidade...

Elas não verbalizam os motivos, mas escolhem, como tomada de decisão final para *sleek new cars*, a opção de “novos carros luzentes”.

I2 - “luzentes” ... “novos carros luzentes” ... e se nós colocássemos aqui... “novos carros luzentes andam pelas repavimentadas rodovias” ... “pelas repavimentadas” ... não precisa deixa exatamente o “reto” né...porque o “reto” não nos diz nada...

Inferre-se, neste caso, que a instrução de seleção é motivada pelo contexto do próprio texto, pela necessidade de não se repetir palavras, dado que, num texto tão pequeno, a repetição pode significar pobreza de vocabulário.

I1 - é? *gleaming*... “reluzente” ... é tudo isso... tem vários adjetivos que é de luz... *sleek, shiny... gleaming*... a gente vai que cuidar para não repetir a palavra também...

I2 - verdade...

I1 - então a gente já usou “brilh...” o que a gente já usou? “brilhante” para os “carros” ... agora pensar num para o *shiny*... oh! tem outros... “cintilar... reluzir... reluzente” ...eu vou falando tá... o que estou pensando “reluzentes estações de serviço bem equipadas com... lojas de conveniência e cintilantes restaurantes *self-service*” ...

I2 - aham... é que aqui o *shiny* realmente remete ao “brilhante” ... né?

I1 - ao “brilhante” ...

I2 - nós teríamos que mudar aqui em cima então... rrsrrsr... porque daí aqui “brilhantes serviços” ...

A seguir, a análise do processo de tomada de decisão do mesmo caso na oficina 3. Os informantes realizam o processo de tomada de decisão de forma diferente: em vez de só utilizarem argumentos (instruções de seleção) para eliminar a instrução de definição, eles também utilizam argumentos para justificar a escolha, tornando-a plausível.

Sendo assim, o informante 3, a partir de seus suportes internos e externos, verbaliza a primeira instrução de definição para o adjetivo *sleek*: elegante; a informante 2 também apresenta as suas instruções: polido e brilhoso; e a informante 1 finaliza com “novo em folha”. Constata-se que, aparentemente, num primeiro momento, todos gostam da opção elencada pela informante 1, no entanto, eles não têm certeza da plausibilidade dela.

I3 - ...será que usa “novo em folha” então? ... kkk...

I1 - acho que não... não...

Então, passam a procurar justificativas para tornar plausível a instrução de definição “novo em folha”, se apoiando nas características do próprio texto de origem, a exemplo da linguagem do código utilizado pelo autor do texto original.

I3 - “Carros novinhos”? ... este texto...vocês o sentiram meio... o que assim... mais informal... mais formal?

Também, observam o canal utilizado pelo autor do texto original para transmitir a mensagem.

I1 - não... uma linguagem de revista mesmo...

Ainda, se apoiam nas características do gênero textual do texto de origem.

I1 - é jornalístico...mesmo assim né...acho que no meio...

Contudo, não tomam nenhuma decisão final. Somente mais tarde a palavra volta com novas instruções de definição por parte da informante 1, “modernos”, e o informante 3 acrescenta outra, “esguio”. Neste entremeio, eliminam a instrução de definição “elegante”, que foi apresentada anteriormente, pela falta de ocorrência no dia a dia, segundo as pesquisas nos suportes externos.

I1 - mas a gente fala “carros elegantes”?

I3 - difícil né?

I1 - a gente não fala “carro elegante” ...

A informante 2 apresenta uma dispersão de variantes para a palavra *sleek* em inglês, mas de forma convergente, o que reforça a sugestão dada pela informante 1, “moderno”.

I2 - é que tem o sentido de... soft... smooth... fashionable...attractive in design...

I1 - por isso... é que eu pensei desse attractive in design aí... nesse sentido...

Mas esta instrução de definição também é eliminada pelo uso no dia a dia.

I1 - fala “carro moderno”, por isso que eu pensei em “moderno”, mas também “moderno” ... não sei se falam “moderno”?

A informante 2, que está digitando a tradução, decide, sem explicitar os motivos, por “carros novos em folha”. No entanto, a informante 1 não estava muito convicta da instrução de definição que ela mesma deu, por conta disso, ela faz mais uma busca em seus suportes externos, encontra mais instruções de definição e se convence de que “novo em folha” é plausível:

I1 - “Novo em folha” ... que ainda não foi usado... perfeito estado... como se fosse novo... perfeitamente curado... em perfeito estado... como se fosse novo... aí tem

assim... A lanternagem deixou o carro novo em folha... é um intensificador de “novo” ... né?

I3 - aham...

I2 - ai Jesus...

A escolha ainda fica em aberto para uma possível mudança na hora da revisão da tradução, mas não acontece a alteração.

I1 - depois a gente pode voltar nessa...

É importante registrar que não foi possível refazer o processo de tomada de decisão realizado na oficina 1. Não se sabe que instruções de definição os informantes encontraram para a palavra *sleek*, nem que instruções de seleção os levou a escolher a palavra “brilhantes”, pois, como já foi mencionado, perdeu-se a gravação.

Analisando a transcrição da oficina 2 e 3, pode-se confirmar que eles fazem, muitas vezes, o processo de tomada de decisão conforme apresentado na teoria da tradução de Levý, ou seja, alguns processos se mostram mais complexos, pois demandam mais pesquisas nos suportes internos e externos dos informantes, outros se mostram mais simples; mas todos os processos levaram à escolha final.

Por isso, conclui-se que foi crucial para esta pesquisa utilizar como metodologia os *Think-aloud Protocol* durante as oficinas de tradução colaborativa, pois, dessa forma, mesmo que a oficina fosse a simulação de uma situação real de tradução, pode-se, com muita clareza, refazer o processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem em língua portuguesa bem como retomar o processo de tomada de decisão dos informantes como eles aconteceram.

4.4 CLASSIFICAÇÃO DAS TOMADAS DE DECISÃO

Na oficina 2, pode-se afirmar que as informantes não tomaram decisões rotinizadas, conforme categorizou Jungermann et al., apesar da informante 2 sugerir algumas instruções de definição sem atividade cognitiva. Conforme já analisado anteriormente, talvez isto seja resultado de uma possível falta de experiência.

I2 - ... “com mais cores”?

Também se pode afirmar que as tomadas de decisões delas não são estereotipadas, apesar de em alguns momentos elas expressarem algumas instruções de seleção com as expressões “gosto” e/ou “não gosto” e seus sinônimos no processo de avaliação, ou seja, não foram guiadas sempre pelo critério da razão. Localizam-se na transcrição 6 estas verbalizações de avaliação.

I1 - eu particularmente prefiro “brilhante” do que “lustroso” ...

I1 - “retas” ... por isso que eu prefiro “retas” ...

I1 - eu prefiro “projetam” ...

I1 - mas é que... assim... tá beleza...você pode até não gostar dessa palavra..., mas é a palavra que ele está usando...

I2 - aham...” confortavelmente...” eu gostei dos “burgueses” ... “os magnatas” ..., kkkk... “os burgueses tomam...” ...

I1 - tá..., mas assim... “lanchar” ... eu gostei dessa opção... tá... vamos embora..., mas é o que eles vão fazer... kkkk...

I1 - mas neste caso, eu acho que “refúgio” não vai ficar legal... eu acho que o melhor é “paisagem” ...

Assim, constata-se que as tomadas de decisão das informantes da oficina 2 podem ser categorizadas como decisões refletidas, ou seja, elas iniciam um processo espontâneo (rotinizado), mas ele é logo interrompido, porque elas propõem instruções de definição a partir de pesquisas realizadas em suportes internos e externos, e, além disso, as variantes divergentes são avaliadas. Por outro lado, as tomadas de decisão delas não podem ser categorizadas como decisões construídas.

O mesmo incide nas tomadas de decisão da oficina 3: as decisões também não podem ser categorizadas como decisões rotinizadas e estereotipadas, mesmo porque os informantes não verbalizam menos expressões de avaliação como as citadas anteriormente.

I2 - é... “assento” fica legal “todos os assentos da, do teatro, teatro”?

I2 - “bicar” acho que a gente fala “bicar”, mas não vai ficar legal.

4.5 PERFIL DOS PESQUISADORES

Articulando as transcrições das verbalizações realizadas pelos pesquisadores com a versão final produzida por eles em língua portuguesa e o que eles mesmos informaram em seus currículos *Lattes*, pode-se inferir que: no aspecto formação acadêmica, diante do grau de escolaridade dos informantes da oficina 1, eles, supostamente, deveriam apresentar menos dificuldades no processo de compreensão, interpretação e reprodução de imagens no imaginário do suposto leitor brasileiro, pois é um grupo que possui o maior grau de escolaridade, o que não significa necessariamente que possuíam habilidades tradutórias.

Nesse sentido, ao se comparar as versões finais produzidas em cada oficina (ver anexo 2, 3 e 4), pode-se afirmar que cada grupo de pesquisadores produziu, para o suposto leitor brasileiro, o que Levý (1967), em sua teoria da tradução, nomeia como método anti-ilusionista, quer dizer, os informantes não só caracterizaram o texto como tradução, mas simularam a realidade, interferiram no andamento da narrativa, acrescentaram o seu ponto de vista e se dirigiram diretamente ao leitor, ainda que, conforme Vega Cernuda (2012:169) alega, Levý preferisse o método ilusionista. Este fato pode ser observado na tradução da palavra “*Autobahns*”, presente na 1ª oração do texto de origem.

Quadro 19: Comparação das versões da oração 1.

Oração 1	<i>Sleek new cars speed along straightened and repaved autobahns.</i>
Oficina 1	Carros novos e brilhantes aceleram pelas rodovias alemãs , expandidas e repavimentadas.
Oficina 2	Novos carros luzentes andam, ao longo de retas e repavimentadas rodovias .
Oficina 3	Carros novos em folha aceleram pelas rodovias perfeitamente repavimentadas.

Fonte: A autora (2019). Traduções produzidas pelos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa.

Quando os pesquisadores, por meio de seu processo de tomada de decisão, optaram por traduzir a palavra “*Autobahns*” por “rodovias”, um suposto correspondente mais generalizado e mais conhecido pelo público brasileiro, eles, intuitivamente, utilizaram a estratégia nomeada por Levý (1967/2012:90) de Estratégia Mini-max, ou seja, na busca da solução ótima, eles decidiram dentre as possíveis soluções, dentre aquelas que prometiam um máximo de efeito com um mínimo de esforço. Levý afirma que desta é uma política adotada por alguns tradutores, aqueles que se contentam em encontrar para as suas frases uma forma que expresse mais ou menos todos os significados necessários e valores estilísticos. Entretanto, é provável que após horas de experimentação e reescrita, uma solução melhor pudesse ser encontrada.

Em regra, os tradutores adotam uma estratégia pessimista: mostram-se ávidos por aceitar aquelas soluções cujo “valor” – mesmo no caso das reações mais desfavoráveis por parte de seus leitores – não passe de certo limite mínimo admissível por seus padrões linguísticos e estéticos. (LEVÝ, 1967/2012:91)

É importante salientar, mais uma vez, que os pesquisadores regularmente matriculados no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC não passam por um processo específico de formação de tradutores, visto que a proposta do programa apoia-se no desenvolvimento geral da tradução por intermédio da formação de pesquisadores capazes de equilibrar reflexões teórica, crítica e histórica da tradução bem como a formação para o exercício das atividades de pesquisa, de tradução e de magistério superior na área. Além disso, possibilita o aperfeiçoamento das ferramentas de trabalho do tradutor e a elaboração de traduções anotadas, de forma a oferecer modelos de tradução.

4.6 QUESTIONÁRIO

Ao analisar as respostas dadas pelos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa, conforme quadro elaborado (Apêndice 6), verificou-se que apenas 6 deles responderam ao questionário. Não se sabe os

motivos pelos quais alguns adiaram responder e, consecutivamente, esqueceram de fazê-lo, nem os motivos pelos quais as questões foram ignoradas ou dispensadas. Contudo, a falta de retornos ao questionário enviado, deve-se, talvez, ao fato de que ele deveria ter sido aplicado ao final das oficinas, acompanhado de uma ficha de identificação. Ainda assim, o quadro organizado a partir das respostas dos pesquisadores que deram o seu *feedback* é um material válido e necessário para complementar a visão geral sobre os pesquisadores da PGET.

Dos 6 que responderam, todos afirmaram possuir algum tipo de experiência prática em tradução, acadêmica ou não. Por outro lado, apenas 2 afirmaram possuir experiência prévia em tradução colaborativa antes da realização das oficinas. Sobre a utilização do TAP, nenhum dos participantes afirmou, com clareza, ter utilizado, na prática, o protocolo. Quanto aos desafios elencados pelos participantes, o mais citado foi “entrar em consenso”, porém, quando se tratava do tema “negociação”, ninguém se opôs à verbalização de pensamentos, intuições etc. Supõe-se que isso ocorre por causa da tradução colaborativa, que torna os processos de discussão e verbalização mais naturais.

Ainda, a partir de todos os levantamentos de dados realizados durante esta pesquisa, elaborou-se um quadro geral de dados, conforme exposto abaixo:

Quadro 20: Levantamento geral de dados.

	Oficina 1	Oficina 2	Oficina 3
Número de pesquisadores convidados	5	25	17
Número de pesquisadores que participaram das oficinas	3	3	3
Gravação	0 arquivo	2 arquivos	1 arquivo
Transcrição	0	1	1
Texto traduzido	1	1	1
Levantamento de perfil	3	2	3
Número de pesquisadores que responderam ao questionário	2	2	2

Fonte: A autora (2019). *Corpus*

Diante deste quadro, constata-se que 47 pesquisadores regularmente matriculados, em nível de mestrado e doutorado, na Pós-Graduação em Estudos da

Tradução da UFSC foram oficialmente convidados para participar das oficinas de tradução colaborativas, sendo que 37 não compareceram. Presume-se que a maioria dos pesquisadores convidados não participaram das oficinas pelos seguintes motivos: falta de interesse, já que boa parte nem respondeu ao e-mail convite; incompatibilidade de horário, pois alguns solicitaram ajustes nas datas e horários; falta de emissão de certificado, uma vez que alguns responderam ao e-mail convite questionando sobre a emissão deste documento; desinteresse em realizar a tradução de forma colaborativa, visto que certo número de pesquisadores pediu para fazê-la individualmente, em casa, via internet. Presume-se também que os pesquisadores que vieram, voluntariamente, participar das oficinas colaborativas, estavam realmente interessados e se empenharam para traduzir o texto de origem, como pode ser observado na transcrição da oficina 2 (Apêndice 2) e da oficina 3 (Apêndice 3). Este fato otimizou a simulação do processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem bem como do próprio processo de tomada de decisão, tornando-a mais próxima da realidade e ratificando a necessidade de se fazer uma reflexão sobre o processo tradutório, principalmente por parte do tradutor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma análise do processo de tradução tanto do ponto de vista teleológico quanto do ponto de vista pragmático. Além disso, a combinação da pesquisa bibliográfica com a pesquisa de campo permitiu verificar como a maioria dos pesquisadores que participaram das oficinas de tradução colaborativa, em sua maioria, não tinham consciência desses processos e sua inter-relação entre si.

Neste sentido, a promoção das oficinas colaborativas, orientadas pela metodologia Think-aloud Protocol, a gravação das negociações estabelecidas entre os participantes durante do processo de tradução colaborativa, a transcrição das gravações e a análise da escritura da versão final da tradução do texto de origem de cada oficina forneceram um material rico que possibilitou, em uma simulação real, observar na prática como pesquisadores regularmente matriculados, em nível de mestrado e doutorado, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução realizaram o processo de tradução fundamentado em dois pontos de vista, ou seja, o processo de compreensão, interpretação e reformulação do texto de origem para a sua língua materna bem como o passo a passo, isto é, o processo de tomada de decisão.

Isso permitiu que os objetivos propostos por esta pesquisa fossem alcançados. Aliás, por meio da análise desse material, ficou evidente como esses pesquisadores tinham dúvidas a respeito dos elementos invariáveis, que, por sua natureza, deveriam permanecer intactos no texto de origem, e dos elementos variáveis, aqueles que apresentam estruturas que poderiam ser modificadas por estruturas com valores e funções semelhantes.

O levantamento do perfil dos pesquisadores que participaram das oficinas bem como o questionário aplicado possibilitaram constatar que, mesmo os pesquisadores possuindo formação acadêmica, certa experiência profissional e proficiência na língua do texto de origem – que seriam os suportes internos de cada um –, além do acesso a suportes externos que estavam disponíveis naquele momento, esses elementos não foram suficientes para superar algumas barreiras impostas pelos processos. Apesar de haver uma grande disparidade entre os pesquisadores da oficina 1, 2 e 3, isto é, diferentes níveis de expertise, a maioria

apresentou dificuldades em recodificar as imagens criadas pelo autor do texto de origem para o futuro leitor da versão final da tradução em língua portuguesa na variação brasileira.

Ainda, ficou evidente que o contexto de criação do texto de origem interferiu significativamente nos resultados do processo de tradução. Isso demonstra que se faz necessário oferecer, cada vez mais, formações específicas aos pesquisadores interessados nos Estudos da Tradução e no processo de tradução propriamente dito, para proporcionar o sucesso na prática, no processo e no produto tradutório.

É evidente que muitos fatores podem interferir no processo de compreensão, interpretação e reformulação da mensagem do texto de origem na língua alvo. Além disso, muitos fatores também podem interferir no processo de tomada de decisão, especialmente no caso da tradução colaborativa. Assim, a partir dos resultados obtidos e considerando a importância do assunto, pode-se afirmar que, para melhorar a qualidade das traduções, torna-se necessário promover a conscientização dos pesquisadores que se interessam pelos Estudos da Tradução e pelo processo de tradução, de forma bem definida, acerca dos processos envolvidos e suas inter-relações e, conseqüentemente, sobre os fatores que interferem de forma direta ou indireta nestes processos, orientando-os a partir destas perspectivas. Ratifica-se, portanto, a necessidade de se promover paulatinamente oficinas de tradução colaborativa com os pesquisadores interessados nos Estudos da tradução, objetivando a visualização, na prática, do processo de compreensão, interpretação e de reformulação de um texto em qualquer língua alvo bem como o processo de tomada de decisão, recorrendo à utilização do método *Think-aloud Protocol*, para, desta forma, superar-se os fatores que podem prejudicar a qualidade de uma tradução.

De uma forma geral, a tradução colaborativa, como foi demonstrado, é um processo em que dois ou mais pesquisadores cooperam no trabalho de traduzir o texto de origem para uma língua alvo. Embora não seja um fenômeno novo, tendo sido documentado na história da tradução tanto do Ocidente como das culturas não ocidentais, é um processo muito rico que pode contribuir significativamente no processo de tomada de consciência, por parte do tradutor, sobre o processo de

compreensão, interpretação e reformulação da mensagem de um texto de origem em uma determinada língua alvo e o processo de tomada de decisão em tradução. Em termos teóricos, confirma-se, também, o vanguardismo da teoria da tradução de Jiří Levý, na qual há uma confluência da teoria com a prática que foi chave para o desenvolvimento desta pesquisa. No entanto, isso não impediria uma análise futura das barreiras encontradas e da plausibilidade na/da teoria de Levý para este tipo de tradução.

De fato, a parte mais complexa desta pesquisa foi o levantamento dos *corpora*, pois, como já dito, o levantamento de dados é um processo lento e sensível, que depende do interesse, da boa vontade e da disponibilidade do público alvo em participar, de forma voluntária, das pesquisas. Nesse sentido, deixa-se para análises futuras a relação entre a tradução interlingual de Levý (1967) e a abordagem Hermenêutica, proposta pelo teólogo alemão Friedrich Schleiermacher. Além disso, fica adiada também uma longa análise acerca do processo de tradução intralingual, quer dizer, da transcrição do texto oral, a qual suscita diversas questões e desafios.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília, SEVERINO, Antônio e PATROCÍNIO, Mauro Ferreira. **Novo Manual Nova Cultural**. 1ª.ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1993.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário da Língua Portuguesa**. Org. Paulo Geiber. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CERCEL, Larisa. "Hermeneutics as a Research Paradigm." *Zeta-Translational*, 2015, 17–40. doi:10.5840/ZETA-TRANSLATIONAL20152.

JAKOBSON, Roman. 1960. Linguística e poética. In: _____. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1991.

KUSSMAUL, Paul e TIRKKONEN-CONDIT, Sonja. Think-aloud Protocol Analysis in Translation Studies. *In Traduction, Terminologie et Rédaction*, vol. 8, nº 1, 1995, p. 177-199.

LEVÝ, Jiří. **Art of translation**, Trad. Patrick Corners. 1ª ed., Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins Publishing, 2011.

LEVÝ, Jiří 1967/2000. Translation as a Decision Making Process. *In: VENUTI, L. (ed.) The Translation Studies Reader*. Trans. unknown. London: Routledge. 1 ed. p. 148-159, 2000

LEVÝ, Jiří (2012). Terá a teoria da tradução serventia aos tradutores? Trad. Alice Leal. *In: ScientiaTraductionis*, nº11, p. 61-71, jul. 2012.

LEVÝ, Jiří (2012). A tradução como um processo de tomada de decisão. Trad. Gustavo Althoff e Cristiane Vidal. *In: Scientia Traductionis*, nº11, p. 72-95, jul.2012.

NECKEL, Filipe Mendes. Breve introdução ao pensamento Tradutológico de Jiří Levý, *In: ScientiaTraductionis*, nº11, p. 11-23, jul. 2012.

Newsweek, Estados Unidos da América, p.14, 28 de fev. 1994.

NORD, Christiane. Defining translation functions. The translation brief as a guideline for the trainee translation. **Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, [S.l.], n. 33, p. 039-054, jan. 1997. "Novo em folha - Origem da Expressão" em *Só Português*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2007-2019. Disponível em: <https://www.soportugues.com.br/secoes/proverbios/novoemfolha.php>. Acesso em 02 mai. 2019.

OSIMO, Bruno. **History of Translation, Contributions to Translation Science in History: Authors, Ideas, Debate**. 1.ed. Publisher s19050, 2019

PETRI, Dino (organizador). **Análise de textos orais**. 3 ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.

PRASSL, Friederike. Translators' Decision-Making Processes in Research and Knowledge Integration. *In*: Göpferich, S., Alves, F. & Meets, I. M. (eds) **New Approaches in Translation Process Research**. Copenhagen: Samfundslitteratur Press, 2011, pp. 57–81.

RAMOS, Rui. “**Quimbundo no Português**”. 2000. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/quimbundo-no-portugues/5362>. Acesso em: 10 fev. 2019.

RAMOS, Rui. “**A língua kimbundu***”. 1997. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/diversidades/a-lingua-kimbundu/351>. Acesso em 10 fev. 2019.

REISS, Katharine. **TRANSLATION CRITICISM – THE POTENTIALS AND LIMITATIONS**, Translated by Erroll F. Rhodes, Routledge, 2014.

Sleek New Lamborghini Concept Car. 2014. Disponível em: <http://trendingonnet.com/2014/05/05/sleek-new-lamborghini-concept-car/>. Acesso em 04 fev. 2019.

STOLZE, Radegundis. **The Translator Approach – Introduction to Translational Hermenêutics**. Frank&Timme, 2011

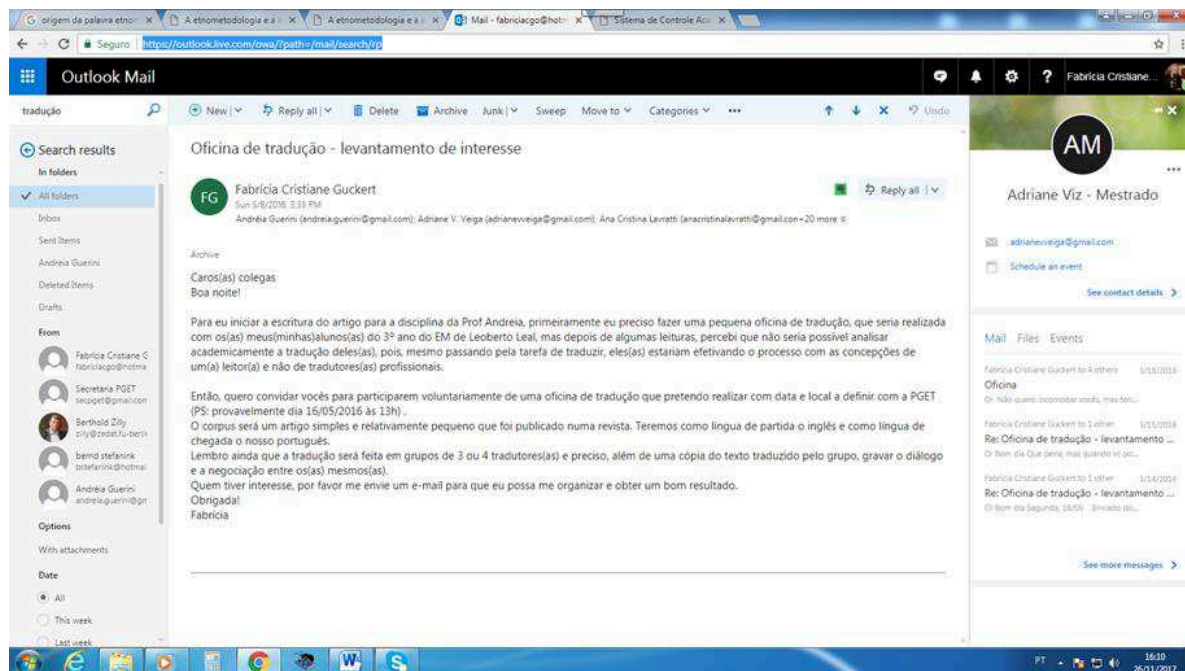
VEGA CERNUDA, Miguel Ángel. O Caso Levý: Fenomenologia de sua recepção e avaliação de suas contribuições no contexto da tradutologia da época. Trad. Mauri Furlan. *In*: **Scientia Traductionis**, nº11, p. 153-171, jul.2012.

WANDSCHEER, Roselaine. Dez fatos sobre a *Autobahn*. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-os-nazistas-roubaram-a-ideia-da-autobahn/a-16147753>. Acesso em 27 fev. 2019.

ZIPSER, Meta Elisabeth e AIO, Michelle de Abreu. Tradutor jornalista ou jornalista tradutor? A atividade tradutória enquanto representação cultural. **Gragoata**, Niterói, nº 31, p.107-118, 2. sem. 2011.

APÊNDICE A – CONVITE

Figura 5: Convite para Oficina 1.



Fonte: A Autora (2018).

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA OFICINA 2

I2/ I1 - tu queres que a gente fale sobre nós também?

I2 - ou... só... como é que é?

I1 - só sobre a tradução e o processo da tradução...

I1 - eu posso ir falando já? rs... rs....

I2 - a situação...

I1 - eu também... assim... nas minhas trad... quando eu faço tradução de qualquer coisa... eu sinto muito a necessidade de usar o dicionário...

I2 - sim...

I1 - para verificar... para achar sinônimos... para pensar em outras palavras...

I2 - até porque... primeiro... você tem que ler e entender o que fala... meio... como se diz... superficial...

I1 - aham...

I2 - aí depois que você vai... você vai começar a tra... Depois eu começo assim... primeiro é isso... depois eu começo a traduzir palavra por palavra... só para ver se... né... porque claro... a gente não é experiente ainda em tradução né... o dia em que a gente for... tudo bem... eu pelo menos...aí depois eu começo a fazer isto...ah o que que eu posso usar... não isso eu não vai dar para usar... pelo menos eu sou assim... né...

I1 - tá... então eu acho que a gente faz mais ou menos parecido...então quem sabe a gente lê todo o texto agora...

I2 - aham...

I1 - e identifica talvez as palavras...

I2 - pode ser...

I1 - que não tenha entendido...a gente troca uma ideia...assim... de repente... uma que eu não sei... tu sabes... uma que eu não sei... tu sabes ou o contrário e...

I2 - tipo assim... eu já olho e já vejo a palavra que não sei também...olha só... no caso aqui *landscape*... eu não lembro o que que é... entende...

I1 - ah tá... sim...

I2 - eu já vejo de longe... o que eu não sei...

I1 ah tá... pode riscar o material... né?

Dé de vocês...

I1 - tá... então... assim... é... *landscape*?... que legal né... quando a gente consegue lembrar o que que é e não consegue colocar uma palavra para falar o que que é o negócio... rrsrs...

I2 - isso quando você não consegue explicar também... tipo... você sabe..., mas olha... aí tem toda uma teoria para explicar isso...

I1 - quando você não encontra o equivalente...

I2 - isso... né...

Doc - em português...

I2 - isso mesmo...

I1 - mas seria mais como se fosse 'um campo' assim... 'uma terra'... 'um campo afastado' assim...

I2 - ah! 'enormes campos'... pode ser então...

Doc - aqui em cima é o contexto histórico de vocês tá...

I1 - ah... tá! ah! ...eu achei que era o título...

Doc - não...é o contexto histórico para vocês terem uma ideia...

I1 - cada uma lê individual... em voz baixa ou quer fazer uma leitura...?

I2 - não... tanto faz...*richness* é...

I1 - 'riqueza'...

I2 - é 'riqueza'... né... 'riqueza e esplendor'?

I1 - aham...

I2 - lendo só o título você já sabe o que quer... o que fala?

I1 - não...

I2 - é porque... tipo... 'depois da reunificação...'..., mas... tipo... o que que aconteceu nessa época?

I1 - bom..., mas isso também... vamos ver o que a gente consegue fazer de tradução com este contexto aqui... independente... tipo... traduzimos e depois...

Doc - que... que vocês entendem do contexto?

I1 - que 'depois da reunificação do oeste e do leste germânico é... há uma nova riqueza e esplendor a ser observado no leste germânico'...

Doc - vocês lembram o fato do muro de Berlim?

I2 - ah tá...

Doc - um lado da Alemanha era socialista e outro lado era capitalista...

I1/I2isso...

Doc - então... com a queda... do muro... este lado...

I1 - leste acaba tendo contato com o capitalismo e coisas produzidas pelo capitalismo...

I2 - humm...

Doc - aonde que há uma mudança...

I1 - ah tá...

Doc - uma mudança visual...

I1 - ok...

I2 - por isso 'um novo esplendor'...

Doc - isso... vocês se atenham a esse momento histórico e a esse fato de que a Alemanha socialista e a Alemanha capitalista...

I1/I2 - aham...

Doc - esses povos ficaram divididos por vários anos...

I1 - ah tá... por isso que aqui fala... aí começa a surgir o quê? 'restaurantes de *self-service*'... que... aliás... já vamos olhar aqui... é uma palavra que a gente pode manter ela dessa forma porque...

I2 - 'enormes supermercados'...

I1 - é como a gente diz... fala ela em português *self-service*...

I2 - é uma palavra... eu já... eu gosto de classificar como universal já... porque você usa na maioria dos países já *self-service*... né... das línguas... desculpa...

I1 - na maioria dos países com contextos capitalistas... bem isso que está falando aqui...

I2 - é... mas assim não... dependendo... não... mas o que eu quero dizer que é de conhecimento...entende... que mesmo você não conhecendo o inglês... você conhece... você sabe o que é '*self-service*' em qualquer lugar... eu digo né... na maioria... eu acho...kkk...

I1 - aham... tá!

Doc - eu estou olhando para vocês..., mas eu não estou considerando nem nada certo... nem errado é só porque eu não me manifesto... tá! é que ela me olhou assim não será que eu estou fazendo isto certo?'

I2 - é que assim... é difícil quando fala isso na frente de uma professora... kkk...

Doc - eu não posso interferir...

I2 - tá! aqui... no caso... eu não sei o que é *sleek*... mas diz que é... aqui no Google diz que é 'lustroso'...mas aí... tipo... 'novos carros'... é... 'novos carros...'... este 'lustroso' poderia ser 'bom' 'novos carros bons estão gastando...'...

I1 - este 'lustroso'... eu imagino que seja 'brilhoso'... 'brilhante'... porque os carros começam a surgir... 'lustrosos carros?'

I2 - é de 'carro novo' mesmo.... de 'carro novo' né?

I1 - mas assim... a minha pergunta é... se a... a gente tem que traduzir... botar em palavras... escrever... então o que a gente vai fazer? 'novos carros lustrosos'? ...o meu questionamento é... se não seria melhor 'brilhantes'?

I2 - ... 'com mais cores'?

I1 - aí é que eu acho que 'mais cores'... aí já vai estar dando um significado que não está implícito aqui...

I2 - é não... 'com mais cores' não...

I1 - ele está dizendo que são 'carros que brilham'...

I2 - é... 'carros novos' né? 'carros novos'...

I1 - porque é 'novo'..., mas não por causa *sleek* significaria 'carro novo'... porque tu podes ter um carro velho lustroso...

I2 - sim...

I2 - aqueles carros de colecionadores... por exemplo... eles podem muito bem-estarem 'lustrosos' e não são 'novos'...

I2 - mas... aqui... eu acho que o 'lustroso' dele se refere ao brilho que tem o 'carro novo'... entende... né...

I1 - tá... então...

I2 - enfim..., mas vamos continuar... não lembro o que é *straightened*...

I1 - *straight* é 'reto' né... é... então 'novos carros brilhantes andam ao longo de rodovias paviment... repavimentadas e retas'...

I2 - ah... será que aqui ele não fala... porque como houve este desenvolvimento...

I1 - sim...

I2 - então agora... é como se assim... um lugar pequeno se abrisse ao novo agora... né? então é nesse sentido que ele quer dizer... que agora esses carros podem passar em qualquer lugar... lá... de leste a oeste...

I1 - não... eu não acho que é isso... acho que é assim... é... o que que acontece? entrou esse capitalismo... entrou coisas do capitalismo na Alemanha oriental... então o que passa a ter... elementos que antes não tinham como... 'novos carros andam ao longo de rodovias pavimentadas'... então... essa coisa de ter rodovias... de ter pavimento e ter carros passando... 'lustrosos' e 'novos'...

I2 - 'luxuosos'...

I1 - é o que vai dar um cenário novo... e é isso que eles vão... é isso que vai falar ao longo do texto... sobre tudo que vai surgindo na Alemanha oriental com essa introdução do capitalismo... né... casas de ópera... haaaa... ele falou ali antes...

I2 - ... então vamos fazer assim então... vamos ler tudo primeiro... né...

I1 - ... aham...

I2 - é isso mesmo... então a ideia principal é essa.

I1 - sim... então...

I2 - então vamos... posso ir traduzindo aqui?

I1 - pode...

I2 - ou tu preferes fazer um rascunho primeiro?

I1 - é... só porque eu tenho essa mania de ir escrevendo porque senão... traduzir na mente...

I2 - deixa eu pegar um pedaço de papel aqui...

I1 - só que traduzir... no caso... depois a gente esquece né... é claro... traduzir na cabeça primeiro e tem que já ir escrevendo...

I2 - é claro... se não depois a gente esquece... precisamos traduzir aqui a... também a...

I1 posso sugerir que a gente faça a lápis porque... com certeza... a gente vai discutir umas palavras aí...

I2 - ah tá...

I1 - aqui é 'reunificação'...

I2 - opa... eu botei 'unificação'... né?

I1 - sim...

I2 - estou com a unificação da Itália na cabeça... kkk...

I1 - kkk...

I2 - aqui... tipo *there is a new* 'com novas riquezas'?

I1 - 'riquezas'? aham...

I2 - 'com novas riquezas'... né...com?

I1 - não...

I2 - ou 'em novas riquezas'?

I1 - antes de a gente... vou só mudar uma coisinha aqui porque ficou assim 'a reunificação de leste ao oeste germânico'... na verdade não é 'ao'... é uma 'reunificação do leste e oeste germânico.'...

I2 - então 'da reunificação do leste e ...'...

I1 - 'e do oeste'... 'E oeste' então...

I2 - 'e oeste'...

I1 - 'e oeste'...

I2 - porque 'e do Oeste'... tipo... eu não sei... é que parece que não fica bom duas vogais juntas... não sei... enfim... tá...

I1 - ah tá...

I2 - mas pode ser... 'E com novas riquezas'? não... 'com novas riquezas'?

I1 - 'depois da reunificação do oeste... do leste e oeste germânico... há uma nova... há novas riquezas e esplendor a serem observados no Leste... germânico'...

I2 - 'há novas'...

I1 - porque *there is*...

I2 - 'há uma nova'... 'há novas'...

I1 - 'há uma nova'....

I2 - tem razão em escrever a lápis...

Linha 1 -----

I2 - tá... então a primeira frase... como que nós vamos deixar?

I1 - é...

I2 - 'novos carros brilhantes'... pode ser?

I1 - eu particularmente prefiro 'brilhante' do que 'lustroso'...

I2 - sim... aí aqui? 'andando em ruas diretas... andando em ruas...'

I1 - eu colocaria...

I2 - 'pavim...' é... não... espera aí...

I1 - eu colocaria 'retas'...

I2 - 'andando em retas...'

I1 - 'ao longo de retas e repavimentadas'...

I2 - 'novos carros brilhantes andando ao longo de retas'? ...fica estranho né?

'Andando ao longo de retas'?

I1 - 'ao longo de retas e repavimentadas'...

I2 - 'andando em ruas pavimentadas'... poderia ser? 'Ruas e rodovias pavimentadas'? será que não?

I1 - 'ruas e avenidas'?..., mas acho que daí a gente vai estar inserindo uma informação que não está ali...assim... não sei...

I2 - não... eu digo no sentido do 'reto'...no caso aqui das 'diretas'...essa palavra aqui tá...

I1 - porque assim... o que eu entendo com essas *Autobahns*... que seriam rodovias largas... que tem essa coisa da velocidade... que traz com o avanço é... com o avanço econômico... né... então não tem uma rua... tem essas coisas retas... são retas que ligam coisas... são repavimentações... essa coisa que tem uma dimensão maior do que simplesmente uma rua...

I2 - então poderia ser 'novos carros brilhantes andando... andando em pavimentos... em pavimentos...' esqueci... 'em pavimentos...' o que tu falou na última frase ali?...

I1 - eu tinha dito 'ao longo'...

I2 - 'pavimentos'?

I1 - 'ao longo de retas e repavimentadas avenidas'... mas não é 'avenida'...

I2 - não é...

I1 - é outra coisa... 'rodovias'...

I2 - andando em 'rodovias'... aí..., mas este 'ao longo...'

I1 - *shiny service*... você excluiu o 'retas'?

I2 - não... eu vou deixar... estava lendo agora... eu acho... vamos deixar está aqui para ver o que a gente define depois né...

I1 - tá..., mas vamos pelo menos colocar o 'repavimentadas' porque é importante... que são 'rodovias repavimentadas'... porque... tá... aí fica só essa aqui para gente ver depois...

I2 - isso... essa... essa palavra... eu não sei dizer o que ele quis dizer em alemão... que ele traduziu assim... eu entendi o sentido que ele quer dar... que ele quis dar para o artigo né... no caso... mas na nossa tradução fica...

I1 - mas é que... assim... tá beleza... você pode até não gostar dessa palavra..., mas é a palavra que ele está usando...

I2 - pois é...

I1 - é isso que ele está falando...

I2 - não..., mas eu digo assim... o sentido no português... para nós... entende? porque aqui... 'rua diretas'... 'retas'...

I1 - 'retas'... por isso que eu prefiro 'retas'... porque a gente fala... é uma 'reta'... tu vai pegar uma 'reta' e vai até... por exemplo... no Rio Grande do Sul que tem bastante...chega a uma altura... se tu quiser ir lá para o Uruguai... tu ouve falar... em Porto Alegre tem a *high way*... tem a 'reta'... tem essa coisa de velocidade que dá... a reta traz esse sentido... uma 'reta' no país é... uma rua larga... uma velocidade...

I2 - eu vou colocar 'reto' então...

I1 - tá...

I2 - 'reto em rodovias repavimentadas'... vamos fazer assim...

I1 - mas é que esse 'reto' não está se referindo necessariamente à velocidade do carro... ele está se referindo as rodovias...então são 'retas' e não 'reto'...

I2 - sim...não... não ao carro... ah tá...

I1 - é que aqui está 'reto'... 'andando...'...

I2 - 'andando em rodovias retas pavimentadas'...

I1 - 'em retas e repavimentadas rodovias'...

I2 - 'andando... andando em retas... retas e paviment...' mas daí 'repavim...'

I1 - 'repavimentadas'...

Linha 2-----

I2 - deu... tá... para próxima... *shining services*...

I1 - *Gleaming* que eu preciso ver... eu não sei *gleaming*... sabe?

I2 - não...*gleaming* não... é o que eu estava olhando também...

I1 - é? *gleaming*... 'reluzente'... é tudo isso... tem vários adjetivos que é de luz...*sleek*... *shiny*... *gleaming*... a gente vai que cuidar para não repetir a palavra também...

I2 - verdade...

I1 - então a gente já usou 'brilh...' o que a gente já usou? 'Brilhante' para os 'carros'... agora pensar num para o *shiny*... oh! ...tem outros: 'cintilar... reluzir... reluzente'...eu vou falando tá. o que estou pensando 'reluzentes estações de serviço bem equipadas com... lojas de conveniência e cintilantes restaurantes *self-service*'...

I2 - aham... é que aqui o *shiny* realmente remete ao 'brilhante'... né?

I1 - ao 'brilhante'...

I2 - nós teríamos que mudar aqui em cima então... rs... porque daí aqui 'brilhantes serviços'...

I1 - 'estações de serviços'...

I2 - 'brilhantes estações de serviço'... opa... 'de serviços bem equipadas...'...

I1 - 'bem equipadas com lojas de conveniência... bem abastecidas'...

Linha 3 -----

I2 - ah... você achou o *gleaming*?

I1 - *gleaming* também é 'brilhoso... brilhante... lustroso... cintilante'... por isso que eu disse que a gente vai ter que mudar o 'brilhante'...

I2 - ah nós podemos colocar 'luxuosos'...

I1 - pode ser...

I2 - 'luxuosas estações de serviço'...

I1 - não... mas acho assim... mantemos o 'brilhante' aqui... que é o *shiny*... e esse *gleaming* a gente muda por 'luxuoso'...

I2 - ah sim... sim... 'Luxuosos restaurantes *self-service*... enormes supermercados'...

I1 tem um ponto... ah tá...

I2 - aham...

I1 - eu não colocaria 'enormes supermercados'... se fosse uma língua falada...

I2 - 'grandes'?

I1 - eu colocaria o contrário 'supermercados enormes'... acho que a gente falaria isso mais naturalmente no português...

I2 - deixa eu ver... tá... pode ser... 'supermercados' e que... aí já vem também o vício da linguagem... né... porque... no meu caso... eu falo 'enormes supermercados'... não falo 'supermercados enormes'... mas eu digo falado... claro né... não... escrito... rs... rs... rs...

I1 então... para mim... eu acho que não vai interferir tanto... assim... é uma coisa de estilo assim... né... e...

I2 - bom..., mas... sim...

Linha 4 -----

I1 - 'móveis'...

I2 - ah 'lojas de móveis'...

I1 - eu colocaria só 'empórios'... não faria '*shopping* empórios'...

I2 - 'lojas de móveis e empórios' né...

I1 - 'empórios...'...

I2 - e... eu também acho..., mas é porque 'empórios e *shoppings*...'...

I1 - 'apontam'... é porque seria 'empórios de compras' né...

I2 - pois é... é igual no nosso caso aqui... aqui tem empório e tem *shopping*...tem os dois... né...

I1 - e... só que neste caso... este *shopping* que ele está falando é de 'empório de compras'...

I2 - 'lojas de móveis e empórios de *shopping*'? 'Empórios *shopping*'? ... é bom... 'e empórios...'...

I1 - 'apontam no Leste...'... 'apontam' eu acho meio estranho...

I2 - não é 'despontam'? 'despontam...'... eu acho que fica melhor... 'no leste da Alemanha'...

I1 - *dot*... *dot*...

I2 - 'no leste da Alemanha'... daí... o que é *landscape*?

I1 - ah uma palavra para o *landscape*... rs... rs... rs...

I2 - é...

Doc - pode dizer... não faz mal...

I2 - pode falar...

I3 - 'paisagem'...

I2 - 'paisagem'...

I3 - é 'paisagem'...

I2 - e olha só... viu...

I3 - é usado principalmente no campo da fenomenologia... é uma questão de percepção...

I2 - aaaah... seria um 'refúgio'? poderia ser?

I3 - também pode ser...

I2 - colocar 'refúgio' então?

I1 - mas eu acho que neste caso...

I3 - dependendo do contexto e do ponto de vista... você pode usar como 'refúgio'...

I1 - mas neste caso... eu acho que 'refúgio' não vai ficar legal... eu acho que o melhor é 'paisagem'...

I3 - eu não conheço o texto de vocês... só estou... rs...

I1 - é porque é 'na paisagem' que eles começam a surgir... entendeu?

I2 - Ah 'apontam no leste da Alemanha como paisagem'...

I1 - não é 'como paisagem'... é 'na paisagem'... tipo assim... tu tá vendo o Leste

I2 - 'apontam na paisagem do leste da Alemanha' então...

I1 - é...

I2 - então tá né... 'apontam na paisagem...' tá...

Linha 5-----

I2 - esqueci o que é *giant*... *giant cranes*...

I1 - giant de 'gigantes'...

I2 - 'gigantes' '... e gigantes...'...

I1 - 'guindastes'...

I2 - 'que alcançam o céu.'? 'que alcançam o céu.'?

I1 - *stand tall against the ski*... haaaaam...

I2 - 'que alcançam o céu.'? eu acho...

I1 - 'contra o céu'...

I2 - ele fala dos guindastes que praticamente são tão altos que... rrsrrsrrs... ela já conhece o texto kkk... ela deve estar rindo muito de nós... kkkk...

I1 - 'e guindastes enormes... se levantam contra o céu.' eu colocaria assim...

I2 - é? 'e gigantes guindastes... alcançando o céu.'...

I1 - eu manteria o 'contra' para o *against*..., mas 'se colocam'... 'se levantam contra o céu' ou 'se colocam' ou 'se levantam contra o céu'..., mas eu não vejo o 'alcançando' ali...

I2 - aham... 'contra' ou 'em direção ao céu'?

I1 - particularmente... eu colocaria 'contra'...

Doc - tá... por quê?

I1 - por causa da carga do *against* mesmo... assim... que eu acho que é uma coisa que é um embate e não um... não é... é por causa da carga semântica mesmo do *against*... que eu acho que dá muito mais uma noção de 'embate'... de 'ir contra'... do que algo mais suave assim... né... como 'alcançando'...alcançando... é uma coisa tão suave para uma coisa mecânica que está invadindo assim... no caso... como é um guindaste...

I2 - tá...

I1 usando bem o imaginário... assim... imaginando a cena... porque este texto é muito isso... é de você imaginar a cena que está surgindo...

I2 - é que aqui... como nós optamos por colocar 'se levantam contra o céu'... se não tivesse o levantam... eu acho que ficaria daí realmente estranho 'contra o céu'... mas... só que a palavra 'gigantes guindastes'... já remete que os guindastes são grandes... kkkou estou errada? kkk... eu vou pôr assim... eu vou por um risquinho onde a gente deve revisar depois...

I1 - tá... é só porque às quatorze horas eu tenho um compromisso...

I2 - eu também tenho aula...

I2 - é das 'casas de ópera'?

I1 - é... 'cada lugar é'... eu acho que 'preenchido' não é estranho? ...para uma 'casa de ópera'? ...o que que a gente poderia colocar no lugar?

I2 - é... vamos ver aqui sinônimo 'preenchido'...sinônimo de 'preencher'... 'ocupar'

I1 - 'ocupado'... 'ocupado'! 'cada lugar é ocupado' ou então...

I2 - é... 'encher... completar... ocupar...'

I1 - mas para dar... eu acho que para 'casa de ópera ocupada' é mais... cabe mais... assim né... então 'cada lugar do *Dresden*'

I2 - é que fala de pessoas... eu acho que *Dresden*...

I1 - mantém... é nome próprio...

I2 - é... mantém... pois é... 'é ocupado...'

I1 - é... só que eu botaria o *Dresden* antes... se a gente pensar na frase toda... quer ver...

I2 - vamos colocar assim 'cada lugar do *Dresden*...'...

I1/ I2 - 'é ocupado'...

I1 - mas aí... a gente tem que colocar o adjetivo também... *magnificent*...

Linha 6-----

I2 - ham... e se nós colocasse assim 'cada lugar do *Dresden magnificent* é ocupado...'....

I1 - mas é que o *magnificent*... ele tem que ser traduzido porque ele não é parte do nome do *Dresden*...

I2 - sim... não..., mas o que eu quero dizer que assim... nós poderíamos colocar tudo assim 'cada lugar no *Dresden* é... é magnífico...' 'é um neoclássico... é uma ópera neo... uma casa de ópera neoclássica magnífica é o...'... não... kkk... não... que 'cada lugar no *Dresden*...'... não... eu acho que poderia ser 'cada lugar é ocupado...'... não...

I1 - e em vez de 'cada'... colocar 'todo'?

I2 - 'todos os lugares são ocupados no *Dresden*...'... daí dá sim...

I1 - para dar essa noção de casa cheia... a casa fica cheia...

I2 - aham... 'todo lugar é ocupado no *Dresden*'... não... 'todo lugar'... 'todos os lugares são ocupados'...

I1 - aham...

I2 - fica mais bonito...

I1 - soa melhor... então assim... 'todos os lugares da...' só um pouquinho... 'da magnífica casa de ópera neoclássica é ocupado.' ...

I2 - 'de ópera'.... 'todos os lugares da magnífica casa de ópera... de ópera... de ópera clássica...'..., mas... não é neoclássica... mesmo?

I1 - 'neoclássica'...

I2 - é né...

I1 - é o que a gente falou...

I2 - 'casa de ópera é ocupada'... daí dois pontos... 'confortáveis...'...

I1 - 'de ópera'... só faltou o 'neo' aqui... 'neo'... tracinho... 'clássica'...

I2 - ainda bem que deu espaço aqui 'neoclássica é ocupada' dois pontos...

I2 - 'confortáveis'... o que que é *sip*?

I1 - eu estava justamente colocando aqui... *sip* aparece assim... oh... 'pequeno gole... pequeno trago'...

I2 - 'pequeno gole'? 'pequeno trago'?

I1 - aham... por causa que ele vai se referir ao...

I1/I2 - *French champagne*...

I2 - tá... mas... 'confortáveis...'...

I1/I2 - 'burgueses'...

I1 - 'confortáveis burgueses' não né... 'confortavelmente'...

I2 - *comfortable* burgueses rrsrs... 'os franceses burgueses se sentem confortáveis'...

I1 não...

I2 - 'com seus *champagne* durante a...'...

I1 - não... não está falando dos burgueses franceses... está falando do *French champagne*...

I2 - ah...

I1 - a *champagne* que é francesa...

I2 - mas como é que *champagne* vai ser confortável?

I1 - não..., mas não é isso... é que 'os burgueses... confortavelmente... tomam seus tragos... seus pequenos goles de *champagne* francesa durante as *intermissions*' que eu não sei o que que é... que deve ser as 'apresentações'...

Linha 7 -----

I2 - aham... e o *sip* é?

I1 - 'os pequenos goles'...

I2 - ah... 'pequenos goles'...

I1 - 'os tragos'...

I2 - então vamos colocar assim...

I1 - 'intervalo'!

I2 - 'durante os intervalos'...

I1 - 'durante o intervalo'... eles... 'os burgueses'...

I2 - eles não vão tomar na hora do teatro? ... kkk...

I1 - mas... sabia que tem cinema que em São Paulo... que tu podes tomar champanha dentro da sala do cinema? está rolando o filme e aí rola uns *champagne*... assim... claro que eu nunca fui...né...

I2 - ai Brasil... kkk tá... então vamos colocar assim que 'os burgueses'...

I1 - 'confortavelmente'...

I2 - ou se não podemos optar por deixar 'confortavelmente... os burgueses tomam *champagne*...' né...

I1 - 'nos intervalos'...

I2 - acho que não há necessidade...

I1 - desse *sip* né... também...

I2 - aham... 'confortavelmente...' eu gostei dos 'burgueses'... 'os magnatas'... kkkk... 'os burgueses tomam...'...

I1 - '*champagne* francesa'...

I2 - não podemos colocar então 'tomam seu champanha?'

I3 - 'sua'...

I2 - 'tomam sua... sua *champagne*'?

I3 - rrsrrrs... metida...

I1 - mas já caiu isso...

I2 - é né... caiu...

I1 - não necessariamente é feminino ou masculino...

I2 - está certo... 'tomam *champagne*...'...

I1 - 'durante...'...

I2 - 'francês durante o intervalo'...

I3 - mas vocês não usaram na frase anterior 'sua *champagne*'?

I1/I2 - não...

I3 - não?

I2 - a primeira vez que aparece *champagne* no texto...

I3 - quando ela falou... ela usou o feminino...

I2 - é... e eu usei o masculino...

I3 - por isso que eu falei para manter a uniformidade do texto...

I2 - ah é... eu falei o 'seu'... daí lugar né... tá certo...tá...

I1 - *grimy? grimy? grimy? Even in grimy Bitterfeld?*

I2 - tipo... 'cada *grimy*...'...

I1 - 'encardido'... 'encardido'... 'sujo'... 'até mesmo no sujo *Bitterfeld*...'

I2 - rrsrrrs...

I1 - ah tá... mas olha só... o texto vai dar essa noção de...

I1/I2 - 'poluição'...

I1 - então aqui tem outro adjetivo que é 'enegrecido com fuligem'...

Linha 8 -----

I2 - é porque 'a cada mínimo'? é... 'Centro químico de... centros notórios... centros químicos notórios...'... 'notório' é de...

I1 - 'notórios'...é... 'reconhecidos pela sua poluição'...

I2 - ah... pode ser... até o...

I1 - eu acho que neste caso... a gente usa mais 'reconhecido' do que 'notório'...

I2 - não... também acho..., mas eu digo no caso do *grimy?* ...nós mantemos o 'sujo' ou nós podemos manter... não manter o 'sujo' não...podemos colocar o 'sujo' ou... deixa eu ver... sinônimo de 'sujo'...porque 'centros sujos'... não...?

I1 - não..., mas aí o 'sujo' vai ficar na frase de cima oh... 'até mesmo no sujo *Bitterfeld*'... aí começa outra fala...

I2 - nem tem sinônimo de 'sujo'...

Doc - esse *Bitterfeld* é uma cidade...

I2 - uh...o *Bitterfeld* é uma cidade... né... quer dizer... é uma cidade... é? eu achava que era o nome de algum...

I1 - então assim... se é uma cidade... fica melhor 'até mesmo na suja *Bitterfeld*'...

I2 - 'na suja *Bitterfeld*'... é...

I1 - que assim... é uma opção que a gente tá fazendo não traduzir... a gente podia até inserir a informação que é uma cidade... a informação... tipo botar uma vírgula...

I2 - 'até mesmo na... na suja cidade de *Bitterfeld*'

I1 - pode ser... inserir a informação...

I2 - 'na suja cidade'... 'na cidade suja'... não...'na cidade suja'... não... 'na suja cidade de *Bitterfeld*'... oh!... outra coisa... por isso é sempre importante nem sempre ficar no tradutor... e colocar direto no *Google*... se tivesse colocado *Bitterfeld* no *Google* ia aparecer... cidade do estado de... né?

I1 - é...

I2 - tá ...

I1 - caiu a minha internet...

Doc - dez minutos... só para orientar vocês...

I1 - dez minutos... a gente tá... vamos na última frase...

I2 - *mining of*...

I1 - ah... colocou já? 'mineração'...ah! então é isso mesmo...

I2 - 'mineração'...

I1 - é uma 'mineração'... que é uma cidade o que... que trabalha com 'mineração e centros químicos...notória por sua poluição'...

I2 - 'até mesmo na suja cidade de *Bitterfeld*... a mineração...'

I1 - não... não... não é 'a mineração'...

I2 - 'os centros'...

I1 - 'o centro reconhecidamente'...

I2 - não... não é 'a'... 'o centro'...

I1 - 'um'... não é 'o'... é 'um'...

I2 - tá certo...

I1 - 'um centro mineral e químico reconhecido...'...

I2 - 'um centro de minérios... pode ser também... 'um centro de minérios e químicos'... não... não...

I1 - 'um centro de mineração e química'...

I2 - 'um centro de mineração e química...'

I1 - 'reconhecido pela sua poluição'...

I2 - vamos ver se vai ficar plausível essa frase... estou achando... 'um centro de mineração e química...'

I1 - 'reconhecido'...

I2 - 'reconhecido'...

I1 - 'pela sua poluição'... 'mulheres bem vestidas da vizinhança...'...

Linha 9-----

I2 - é uma época de desenvolvimento... né? 'bem vestidas na vizinhança'...o que é *gather*? ...não sei nem pronunciar...

I1 - 'se reúnem'..., mas...

I2 - ah... 'se reúnem para tomar um café cremoso'...

I1 - 'e comer os...' isso...

I2 - 'mulheres bem vestidas na... mulheres bem vestidas... mulheres bem vestidas na vizinhança... se encontram ...um cremoso café' ou 'um café cremoso'?

I1 - eu falaria 'um café cremoso'...

I2 - 'e gigantes'?

I1 - então... eu estou pensando nesses *pastries* aí... como a gente vai traduzir... porque... tá... não é pastel... é tudo que envolve 'pastelaria'... mas envolve 'folhados'... envolve 'tudo'...

I2 - 'salgados'...

I1 - 'salgados'... 'grandes salgados'...

I2 - 'e bons salgados'... 'grandes salgados' é...tipo...

I1 - não fica legal... aí...

I2 - como se chama o lugar que...? 'padaria'? 'confeitaria'? não... 'confeitaria' não...

I1 - 'confeitaria'?

I2 - 'mulheres bem vestidas na vizinhança... se encontram para tomar um café cremoso na padaria'... 'na padaria'? kkkk...

I1 - a gente colocou 'tomar'... nem tem 'tomar' aqui...a gente está inventando que elas estão tomando...

I2 - sim...

I1 - mas assim... elas vão 'se encontrar para um café cremoso e...'...

I2 - é que no... é que pro português nós não usamos para...

I1 - 'pastelaria'? ficou horrível 'comer pastel'...

I2 - é que nós usamos 'se encontram'...

Doc - quer uma dica? dá uma olhadinha no *Google Imagens* na palavra...

I1 - *pastries*?

Doc - sim... não deveria..., mas eu vou...

I2 - tá bom...

I1 - ah é que não apareceu... ah apareceu outra coisa... espera aí...

Doc - eu também fiz este pecado...

I2 - é isso aqui... oh... seria uma 'confeitaria' né? oh...

I1 - conseguiu aí? então... é que são essas coisinhas... é que são... tipo 'massa de pastel'...

I2 - 'doceria'?

I1 - sim...

I2 - 'doceria' então...

I1 - mas não é 'doce'... não necessariamente...

Doc - mas não 'salgado'... necessariamente...

I1 - não necessariamente... aí que tá?

I2 - então '*pastries*'... kkk...

I1 - kkk... boa...

Doc - kkk... o que tu sugeres neste caso?

I3 - ah?

I2 - em *pastries*?

I1 - m *pastries*?

I1 - o que que você pensa?

I3 - depende do contexto...

I1 - 'elas se encontram para tomar um café'...

I2 - é que 'elas se encontram para tomar um café cremoso'...

I3 - qual é origem do texto? por que vocês falaram em *champagne*?

I1 - tá... é da Alemanha... o contexto da Alemanha... Alemanha oriental tão surgindo coisas...

I3 - mas o que é que tem de francês no texto de vocês? por causa da *champagne*? nada?

I2/I1 - não...

Doc - é só a origem...

I1 - não... só porque... o que que acontece? depois da reunificação da Alemanha... o que aconteceu? lá na Alemanha oriental... eles começam a ter acesso a coisas... entre essas coisas... *champagne* francês... *pastries*...

I3 - 'bistrô'... não cabe?

I1 - 'bistrô'? acho que é outra coisa...

I3 - porque o 'bistrô'...

I2 - ah... um 'bistrô' pode ser... bistrô servem isso aqui...

I3 - eu pensei que seria mais adequado... mesmo não conhecendo o texto...

I2 - sim...

I3 - vocês estão traduzindo para o português?

I1 - sim...

I3 - para um público brasileiro?

I2 - sim... é que é aqueles mais sofisticados doces... bistrô... verdade...

I1 - bistrô...

I2 - seria um 'bistrô'...

I1 - mas assim... 'bistrô' não é uma comida...

I3 - não... é um lugar onde se encontra...

I1 - é um lugar...

I2 - é um lugar onde se vai tomar café e comer...

I1 - mas no contexto... tá... tudo bem... a gente pode botar 'bistrô'... só que os *pastries* aqui está se referindo a comida que elas comem...

I3 - tá..., mas como é a frase? qual é a frase? porque pode ser várias coisas...

I2 - não... eu acho que 'bistrô' pode ser... neste caso...

I3 - 'padaria'... 'confeitaria'... já que é algo mais...

I1 - só que assim... oh...

I2 - 'bistrô' ou 'confeitaria'?

I1 - a gente tem um problema... só que assim gente... calma... olha só...

I2 - ah...

Linha 10 -----

I1 - *and... pastries at a Swiss-owned coffee shop... é um coffee shop que serve pastries... então... eu não posso dizer que é um 'bistrô'...porque é um coffee shop...*

I3 - o que que tu colocasses como *coffee shop*?

I1 - a gente ainda não chegou lá..., mas... eu estou pensando que a gente pode colocar 'um café'...

I2 - 'uma loja de café suíça'...

I1 - eu não colocaria 'loja'... aqui... a gente fala que vai num 'café'... 'vou tomar um café'... ah... vou lá na Lagoa tomar um café...

I2 - sim...

I1 - a gente não fala...

I2 - aonde?

I1 - numa 'loja de café'...

I2 - no Café Cultura... kkk...

I3 - o que vocês escolheram antes? 'Salgado'?

I1 - não... a gente não escolheu nada...

I3 - repete a frase para mim? onde aparece o *pastries*...

I2 - pode ler?

I1 - tá... *well-dressed women from a nearby retirement home gather for creamy coffee and gigantic pastries at a Swiss-owned coffee shop...*

I3 - eu não especificaria...

I2 - é o que eu iria dizer agora... 'se encontram para tomar um café cremoso e'... no caso... 'e comer doces e...'...

I3 - ou 'relaxar'... 'fazer lanche' ou 'para um café'... 'um chá'...

I1 - 'lanchar'...

I2 - mas é que aqui eles são chiques...

I1 - kkkk...

Doc - são ou querem parecer...

I2 - é querem parecer chiques... aí...kkk... ah bom... empacamos na última frase...

I1 - tá..., mas assim... 'lanchar'... eu gostei dessa opção... tá... vamos embora..., mas é o que eles vão fazer... kkkk

I2 - 'para tomar um café da tarde'... então... poderia ser?

I1kkkk...

I2 - é que daí... 'café da tarde' resume... né... É o 'café' e 'doce' e 'salgado'...

I3 - com mistura... kkk

I2 - com mistura...

I1 - com mistura...

I2 - 'e se encontram para tomar um café da tarde'... né?

I1 - ta... ta bom... kkk...

I2 - vamos ver se vai dar certo... vamos colocar só pra... 'e se encontram para tomar um café'...

I3 - 'para um café da tarde'...

I2 - 'para um café' também...

I1 - já tava... já tava...

I2 - não... daí gente tira o 'tomar'...

I1 - ah tá... 'para um' eu também acho melhor...

I2 - 'Para um café da tarde'... porque assim... oh... aí... esse café da tarde já remete a isso aqui e isso aqui...

I1 - não... mas eu ainda colocaria ...

I2 - aonde?

I1 - 'para um café da tarde...' ... eu queria botar o suíço... entendeu? o meu problema... esse suíço ali esta me incomodando.

I2 - então... 'para um café da tarde suíço'...

I1 - mas é que não é 'um café suíço'... é 'uma loja que é suíça'...

I3 - 'se encontram no café suíço para lanchar'...

I1 - 'para o café da tarde'... mas repete o 'café'... não adianta fazer isso...

I2 - 'se encontram...' ...

I1 - '... para um café da tarde'... tá ótimo...

I2 - também acho...

I1 - eu desisto... kkk

I2 - 'para um café da tarde típico suíço'

I1 - mas... sabe qual é o meu problema com isso? não é o 'suíço'... o 'café' é 'suíço'... de um 'proprietário suíço'... mas 'o café não é suíço'... 'o café' pode ser italiano... servido numa 'loja suíça'... essa que é o ponto que eu quero chegar... então tá...

I2 - 'na cafeteria' então... 'na cafeteria suíça'...

I1 - 'na cafeteria suíça'...

I2 - 'se encontram para um café da tarde na cafeteria suíça'... nossa! algumas palavras que faz tempo que a gente não escreve é bravo...ta... vamos ler agora para ver.

Doc - imaginem a seguinte situação... isso aqui foi publicado numa revista... revista semanal... quinzenal... mensal... vejam como ficaria numa revista nossa aqui... só uma dica... não poderia..., mas assim só... para vocês terem uma visão... a gente está falando de um trabalho né...

I2 - sim...

I1 - posso ler?

I2 - pode...

I1 - ta... ah...

I1 - bom aqui... primeiro já mudaria aqui então... kkk...

Doc - aqui não precisaria... só para gente saber...

I2 - esse é o problema...

Doc - daqui para baixo é que seria o artigo

I1 - bom... 'novos carros brilhantes na...' eu posso já muda? 'novos carros brilhantes andam... ao longo de retas e repavimentadas rodovias'... é isso que eu colocaria...

I2 - 'andam'...

I1 - 'ao longo'...

I2 - 'de retas'...

I1 - 'e repavimentadas'... então tá certo...

I2 - tá certo...

I1 - aí aqui a gente já tem aquele outro 'brilhante' para mudar... 'brilhante... brilhante'. Esse 'brilhante' a gente pode trocar por... a gente pode trocar os 'carros brilhantes' então por 'lustrosos' do jeito que você pensou antes... kkk...

I2 - não... eu acho que esses 'brilhantes' remetendo aos 'novos carros' nós temos que trocar esse... o que remete ao *shiny* mesmo...

I1 - então tá..., mas... só porque tem o 'brilhante'...

I2 - tá..., mas aí... 'luxuosos'... então... nós poderíamos colocar... não 'lustrosos'...

I1 - kkkkk... eu tenho resistências... kkkk...

I2 - kkk...

Doc - só me diz... por que não 'luxuosos'?

I1 - porque eu acho você falando oh... pensa como ela disse... pensando numa revista. 'novos carros luxuosos' já tem um tom de revista... entendeu?

I1 - á...

I2 - 'andam em retas e pavimentadas rodovias'... aí sim...

I1 - tá... vocês me convenceram... tá bom...

Doc - não... eu não sou a favor do 'luxuosos'...

I2 - com certeza...

Doc - eu só estou dizendo que eu quero que tu me digas por que tu não concordas...

I1 - eu não concordo porque não necessariamente um 'carro lustroso e brilhante' é 'um carro luxuoso'... eu posso ter um fusca velho e vou passar cera e vou deixá-lo 'lustroso'... mas ele não é 'luxuoso'...

I2 - e... eu opto pelo 'luxuoso' porque o contexto geral... daí remete a isso... entendeu? dá ideia disso... só por isso... porque o 'lustrosos'... não... não leva a lugar nenhum a nos... eu digo para o português 'lustrosos'... 'lustrosos' nos que dizer muita coisa...

I1 - o 'lustroso' me passa uma ideia de ...

I2 - é... mais ou menos isso... entendeu? só que não caberia bem num contexto da frase assim 'lustrosos'... já 'luxuosos'... já remete que é a mesma coisa... entendeu de 'lustroso'... de 'luxuoso' também é 'lustroso'... né?

I1 - mas é isso que eu estou dizendo que eu não concordo... que eu não acho 'luxuoso' e 'lustroso'...

I2 - porque daí assim... vamos supor... a pessoa vai olhar... vai ler 'novos carros lustrosos' ela vai ficar...

I1 - mas é que eu refiro..., mas é que o problema é que 'brilhante' já aparece depois...

I2 - ham...

Doc - olha... se vocês quiserem deixar para depois das dezessete horas...

I2 - aí não... agora eu vou terminar...

I1 - bom... vamos...

I2 - eu não achei sinônimo para 'lustroso'...

I1 - mas só 'lustroso'... porque às vezes ele não...

I2 - ah... eu botei oh...

I1 - 'cintilantes... luzindo... luzentes'...

I2 - 'luzentes'...

I1 - 'novos carros luzentes'...

I2 - ou 'luminosos'...

I1 - ...aí... 'luminosos' parece que é uma luz que liga uma eletricidade...

I2 - 'luzentes'... 'novos carros luzentes'... e se nós colocássemos aqui... 'novos carros luzentes andam pelas repavimentadas rodovias'... 'pelas repavimentadas'... não precisa deixar exatamente o 'reto' né... porque o 'reto' não nos diz nada...

I1kkk... ainda bem que ela não tá filmando... ela só tá gravando a voz... eu estou contorcendo para colocar o 'reto'... é que assim... eu vou falar... eu pessoalmente tenho muita dificuldade para mudar o que que o cara tá querendo dizer... por mais absurdo que seja...

I2 - 'andam em retas e repavimentadas'... daí tudo bem!

I1 - 'andam em retas e repavimentadas rodovias'...

I2 - aí a gente tira o 'longo'... entende... o 'longo' é que estava me incomodando...

I1 - ah... tá! ...entendi... desculpa...

I2 - 'em retas e repavimentadas rodovias'

I1 - ham...

I2 - aí fica melhor... fica um pouco melhor... mas ainda é... né...

I1 - 'brilhantes estações de serviços bem equipadas com lojas de conveniência luxuosas' oh os 'luxuosos' aqui... já aí que bom que a gente usou 'luzentes' em cima...

I2 - 'estações de serviços brilhantes bem equipadas'... acho que ficaria melhor do que 'brilhantes estações de serviços'... 'estações de serviços brilhantes'...

I1 - era o que eu estava querendo te dizer antes quando eu mudei 'supermercado enorme' que daí era isso que eu queria mudar também...

Doc - só faz a flechinha...

I1 - até que assim oh... se pensando que é uma revista... até que não fica tão 'estranho' colocar 'brilhantes' primeiro... 'brilhantes...'

I2 - 'brilhantes estações'...

I1 - 'brilhantes...' kkk...

I2 - é também...

Doc - é que essa história do adjetivo no estudo da língua portuguesa é assim oh...se você quer dar ênfase ao adjetivo...

I1 - tu botas ele primeiro...

Doc - tu botas ele primeiro... o que... que é mais importante... é...

I1 - aqui...

I2 - no caso aqui... eu acho que aqui é o adjetivo...

Doc - aí você o coloca por segundo... então 'estações de serviços brilhosas' ou 'brilhosas estações de serviço'...

I2 - 'brilhosas'...

I1 - então..., mas mantém primeiro... mantém primeiro...

Doc - eu não estou dando opinião... eu estou dando só a explicação do que que você tem que dar preferência ou você vai dar preferência ao... o que que é mais importante... é a adjetivação ou o substantivo?

I1 - não... eu entendo isso...

I2 - eu também..., mas aí fica bom oh 'brilhosas estações de serviços bem equipadas com lojas de...'

I1 - como é que ficou? 'bem equipadas lojas...'

I2 - 'bem equipadas' ou 'preparadas'?

I1 - qual a palavra que está aqui? 'equipadas'... 'bem equipadas com lojas de conveniências'... está faltando palavra aqui... 'brilhosas estações de serviços bem equipadas com lojas de conveniências'... *well stocked* faltou.

I2 - 'lojas de conveniências...'

I1 - 'lojas de conveniências...' ... a gente tinha pensado essa palavra antes já... o que que a gente já tinha colocado... é... 'abastecidas'... 'bem abastecidas' faltou... 'com lojas de conveniências bem abastecidas'...

Doc - só puxa uma flechinha... ali...

I2 - mas aí... conveniências bem abastecidas... é?

I1 - é porque a 'loja' cheia... não é uma 'loja de conveniência' que tu entras não tem dois chocolates... tem muita coisa... tem fartura... é o capitalismo... kkk...

I2 - sim... 'bem abastecida... não... 'com lojas de conveniências abastecidas'... não 'beeeeeem abastecidas'...

I1 - mas é 'bem abastecidas'...

I2 - 'lojas de conveniência bem abastecidas e luxuosos restaurantes *self-service*'... 'e luxuosos restaurantes *self-service*.'...

I1 - 'Supermercados enormes... lojas de móveis e empórios apontam na paisagem'... 'despontam' né... era isso que a gente tinha mudado...

I2 - ah! 'despontam'... é isso... é verdade...

I1 - a gente falou e ficou...

I1 - 'despontam na paisagem'...

I2 - 'do oeste da Alemanha'...

I1 - não é o 'Oeste'... é o 'leste'...

I2 - opa! é o 'Leste'... é... 'do leste da Alemanha.'... aí agora vem a outra frase... oh...

I1 - 'Gigantes guindastes se levantam contra o céu'... agora é ela que se torce inteira... kkk

I2 - é...

I1 - porque não gostou...

I2 - essa frase...

I1 - deixa eu passar rápido... kkkk...

I2 - tá..., mas vai... vai...

I1 - 'todos os lugares da magnífica casa de ópera neoclássica são ocupados.' ... aí a gente omitiu o nome...

I2 - ah! ... o nome...

I1 - 'todos os lugares da magnífica...'...

I2 - 'Bitter...'...

I1 - não é essa... é... 'Dresden'... essa daqui é outra coisa...

I2 - ai meu Deus! ... é verdade... olha isso...

I1 - 'Dresden'...

Doc - eu prometo para vocês que o almoço e salada de segunda que vem é por minha conta...

I2 - até parece...

I1 - capaz...

I2 - tá sendo bem divertido para nós... kkkk

I1 - 'Dresden'... 'da magnífica Dresden'...

I1/I2 - 'casa de ópera neoclássica é ocupada'...

I1 - 'Confortavelmente os burgueses tomam champanhe francês durante o intervalo, até mesmo na suja cidade de Bitterfeld, um centro de mineração e química, reconhecida por sua poluição, mulheres bem vestidas na vizinhança, se encontram para um café da tarde na cafeteria suíça'...tá lindo...

I2 - essa parte da mineração ficou estranha né... porque tipo... porque aqui ele quer dizer... que mesmo essa cidade que é suja e que tem poluição...

I1 - aham....

I2 - dá esse contraste 'com a'...

I1 - 'com a bem vestida mulher'...

I2 - 'com a bem vestida'...

I1 - sim...

I2 - né?

I1 - mas não entendi por que que você acha que tá estranho 'mineração'...

I2 - não... não... eu achei estranho essa frase ele colocar tipo aqui assim...

I1 - explicar né...

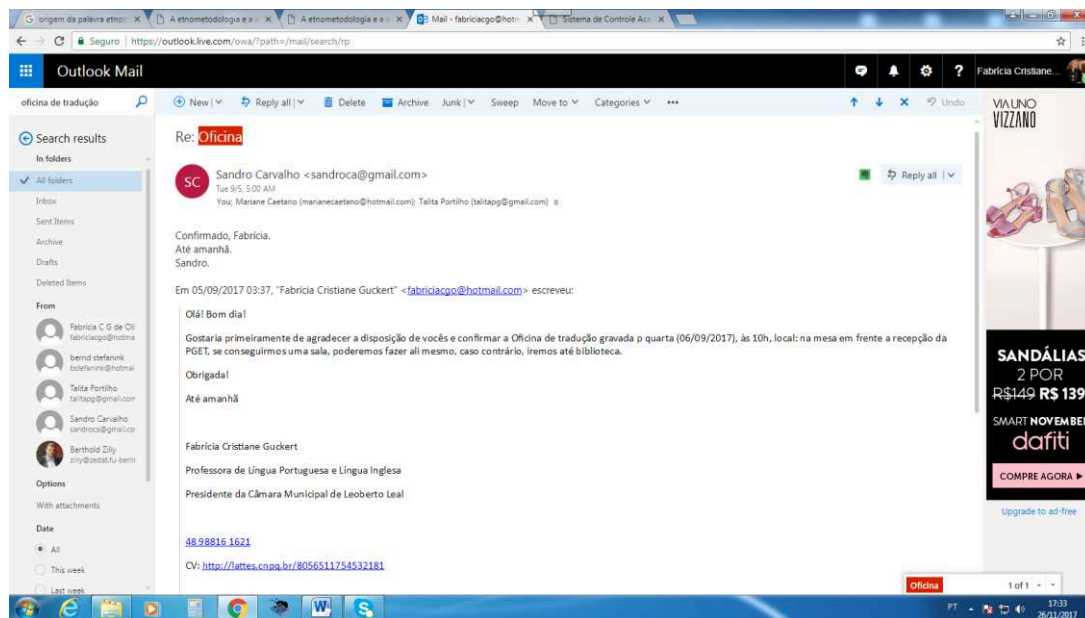
I2 - porque na hora da leitura parece meio aleatório... não parece para ti... né?

I1ah tá! entendi...

I2 - só tipo por isso... kkk... enfim né...

APÊNDICE C – CONFIRMAÇÃO DA REALIZAÇÃO DA OFICINA 3

Figura 6: Convite da Oficina 3



Fonte: A autora (2018). Outlook Mail.

APÊNDICE 4 - TRANSCRIÇÃO DA OFICINA 3

I1 - quem? a gente... uma só... uma pessoa só digita a tradução ou...você digita?

I2 - pode ser... eu digito...

I1 - tá... eu vou abrir as minhas referências aqui... então só...

I1 - muito adjetivo... hein?

I2 - umas palavras doidas...

I1 - é... ..tá...

I1 - então vamos lá... a gente tem que ir falando tudo ou só discutir os... só discutir os termos? ou é bom...

Doc - o que puder falar...

I1 - o que puder falar...é que na verdade...se possível...

I1 - *Sleek new cars*

I3 - alguém... talvez... poderia ler o texto todo?

I2 - ah?

I1 - alguém poderia ler o texto todo? pra gente ler o texto todos junto... para ter uma ideia do geral?

I1 - poder ser?

I3 - vocês já leram?

I1 - eu já li... aham...

I3 - eu leio devagar...kkk...

I1 - é... é não... acho que seria interessante ler o texto todo antes... né...você leu? você leu?

I2 - sim...

I3 - eu li até metade só...

I1 - quer... quer terminar?

I3 - eu estou travando nuns adjetivos..., mas tudo bem...

I1 - kkkkk...

I3 - empresta a caneta? Eu claro... vocês podem discutir também o contexto histórico... assim... para todos... ele ficar entendível...

I1 - aham... kkkk...

I2 - sim... o contexto histórico...

I1 - vamos esperar o I3 terminar de ler para não atrapalhar...

I2 - tem aqui umas palavras aqui que eu também não sei não...

I1 - rrsrrs...

Linha 1 -----

I2 - essa *Autobahn* aqui...

I1 - *Autobahn* é uma rodovia...

I2 - é... né... oh...

I1 - de alta velocidade...

I2 - mas aqui oh... fala que até é uma rodovia alemã...

I1 - é... é um tipo específico de rodovia alemã... que é como uma *free way*... assim... que não tem limite de velocidade ou o limite é muito alto...

I2 - ah! oh e olha aqui que informação importante...

I1 - é...

I1 - agora... como traduzir *Autobahn*...?

I2 - ah... é 'rodovia'... eu acho... para dar essa ideia assim...e...

I1 - acho que se o... terminou I3?

I3 - terminei... eu tô consultando umas coisas que não....

I1 - tá... é eu acho que a *Autobahn*... considerando que o leitor vai saber que está se falando da Alemanha... poderia até deixar *Autobahn*...

I2 - é! este termo é...

I1 - eu... eu conheço como *Autobahn*...

I2 - é porque é assim... eu não domino o contexto... eu nunca nem ouvi falar dessa palavra... talvez o I3 já também...

I3 - é... então... eu não conto por que eu conheço toda a Alemanha...

I2 - ah! é verdade!

I3 - aí eu já não sei se é costume falar em português ou não...

I1 - eu também não sei se é costume falar em português... eu conheço...

I3 - coff... coff...

I1 - eu conheço da... de uma música... na verdade...

I2 - kkkk

I1 - mas... por exemplo... aqui tem... se a gente faz uma pesquisa no Google por *Autobahn*... vamo até no Google acadêmico...

I2 - mas meio aporuguesado ou do mesmo jeito?

I3 - do mesmo jeito...

I2 - é...

I1 - não... do mesmo jeito... espera aí...que tem um h... né *Autobahn*...

I2 - é... oh! Sistema Rodoviário Federal de acesso controlado da Alemanha...

I3 - então... ele foi usado... em alemão... ele é um substantivo... em alemão os substantivos são... são descritos com letra maiúscula no início... aqui ele está escrito com letra minúscula no início...

I2 - aaah...

I3 - então... eu supus que seria uma palavra do inglês..., mas eu tô procurando no dicionário e em inglês não tem essa...

I2 - ah..., mas espera aí... deixa eu ver no Macmillian...em qual você procurou?

I3 - não... eu procurei... verdade em um corpus de tradução...

I1 - nem sim nos dicionários de inglês...

I3 - tem? beleza... então essa palavra é do inglês...

I2 - mas o que eu olhei aqui...

I1 - mas como nome né... como um substantivo...definição... *German*...

I2 - em qual que você achou?

I1 - Merrian Webster:...

I2 - ah tá...

I1 - a *German...Swiss or Austrian express way*... então não é só na Alemanha...

I2 - o Macmillian não reconheceu e ele é bom viu...

I3 - vocês têm um corpus de texto em português para ver se a gente acha essa palavra... porque se bota *Autobahn* vai vir inglês... alemão no Google...

I2 - como assim?

I3 - num corpus de texto em português para ver se os textos têm essa palavra.

I2 - ah tá! ocorrências né?

I3 - é...

I1 - no Google acadêmico... pesquisei... restringindo a pesquisa para português... tem cento e cinquenta e dois... cento e cinquenta e dois resultados...

I3 - aham...

I1 - não...

I2 - é na... rodovia... né... alemã... suíça ou australiana...

I1 - deixa eu ver uma coisa... é...considerando que isso aqui é... é uma revista...né...a gente vai traduzir...tendo a... tendo a... mantendo o mesmo público alvo... né... vamos ver... a gente vai traduzir isto aqui para uma revista em português... então é... a gente podia definir... por exemplo... é... aquela questão de... de trazer a cultura estrangeira ou naturalizar o texto... a gente quer que o leitor saiba que na Alemanha se chama... existe esse tipo... tipo diferente de rodovia... porque que é diferente no nosso... a gente não tem aqui uma rodovia assim né...a gente tem até no Rio Grande do Sul tem a *Free... Freeway*... todo mundo chama de *Freeway*... mas lá tem um limite de velocidade... acho que nenhuma rodovia do Brasil pode não ter limite...né... não sei se é o caso... não tem limite lá?

I3 - eu não sei...

I2 - bom... eu até achei um link aqui que fala assim de mitos e verdades... né... das *Autobahns*...

I1 - ah...

I2 - se não tem limite mesmo de velocidade... uma cara vai discutir... mas tá em espanhol... espera aí...estou achando em português...

I1 - se não a gente poderia definir assim... tá a gente quer que o leitor conheça este termo?

I2 - é porque é assim... caso de nomes próprios... eu acho que é impo... é possível manter... sabe... acho que a gente deve... mas neste caso aqui... eu traduziria por 'rodovia'...

I3 - é... eu acho que 'rodovia' serviria... né

I1 - 'rodovia'...

I2 - eu não manteria *Autobahn*... ah porque assim... ah eu não sou muito de... mas eu nunca ouvi esta palavra em texto nenhum.

I1 - é... pode ser... acho que funciona bem...porque a gente vai falar de velocidade no início do texto... né? então *sleek new cars speed along straightened and repaved Autobahns*... então... é... 'carros...*sleek*

I3 - 'elegante'...

I2 - 'polido'... acho que é de... de 'brilhoso' assim...

I3 - é usado para 'elegante' também... é isso mesmo?

I2 - é que... de carro pode ser isso sabe... 'carro novinho'...

I3 - é...

I1 - 'novo em folha'...

I2 - 'novinho em folha'... é...

I3 - ... será que usa 'novo em folha' então? ... kkk...

I1 - ...acho que não... não...

I2 - tá... vamos traduzir essa primeira frase que já tem um trabanhão né?

I1 - é...

I2 - é... 'carros novinhos em folha'... kkkk...

I3 - he... he... he...

I1 - não...

I3 - 'carros novinhos'? este texto... vocês o sentiram meio... o que assim... mais informal... mais formal?

I1 - acho que informal...

I2 - é bem...

I3 - informal...

I2 - não... tá lá no meio... né...

I1 - é jornalístico... mesmo assim né... acho que no meio...

I2 - tem o neutro que fala né...

I3 - aham...

I2 - você vê... não tem contração de nada...

I3 - aham...

I2 - mas... também não é uma linguagem muito rebuscada...

I1 - não... uma linguagem de revista mesmo...

I2 - ...é bem de revista... isto... ficar... colocar tanto adjetivo... assim né...

I1 - ...é... mas eu acho que o objetivo aqui é... ele tá falando da... da... da reunificação da... das Alemanhas... né...

I2 - depois do muro... né?

I1 - é...

I3 - depois da queda do muro...

I1 - é... depois da queda do muro... acho os adjetivos... talvez sejam justamente pra... é...

I3 - intensificar...

I1 - intensificar e descrever em detalhes...

I2 - o que tava acontecendo...

I1 - o que que tá acontecendo... as mudanças né... então... por exemplo... isso '*Sleek new cars speed along straightened and repaved Autobahns.*' então... é... 'as estradas foram repavimentadas e ampliadas'... *straightened* acho que pode ser isso?

I2 - esse *speed along* seria no sentido de 'muito rápido'... né...

I1 - 'aceleram'... aham...

I2 - só que aí... eu fiquei meio em dúvida aí como aí junto com esse *straightened*... seria tipo 'em linha reta'? ou 'em fila'?

I1 - não eu acho que esse *straightened* daqui tá falando da auto... da rodovia... né

I2 - ah tá! ah tá! ah é! tá certo...

I3 me veio na cabeça que não tem muita curva...

I1 - é...

I2 - é... mas eu vou no asfalto aqui... olha só daqui... opa... desculpa... quase que foi... mas não deve ter muito... né... já que...

I1 - será que não é no sentido de nivelar a pista? porque uma pista para ser de alta velocidade ela precisa ser nivelada... né...

I3 - aham...

I1 - 'lisa' e... 'lisa e repavimentada'... 'A rodovia está lisa e repavimentada e os carros aceleram'... né? então... é... 'Carros novos trafegam em alta velocidade pelas rodovias lisas e repavimentadas'...

I2 - ficou 'lisa'...

I1 - 'lisa' ficou estranho...

I2 - deixa eu ver aqui... no *Houaiss*...

I1 - 'perfeitamente repavimentadas'?

I2 - é... poderia ser... dá essa ideia de um tapete né...

I3 - aham...

I2 - então... como que a gente vai colocar? 'Carros... zero'? 'zerado?' sei lá...

I3 - 'novinhos' é muito incomum?

I2 - 'novo em folha'?

I1 - é... a princípio... nós podemos deixar 'novos em folha'... depois a gente pensa em alguma coisa...

I2 - 'correm'? 'Voam'?

I1 - kkk... ah... 'aceleram'?

I2 - uma boa. 'aceleram pelas'

I1 - 'sobre'... 'sobre'?

I2 - acho que 'pela' né?

I1 - 'pelas rodovias'?

I2 - não sei... o que você acha I3?

I3 - rs... rs...

I1 - escreve aí... vamos ver como é que fica...

I2 - é 'rodovias'...

I1 - é...

I2 - 'Perfeitamente pavimentadas'?

I3 - olha aqui... foram 'repavimentadas'

I2 - ah! é!

I1 - é...

I2 - 'Repavimentadas'...

I1 - será que *sleek* caberia 'modernos'? ou 'novos'? não 'novos já é... né?'

I3 - eu vi no *corpus* como 'elegante' também

I1 - deixa eu ver...

I3 - mas...

I1 - mas é..

I3 - depois que ela falou do...

I3 - 'polido'?

I1 - aham

I3 - eu acho que ele também... que ele também servia... que ele serve aqui como um intensificador do 'novo'...

I1 - pode ser...

I1 - 'novinho'...

I1 - é...

I1 - 'novo em folha'...

I2 - é tem o sentido de... será que 'moderno'?

I1 - porque...

I2 - é que tem o sentido de... *soft... smooth... fashionable... attractive in designe...*

I1 - por isso é que eu pensei desse *attractive in designe* aí... nesse sentido.

I3 - então... eu vi... eu tô vendo um corpus de tradução... *sleek* associado com *car...*

I1 - aham...

I3 - e todos estão com tradução de 'carros elegantes'... 'esguio'...

I1 - mas a gente fala 'carros elegantes'?

I3 - difícil né?

I1 - a gente não fala 'carro elegante'...

I3 - é...

I1 - fala 'carro moderno'... por isso que eu pensei em 'moderno'... mas também 'moderno'... não sei se falam 'moderno'?

I2 - é... mas daí... tipo assim... está relacionado uma coisa a outra... né? estavam começando a viver uma nova era... o povo comprando 'carros novos'...

I1 - aham...

I2 - então era aqueles 'carros novinhos'...

I3 - aham...

I2 - realmente isso né... e por eles serem 'novos' eles eram 'mais modernos' do que os...

I1 - aham... é verdade...

I2 - é... tem que ser mais ou menos essa ideia... né?

I1 - aham...

I3 - o que 'carros novinhos'?

I2 - é... eu coloquei 'novos em folha'... a gente pode ir pensando... sei lá...

I1 - 'Novo em folha'... que ainda não foi usado... perfeito estado... como se fosse novo... perfeitamente curado... em perfeito estado... como se fosse novo... aí tem assim... a lanternagem deixou o carro novo em folha... é um intensificador de 'novo'... né?

I3 - aham...

I2 - ai Jesus...

I1 - e aí... vamos para próxima?

I3 - aham.....

I1 - depois a gente pode voltar nessa...

Linha 2 -----

I1 - *Shiny service stations come equipped with well-stocked convenience stores and gleaming self-service restaurants. Service stations?* Será que é...

I1 - isso eu coloquei também

I3 - não é aquelas... aqui é muito associado a 'posto de gasolina' né ou as 'lojas de conveniência'...

I2 - aquelas lojinhas de posto?

I3 - é...

I2 - eu até poderia ser...

I1 - olha... porque fala *well-stocked convenience store stand gleaming self-service restaurants* será que tá fala... tá se referindo as 'rodovias'?

I1 - o I1... que você não troca... pera aí...

I3 - sim...

I2 - não acho que já deu...

I3 - então... *service station*... não são as coisas relacionadas ao carro... tipo borracharia... estas coisas assim?

I1 - *service station*...

I2 - sabe uma... uma técnica legal... você vai lá no Google... eu aprendi a fazer isso gente...

I1 - eu acho que tem a ver com a... é...

I2 - vai nas imagens...

I1 - eu acho que é da *Autobahn* mesmo... *Autobahn service station*...

I2 - tipo aquelas coisas de rua... de rodovia pedagiada que eles têm os banheiros... as áreas de descanso... assim...

I1 - aham...

I1 - *service station*... é... eu gosto de olhar na imagem no Google imagens...

I2 - não trava agora não... por favor...

I1 - olha um... olha um *sleek new car* aqui de...ah... não é 94... bom... quando caiu o muro? foi aqui em 94 mesmo?

I3 - 89...

I1 - ah... então é isso aqui...

I3 - novembro de 89...

I2 - é... *service stations*... quando a gente digita... olha o que aparece...

I1 - é... são 'serviços'...

I2 - 'posto'?

I3 - relacionados...

I2 - é que o posto em si é o *gás station*... né? mas acho que é relacionado ao carro mesmo...

I1 - é...

I2 - algum restaurante na estrada agora... como traduzir... *shiny*...

I1 - como a gente põe isso aqui?... em São Paulo a gente fala Frango Assado...kkk... que é uma marca de ou a...

I2 - uma rede...

I1 - é né... uma rede de...

I3 - tem o Graal também...

I1 - tem o Graal...

I2 - verdade... esse eu conheço...

I1 - vou parar aí no 'posto' então... é 'posto'...

I2 - é verdade...

I1 - posto de serviço...mas... é não sei... a gente não fala 'posto de serviço' aqui... no caso seria...

I3 - aham...

I2 - a gente fala 'restaurante'...

I3 - 'paradas'...

I2 - 'postos'...

I3 - 'paradas'...

I1 - é pode ser...

I3 - 'estações de paradas'...

I1 - e... aí a gente pode especificar que são né? talvez... 'pontos de parada na rodovia'...

I3 - aham...

I1 - especificar que é 'rodovia'... né? então... *shiny... shiny*

I2 - é de 'novos' também oh! *Come equipped with well-socked convinience stores...* é tipo... 'as loja estão bem abastecidas'... né?

I3 - 'deslumbrantes'...

I1 - aham...

I2 - *and gleaming self-service restaurants...*

I1 - aham...

I2 - é para o povo comer mesmo...

I1 - nossa! é muito adjetivo né?

I3 - aham...

I1 - a gente não usa tanto adjetivo em português...

I3 - talvez essas duas frases poderiam ser juntas... ficar juntas também... tente botar um 'com' ali... aqui ele fala dos 'carros novinhos acelerando pelas rodovias repavimentadas' e bla... bla... bla... 'com'... 'com deslumbrantes estações'... 'paradas'... 'com deslumbrantes paradas bem equipadas'...

I1 - aham...

I2 - é acho que 'deslumbrante' fica legal...

I1 - aham...

I2 - espera lá... 'com deslumbrantes paradas'... espera lá... 'bem equipadas'?

I3 - bem...

I1 - 'bem equipadas com lojas de conveniência e restaurantes *self-service*'?

I3 - aham... a conveniência tem uma questão do... do tá 'bem abastecida'... talvez...

I3 - 'abastecida'...

I2 - 'com lojas de conveniência bem abastecidas'... tipo assim... dá aquela ideia de variedade... né?

I1/I3 - aham...

I2 - 'bem abastecidas e restaurantes *self-...'*...

I1/I2 - '*service*'...

I2 - a gente poderia colocar um adjetivo né?

I3 - esse *gleaming*...é o que?

I1 - *gleaming* é brilhante também...

I2 - é...

I1 - é muito brilho... né?

I3 - aham...

I1 - muito branco e dourado... igual lá em Jurerê... não sei se vocês lembram dessa história... *gleaming*... *gleaming*... *gleaming*... *gleaming*...

I1/I2 - *Shiny*... *clean*... 'cintilante'

I2 - 'limpinho' né? *looking very healthy or new*...é nesse sentido assim... passa confiança né?

I3 - aham...

I2 - a comida dele...

I1 - posso escrever *self-service*?

I3 - então a gente pode apagar aí este *gleaming* aí... esquecer dele ou colocar alguma coisa referente a...

I2 - 'limpeza'... será?

I3 - essa coisa que você falou da confiança... assim que...

I2 - que passa confiança né... confiáveis...

I1a gente podia falar alguma coisa de luz... porque tem *shiny* e tem o *gleaming* ambos têm... ambos fazem a referência a... a luz...

I3 - aham...

I2 - deixa eu ver aqui...

I1 - e talvez porque na época ser...

I3 - 'resplandecente'...

I1é... pode ser...

I3 - fica muito exagerado...

I1é... não... fica bem exagerado...

I3 - 'deslumbrante'... 'resplandecente'... Kkk...

I1 - é... eu acho que talvez porque tinha na época é... *neon* e essas coisa... fossem uma novidade né... e significassem e remetessem um pouco ao capitalismo que tava entrando lá né?

I3 - aham...

I1 - verdade... coisa que chama a atenção né?

I1 - é...

I2 - ai meu Deus...

I1 - como é que ficou a frase?

I2 - até gora 'carros novos em folha aceleram pelas rodovias perfeitamente repavimentadas com deslumbrantes paradas bem equipadas com lojas de conveniência bem abastecidas...'... ficou repetitivo...

I1 - aham...

I2 - '... e restaurantes *self-service*...' '... com paradas equipadas...' ... a gente pode colocar... ah não... não trava não

I1 - quer que eu faça aqui?

I2 - digita aí... que eu tô com medo de perder...

I1 - kkk... tá...vamo lá então... 'Carros...'

I2 - '...novos em folha aceleram pelas rodovias'

I1 - oh! estou digitando tudo errado '...aceleram pelas rodovias...'

I2 - '...perfeitamente repavimentadas...'

I1 - com vírgula?

I2 - não... '... com deslumbrantes...'. então... ficou aí... eu achei que ficou meio... ficou longa esta frase porque oh '... com deslumbrantes paradas bem equipadas com lojas de conveniência bem abastecidas...' a gente poderia é colocar um ponto mesmo... eu acho ali em 'repavimentadas'...

I3 - aham...

I2 - e colocar assim 'deslumbrantes paradas bem equipadas com lojas de conveniência super abastecidas...'

I1 - boa!

Linha 3 -----

I2 - '... e restaurantes *self-service*'.

I1 - volta... volta 'deslumbrantes...'

I1 - /I2 - 'paradas bem equipadas...'

I2 - 'com lojas de conveniência bem'... é 'super abastecidas e restaurantes *self-service*'... é... aí seria um acréscimo... 'são encontradas pelas estradas'... sei lá...

I1 - '*self-service*'...

I3 - tem... eu achei 'radiantes' também... talvez para *gleaming*...

I1 - mas 'radiante'... eu acho mais para uma pessoa não? uma pessoa *gleaming*... 'radiante' de feliz...

I3 - aham... é... outras aqui... 'ofuscante... resplandecente... reluzente... lustroso... cintilante... luminoso'...

I2 - 'chamativas'? não...

I1 - 'deslumbrantes paradas bem equipadas...' *shiny* aqui é só... só uma descrição né... não tem um... *shiny self-service*...

I3 - *shiny* é...

I1 - ... *come equipped*... aqui tá o verbo então...

I2 - ah... é verdade...

I1 - o sujeito é... são as *shiny service stations come equipped... well stocked convenience store and gleaming self-service restaurants*...

I2 - ah... então a gente tem que colocar... né... 'deslumbrantes paradas estão...' ... talvez 'estão bem equipadas'...

I3 - ah o verbo pode ficar... né... meio curto também 'bem equipadas'...

I2 - é... só que se não até o final da frase fica meio sem sentido assim? '...deslumbrantes paradas bem equipadas com lojas de...' ... é não sei... acho que eu colocaria... então aí 'deslumbrantes paradas estão bem equipadas com lojas de conveniência super abastecidas e restaurantes *self-service*'... às vezes... a gente podia nem colocar esse *gleaming* aí...

I1 é... vamos deixar sem por enquanto...

I3 - kkk...

I2 - eu vou ter que tá reiniciando o meu computador...

I3 - kkkk...

I2 - mas vai ser uma reiniciada forçada...

I3 - meu Deus... kkkk gerundismo...

I2 - kkk... vou ter que estar reiniciando...

I1 - *dot the east German*...

I2 - nossa..., mas tudo isso aqui é nas estradas será?

I1 - não... agora não...

I2 - ah... não... é tá certo...

I1 - agora mudou 'supermercados enormes'...

Linha 4 -----

I2 - isso... 'loja de móveis'?

I1 - 'lojas de móveis e shoppings empórios...' acho 'shopping centers' né?

I2 - isso...

I3 - 'shopping' é a mesma coisa que 'shopping empório'?

I1 - é que 'shopping' aí no caso acho que é 'compras' mesmo... né... tipo... 'Empórios de compras'...

I2 - é... 'grandes'...

I3 - mas 'empório' não uma lojinha menor? Assim?

I2 - ah é?

I1 - não sei... aqui...

I3 - que a gente compra vinho...

I1 - aqui é... mas não sei lá...

I3 - é ...

I1 - aqui realmente é... a shop that sells many different types of things... 'empório'...

I3 - não... realmente está vindo umas coisas bem grandes nas imagens... kkk...

Shopping emporium tem umas imagens bem...

I2 - é tipo umas lojonas sabe?

I3 - é... não é pequenininha não...

I2 - é... acho que serve 'shopping centers'...

I1 - mas será que é uma loja só ou um shopping center? ...será que seria uma loja de...

I2 - tipo 'departamento' né?

I1 - 'Loja de departamento'...

I2 - vê se é isso... o I3 - ...

I1 - *Shopping emporium*... cara... que barulho chato!

I2 - eles tinham que arrumar esse negócio né? (ela está se referindo ao alarme do prédio que havia disparado... já fazia tempo e ninguém o desligava).

I1 - como é que a gente restringe a busca nos Estados Unidos no Google... eu geralmente restrinjo pelo...

I3 - língua...

I1 - não... é... pelo país né... por exemplo... quero o reino Unido... ponho ponto UK... site dois pontos ponto UK... ele só vai buscar em sites...UK...

I2 - de Portugal PT... né...

I1 - mas nos Estados Unidos não tem né?

I3 - não... é sem nada...

I1 - eles são só ponto com... não tem ponto... ponto US... será? não tem...

I3 - eu nunca ouvi falar...

I1 - eu também não... eles são os donos da *internet*...

I2 - é verdade... kkk...

I1 - é... apesar que... tem um aqui...

I2 - *Shopping emporium*...

I3 - *a large retailed shop or store*... parece 'loja de conveniência' para mim...

I1 - olha o Melborn...

I3 - *retail shop*... o que é *retail shop*?

I1 - é varejo...

I3 - então é nossa 'loja de departamento'...

I1 - 'lojas de departamento'...

I2 - é... a gente poderia colocar... isso é bem conhecido... né...

I1 - 'lojas de departamento'...

I2 - é de 'loja de departamento'...

I1 - 'lojas de departamento'...

I2 - é de 'departamento' porque são várias lojas...

I1 - aham... *Dot the east German landscape*...

I2 - tem o sentido de 'ocupar'...

I1 - 'pipocam pela paisagem da Alemanha'...

I3 - kkk...

I1 - não é ...

I2 - 'tomam conta'...

I3 - é...

I1 - pode ser...

I3 - é nesse sentido mesmo de 'pipocar'... só que a gente não pode colocar no texto... né...

I1 - é...

I3 - tem q achar um negócio mais...formal...

I2 - é... nesse sentido de ...

I1 - vamos ver o que o *Houaiss* falar em si de 'pipocar'...

I2 - é...

I3 - 'por toda parte'...

I1 - 'pipocar'...

I2 - kkk...

I1 - não... nem é ou é pode ser... 'aparecer repentinamente'... 'pipocar'... na verdade

I2 - vamo ponto a ponto...

I1 - /I2 - 'tomam conta da ...paisagem'.

I1 - 'Alemã'...

I2 - 'do leste'... 'leste'?

I1 - é 'Alemanha'...

I3 - 'leste'...

I1 - 'oriental' ou 'oriental'?

I2 - 'Leste'... 'oeste'... 'leste'...

I3 - 'ocidental'... 'oriental'... 'oriental'...

I1 - qual é a associação que você faz porque eu nunca aprendi isso...

I3 - leste é oriente...

I1 - isso é verdade...

I3 - leste... a tua direita é o oriente... onde fica a China...

I1 - ah... é verdade...

I2 - oeste... eu me localizo bem por causa do centro oeste do Brasil... oh... oeste para cá... kkk...

I1 - 'oriental' tá... então... 'supermercados enormes... lojas de móveis e lojas de departamento tomam conta da paisagem da Alemanha oriental e guindastes...' ...

Linha 5 -----

I3 - *Against the sky...*

I1 - 'enormes guindastes'... tô fazendo aqui... mas vocês vão falando...

I2 - isso aqui é no sentido de tá construindo as coisas será?

I1 - aham... sim esse *cranes*... *cranes* é guindaste né?

I3 - aham...

I1 - 'e enormes guindastes' *stand tall*...

I2 - *stand tall against the sky*...

I1 - 'se projetam'?

I2 - aham... 'pelo céu'... 'se projetam'...

I1 - porque que o Google está dizendo que 'super abastecidas' está errado?

I2 - ah! porque é meio informal né...

I1 - não... ele quer que eu junte por causa do prefixo super... não vou juntar... rrsrsrs...

I2 - ah tá... passamos para próxima?

I2 - /I3 - aham...

I1 - *every seat is filled*...

I3 - esse *stand tall* como 'erguer-se'...

I2 - oi...

I3 - vê se encaixa aí... 'erguer... erguer'...

I1 - 'erguem-se'...

I2 - 'erguem-se'... é também...

I1 - aham...

I3 - tem que ver se fica legal aí...

I1 - 'supermercados enormes... lojas de móveis e lojas de departamentos tomam conta da paisagem da Alemanha Oriental e enormes guindastes erguem-se pelo céu'?

I3 - fica meio estranho...

I1 - ou 'se erguem'?

I2 - tem uma regra e eu nunca sei como ela é... só fico em dúvida...

I1 - 'se erguem pelo céu'... ah... de memória... que eu lembre... a regra é que quando tem palavra negativa... ela atrai o pronome? o pronome? pronome...

I2 - é... rrsrrs... pronome oblíquo... ela é que tem noção de português... kkkk reto... vich...

I1 - oh! vou ler a outra então 'supermercados enormes... lojas de móveis e lojas de departamento tomam conta da paisagem da Alemanha oriental... 'enormes guindastes se projetam pelo céu'...

I2 - 'pelo céu'...

I1 - não tá legal isso aqui... esse 'projetam pelo céu.'...

I2 - ah! eu gostei... sim essa ideia de 'se projetar' é legal... 'se erguem'... você queria trocar?

I1 - eu prefiro 'projetam'...

I2 - eu também... acho que tá bom...

I1 - tá... vamos deixar assim por enquanto...

Linha 6 -----

I2 - todas as... cadeiras?

I1 - *Every seat is filled at Dresden magni...*

I2 - *Opera house*... tá aí...

I1 - *Opera house*?

I2 - é... fala assim mesmo né?

I3 - acento...

I1 - não... não... *opera house* tem uma tradução...

I2 - mas é como a gente ouve *opera house*...

I1 - 'teatros'... acho que a gente falaria 'teatro'... a gente não tem 'casa de ópera' aqui...

I2 - não... a gente não... mas a gente ouve *opera house* meio abrigado...

I1 - ah... mas não vamos colocar *opera house*...

I2 - não né!

I1 - não...

I2 - é... ah... mas é porque é um específico... né... olha lá! Dresden's...

I1 - Dresden é uma cidade...

I2 - ah! é uma cidade?

I1 - kkkk...

I2 - não sei...

I1 - *every seat is filled*...

I2 - ah... 'assentos'... 'cadeiras'

I1 - tem no Brasil ópera?

I3 - 'assento' talvez...

I2 - melhor?

I3 - é... 'teatro'... né ' assento'...

I2 - é *seat* no sentido de 'lugar'... assim né... 'uma cadeira'... 'um assento'...

I3 - aham...

I2 - é... assento fica legal 'todos os assento da... do teatro... teatro'?

I1 - 'Teatro de ópera'...

I3 - 'Magnificente ópera'...

I2 - 'do magnífico teatro neoclássico de Dresden'...

I3 - aham...

I1 - a gente tem teatro de ópera...

I2 - então pode colocar... né... 'teatro de ópera'...

I1 - tem oh! Campinas tem... não Campinas não tem. Teria...

I3 - eu nunca ouvi falar em teatro de ópera...

I2 - nem eu... não é uma coisa que tem no Brasil... né gente... ópera...

I3 - é difícil...

I2 - é difícil... mas...

I1 - é verdade... acho que é uma tradução de *opera house* mesmo...

I2 - uh! vamos colocar 'teatro'... não bem 'teatro' que a gente diz...

I3 - oh... *Sidney opera house* é conhecido como Ópera de Sidney... ou seja... *opera house* é traduzido como 'ópera'... estranho né?

I1 - é...

I3 - não... Casa de ópera de Sidney... desculpa...

I1 - é... essa é uma tradução literal...

I3 - oh...

I2 - como?

I1 - casa de ópera de Sidney...

I1 - /I2 - não...

I2 - eu acho que não...

I1 - São Paulo tem alguma coisa de ópera...

I2 - ópera... vou falar...

I1 - Ópera de Arame... kkkkk...

I2 - é que quando tem coisa de ópera aqui no Brasil é porque veio de fora... né?

I3 - aham...

I2 - aquele André Rieu... ri....

I3 - aham...

I1 - mas a gente tinha uma galera que ia na ópera...

I2 - é ópera né...

I1 - ópera São Paulo restaurante bar... não não dá...

I2 - Ópera de Arame é um teatro né? não é somente de ópera... é um teatro...

I3 - aqui oh..

I1 - aqui fala do estilo da construção...

I2 - é em Curitiba né...

I1 - Teatro Municipal...

I3 - lá em Sidney tem o Sidney Opera House... aí o texto esta falando... a casa de Ópera de Sidney também conhecida como teatro de Sidney...

I1 - é... acho que pode ser 'teatro'... porque as óperas aqui acontecem nos teatros mesmo... né...

I3 - é...

I3 - eu nunca ouvi falar que tem um... um... no caso... uma casa específica para ópera... uma casa de espetáculos específica para ópera...

I1 - eu também não...

I3 - pode ser que tenha... mas eu nunca ouvi falar...

I1 - Rio de Janeiro... onde ficava a realza... Teatro Municipal também...

I2 - eu voto por só 'teatro'... kkkk...

I1 - então vamos por 'teatro'...

I3 - aham...

I1 - então ahhh...

I2 - 'Todos os assentos do teatro'... 'do magnífico teatro neoclássico de Dresden é preenchido'... 'é reenchido'... 'são preenchidos...' ...

I1 - 'são ocupados'...

I2 - 'são ocupados' melhor ainda... 'preenchidos' é muito... aí é dois pontos... né...

I1 - ...*every seat is filled at Dresden's*...

I1 - a gente pode inverter também aqui...

I2 - ah?

I3 - pode inverter também... fala do 'teatro de Dresden' antes e depois... depois falar do... do... dos 'assentos'...

I2 - ah... você fala tipo assim...

I1 - 'magnífico teatro...' ...

I1 - 'no teatro'... 'no magnífico teatro...' ...

I3 - 'de Dresden neoclássico'

I2 - 'todos'... 'todos os assentos são ocupados'...

I3 - é...

I2 - ah é também...

I1 - '... magnífico teatro neoclássico de Dresden todos os assentos são ocupados'...

Burghers...

Linha 7 -----

I2 - *Confor...*

I1 - 'Burguês'?

I2 - ...*comfortable Burghers sip French champagne*...

I1 - não conheço *burgher*... além do hamburger

I2 - pois é...

I1 - deve ser 'burguês'...

I3 - deve ser...

I2 - ah... oh... é isso mesmo...

I1 - ...*someone who lives in a town or city... specially someone who is reach... well respected*...

I3 - 'ilustre cidadão'... rrsrs...

I1 - *burgher* 'burguês'

I3 - Burger King... rrsrs...

I2 - é oh... 'burgueses' né tipo... né... 'eles vão bebendo devagarzinho os champanhes franceses'... né...

I3 - aham...

I2 - esse *sip* é nesse sentido... né I1?

I1 - é...

I2 - de 'beber'... ah... 'dá um golinho'...

I1 - de... como é que fala? 'bebericar'...

I3 - 'bebericar'...

I2 - ah é...

I1 - a gente fala 'bebericar'... a gente fala?

I3 - não... não...

I2 - não sei... nossa... pior ainda... 'chupitar'...

I1 - não...

I3 - traduzindo o sentido de *Burgher*...

I2 - 'bicar' acho que a gente fala 'bicar'... mas não vai ficar legal...

I1 - o que que você viu de *Burgher*?

I3 - 'habitantes' ou 'cidadãos'...

I1 - 'cidadãos ilustres' fica bom né? mas não levaria...

I2 - o que é *comfortable*? para mim não fez muito sentido...

I3 - o que?

I2 - 'Eles estão confortáveis' né?

I1 - é...

I2 - é nesse sentido... ah! estou de boa...

I1 - é... eu acho que... é... eu acho porque talvez de novo... o burguês aí tenha sido escolhido por causa dessa questão de... da...

I2 - do capitalismo?

I1 - é... por causa da questão histórica do que estava acontecendo ali de mudança né?

I3 - aham...

I1 - bom... apesar que devia ter burguês antes também né?

I2 - 'Elite'?

I1 - 'elite'...

I3 - 'cidadãos abastados'...

I2 - 'classe alta'...

I3 - 'abastados' 'cidadãos relaxados bebericando juntos'

I2 - é... eu ia falar 'classe alta'...

I3 - rrsrrrs...

I1 - 'elite' é bom hein...

I3 - 'elite'...

I1 - como que vocês falaram? 'Abastados'?

I3 - esse *comfortable* pode ser...'relaxados' talvez...

I1 - *Comfortable*... 'à vontade'...

I3 - 'à vontade'...

I2 - 'bem acomodados'?

I1 - *comfortable burgers sip French champagne during the intermission*... 'no intervalo'... 'nos intervalos'... é...

I2 - 'durantes os intervalos' ou...

I1 - aham...

I2 - 'nos intervalos'... né... pode ser qualquer um...

I1 - 'durantes os intervalos... cidadãos...'

I2 - 'da classe alta'?

I3 - acho que 'burguês' também traz essa...

I2 - 'burguês' também acho que dá...

I1 - mas 'cidadãos burgueses' ou... por exemplo 'durante os intervalos... a burguesia'... mas 'a burguesia' já leva a burguesia fede... né...

I3 - 'burgueses'...

I1 - não consigo desassociar essas... essa... essa palavra de essa música do... do Cazuza a burguesia fede... kkk...

I3 - rrsr...

I1 - mas também... tudo bem isso é um problema meu...

I2 - ah... mas é... também da um... é... eu acho que eu não usaria essa palavra...

I1 - não 'burguesia' eu acho que...

I3 - não 'burguês'...

I1 - 'cidadão'...

I3 - 'burguês'...

I1 - 'os burgueses'? ...

I3 - 'burguês' é o cara... são as pessoas...

I1/I3 - 'burgueses'...

I1 - 'apreciam'...

I3 - hummmm...

I1 - 'champanhe francês'...

I3 - aham...

I1 - 'confortavelmente'?

I3 - não... *comfortable*...

I1 - porque eles estão no teatro... né...

I2 - e...

I1 - aí tem essa conotação... o teatro é confortável... talvez por isso eles...

I3 - aham...

I1 - estejam confortáveis né... não sei...

I3 - mas... neste texto o 'confortavelmente' parece que... o 'confortavelmente' está ligado ao beber...

I1 - aham...

I3 - não ao estado da pessoa...

I1 - é...

I2 - não... eu entendi que eles estão confortáveis...

I3 - é... eu também...

I2 - não ao ato de beber...

I3 - aham...

I2 - ah tá... eu entendi que você tinha falado outra coisa...

I3 - não... o jeito que ficou a frase aí... 'beberiam'...

I2 - ah... é verdade...

I3 - 'bebem'...

I1 - 'apreciam champanha francês...'

I3 - 'confortavelmente'...

I1 - ah... é verdade...

I3 - agora parece que o 'confortável' está ligado ao 'apreciar'...

I1 - aham...

I2 - e na realidade eles que estão 'confortáveis'... né?

I1 - aham...

I1 - 'magnífico teatro neoclássico de Dresden... todos os assentos estão ocupados... durante os intervalos'... faltou um adjetivo mesmo? 'burgueses apreciam champanhe francês'...

I1 - não é melhor colocar 'são ocupados'?

I1 - 'são'...

I2 - sabe neste sentido assim... dá uma coisa mais atemporal... parece...

I3 - aham...

I1 - 'no magnífico teatro neoclássico de Dresden... todos os assentos são ocupados'...

I3 - tem 'no' no início... 'no magnífico'?

I1 - ah?

I3 - no início dessa frase... tem 'no'?

I1 - 'no magnífico teatro neoclássico de Dresden... todos os assentos são ocupados'...

I2 - é... ta *at* ali...

I3 - não... é que eu não ouvi o 'no' que você falou...

I1 - 'durante os intervalos'...

I2 - 'confortavelmente'... uhhhh... vamos mudar um pouco a ideia né... 'os burgueses'...

I3 - 'relaxados'... 'à vontade'...

I1 - 'os burgueses'...

I2 - aaaaah... poderia ser 'à vontade' vírgula... 'os burgueses apreciam'...

I1 - tá...

I2 - 'champanhes'... 'champanhes'... sei lá... 'champanhes'?

I3 - mas isso aqui está depois de dois pontos...

I2 - sim...

I3 - muda alguma coisa?

I2 - não... acho que não... pode botar ponto...

I1 - 'à vontade'...

I2 - tipo... 'durante os intervalos'... você colocou intervalos?

I1 - é... eu coloquei no começo... 'durante os intervalos'...

I2 - vírgula... 'à vontade' vírgula 'os burgueses'...

I1 - achei que ficou estranho...

I2 - é...

I3 - aham...

I1 - 'durante os intervalos... os burgueses apreciam confortavelmente...'

I2 - é... acho que o 'confortavelmente daria essa ideia também... que eu procurei aqui (na internet) como sinônimo de 'à vontade'... 'confortavelmente'...

I3 - aham...

I1 - mas... aí 'apreciam confortavelmente champanhe francês'?

I2 - fica estranho... daí...

I1 - fica estranho...

I2 - poderia colocar 'um champanhe francês' ou... é... sei lá... Bitterfeld... Bitterfeld é uma cidade também?

Linha 8 -----

I3 - aham... parece que é... está com...

I2 - né. ..

I3 - letra maiúscula... vou ver aqui...

I1 - passamos para próxima então... depois a gente volta?

I1 - é...

I2 - cidade?

I3 - é uma cidade...

I1 - é uma cidade... *even in grimy Bitterfeld...*

I2 - é Volfren... o I3 - ... no alemão... todo w é falado como v né?

I3 - aham...

I2 - nesses dias... a “fulana” falou ‘Wikipédia’...

I3 - aham...

I2 - aí eu fiquei... fiquei... fiquei... pera aí eu olhei... é porque ela é professora de alemão... rs... rs... rs...

I3 - mas os alemães falam inglês... eles falam o w como v também...

I2 - ah é...

I3 - por exemplo o what...

I2 - huuuum... vat...

I3 - o vho... sei lá... umas coisas assim... o “fulano” fala...rs... rs... rs...

I2 - ‘mesmo na poluída? Bitterfeld? Bitterfeld?’

I1 - é...

I2 - *mining?*

I1 - ‘mineração’... very dirty... *grimy*... não conhecia *grimy* também...

I2 - é... ‘bem suja’ né assim... ‘mais do que sujo’... ‘bem sujo’...

I1 - ‘da poluída’...

I2 - é...

I1 - deve ter sido falado...

I2 - ‘mesma a poluída Bitterfeld’...

I1 - é ‘na’ né?

I2 - ‘mesmo na’... é ‘mesmo na poluída’...

I1 - ‘Bitterfeld’ Bitterfeld é tipo campo amargo? traduzido literalmente do alemão... *bitter* é amargo?

I3 - não sei... tem que ver... me soa como amargo...

I1 - bom... não importa... é... ‘mesmo na poluída Bitterfeld... famosa por sua’... ‘famosa pela poluição’...

I3 - ‘com seus notórios centros de mineração e química’...

I2 - ‘química’...

I1 - não *notorious for its pollution* é ‘famosa por sua poluição’...

I2 - deixa eu ler essa frase aqui... ah... oh... é o que tá entre vírgulas né?

I1 - é...

I2 - ‘o centro químico e ...’

I1 - ‘de mineração’

I2 - 'de mineração... conhecido por sua poluição'... vírgula... ele só tá dando uma informação da Bitterfeld 'famoso centro químico e mineiro'? ah... os mineiro... eu lembro dos mineiros lá do Chile... que eu achava que era o povo de Minas Gerais...kkk...

I3 - rs... rs... rs...

I2 - eu era tão... novinha naquela época que eu fiquei perdida... não tava entendendo o que estava acontecendo...

I1 - é um 'polo' ... pode ser 'um polo de...'

I2 - é...

I1 - 'de mineração e química'...

I2 - é... e se a gente colocar...

I3 - a gente pode apagar 'o químico' também... só 'mineração' que já...

I1 não... não... imagina... 'poluição'... 'mineração'... acho que é uma informação importante...

I3 - aham...

I2 - a ideia de 'polo'... acho que já... já não preciso nem colocar que é 'famoso'... entendeu?

I1 - não... mas o 'famoso é pela poluição'...

I2 - ah tá é!

I3 - 'com seus polos de...' aí fica estranho... seria 'pólos de mineração'... mas o 'químico'... fica meio...

I1 - é um 'polo'... é tipo um...

I2 - 'centro'...

I1 é um 'centro'...

I3 - não... é... mas...

I2 - 'centro químico'...

I1 'polo'...

I2 - é porque a gente ia colocar 'centro químico e de mineração'?

I3 - é...

I2 - 'centro de química e minérios'

I1 *a mining and chemicals centre*... uma 'região'?

I2 - não...

I1 - oh... 'polo'... pessoa... ponto... área... instalação... ou coisa entorno de que gravita... não... não é o caso... é... determinada atividade... é... pessoa... ponto... área... instalação... ou coisa entorno de que gravita ou onde ocorre determinada atividade importante ou centro de interesse... grupo de pessoas etc... 'centro'... exatamente 'centro'...

I3 - existe 'polo químico' também...

I1 - é...

I3 - então pode ser 'químico e de mineração'...

I1 - 'polo químico e de mineração... famoso por...' ah... vai... vai rimar...

I3 - aham...

I1 - 'famoso por sua poluição'...vai ser difícil tirar essa rima aí 'de mineração'...

I3 - então 'de mineração e química'... então...

I1 'polo'...

I3 - vai ficar estranho também...

I1 - vai ficar estranho também. é... *mining* ... *mining*... 'mineração'... 'mineração'... extração de minério... depuração de minérios extraídos de minas... 'mesmo na poluída Bitterfeld... polo químico de minério'? e aí galera? deu branco?

I3 - /I2 - rs...

I2 - é que é estranho né... tipo... 'polo' ou 'centro químico' e a outra coisa 'de' né... 'de mineração'... é que a palavra...

I1 'polo de mineração'...

I3 - aham...

I1 é isso que você achou estranho? 'polo de mineração'?

I2 - é... tipo colocar... 'polo químico e de mineração'... entendeu?

I1 hummm

I2 - mas não tem aí muita... muita opção... é isso mesmo... ah...deixa rimar rrsrsr

I1 tá...

I2 - 'famoso por sua poluição'...

I1 - ... ah...

I2 - é...

I1 - *well-dressed women*...

I2 - mesmo... mesmo... mesmo... ah... é que a gente usou 'poluída'... ali... não fica meio repetido?

I1 - fica...

I3 - talvez mudar esse... esse adjetivo 'poluída Bitterfeld'...

I1 - 'cinza'...

I3 - aham...

I1' - cinza Bitter... Bitterfeld'.... Ou a gente pode colocar... não. 'mesmo na cinza Bitterfeld... polo químico de mineração... famoso por sua poluição...

I3 - 'suja... suja'?

I1 - 'suja'? não sei... pode ser...

I3 - 'imunda' tem... aí fica muito exagerado...

I1 não... aí é demais...

I2 - 'imunda' fica pesado.

I1 - oi... *pollution*... 'poluição'... 'poluição'...é *pollution* é 'poluição'...

I2 - rrsrrs...

Linha 9 -----

I1 - *well-dressed womem from a nearby retirement home gather for a creamy coffee and gigantic pastries at a swiss-owned coffee shop*... 'senhoras bem vestidas'...

I3 - aham...

I2 - a gente pode botar 'mulheres'...

I1 - ah?

I1 - a gente pode botar 'mulheres'... às vezes... pode ser 'moças mais novas' né?

I1 - *...from a nearby retirement...*

I2 - ah... nãaaaao...

I1 - kkkk...

I2 - esquece...

I1 - kkk...

I2 - é 'senhoras bem vestidas... de uma...'

I3 - 'asilo'?

I2 - é tipo um 'asilo né?

I1 - 'de um asilo próximo'?

I2 - 'se reúnem'...

I3 - a impressão que eu tenho é que quando a gente tá fazendo junto... fica mais preso ao texto...

I1 - aham...

I3 - menos liberdade assim...

I2 - ah é...

I1 - é...

I3 - de criar...

I1 - é... a gente tá indo frase por frase... né...

I3 - aham...

I2 - ah... mas querendo ou não... vai sempre frase por frase... o importante é você ler... tipo assim... parágrafo e ter a ideia do parágrafo... para não se perder né... lá no...

I1 - aham...

I2 - mas querendo ou não é frase por frase mesmo...

I1 - é...

I2 - aí... numa revisão... né... a gente faz algumas modificações que não são presas a palavras...

Linha 1 -----

I1 - *gather for acreamy coffee and gigantic pastries...* o que que é *pastries* mesmo?

I2 - é 'folhado' né...

I1 - *pastries*...

I2 - é coisinha... acho que é 'coisinha folhada'...

I1 - *pastries*....é... 'bolo'? 'Confeitei...' 'Confeitaria'... 'confei...'

I2 - : é... coisi... 'coisinhas lá no geral de padaria' e 'quitutes' e 'quitutes'... por que gigantes quitu... *pastries*?

I1 - ...*at a Swiss-owned... coffee shop...*

I2 - 'se reúnem'...

I1 - 'café suíço'?

- I2 - 'numa cafeteria suíça'?
- I1 - 'em uma cafeteria suíça'
- I2 - 'para'...
- I1 - 'para tomar café' *creamy coffee*...
- I2 - é... tem uma rede... se chama 'café cremoso'... né?
- I1 - 'para tomar café'...
- I2 - rrsrrs...
- I2 - ah... eu... eu tiraria o *creamy* aí...
- I1 - eu também tiraria o *creamy*
- I2 - é
- I1 - é... eu acho que aqui no português não vai...
- I2 - é porque 'tomar café'... 'e comer'...?
- I1 - 'e devorar bolos gigantes' não
- I2 - não... é eu acho que vai ter que colocar o 'comer' né... ou não?
- I1 - 'saborear'?
- I2 - ah... sim
- I3 - o 'consumir' talvez serviria para os dois...
- I2 - ahhh...
- I3 - 'café' e o 'bolo'...
- I1 - agora vamos um sinônimo aqui...
- I3 - porque se colocar 'comer' não serve para 'café... se colocar beber...
- I2 - é... são dois...
- I1 - ... 'saborear' também pode 'café' e 'quitutes'...
- I3 - ... é...
- I2 - ... é verdade...
- I1 - 'café'
- I3 - fica mais no clima aí da frase... é 'saborear'... o tom que ele tá dando aí de...
- I1 - é... e o *gigantic*... a gente vai ignorar também?
- I2 - é... eu acho que também ignora...
- I1 - ah... não sei hein...
- I2 - será que tem alguma coisa em haver?

I1 - ah... acho que tem haver com essa coisa da fartura aí... que tem em todo o resto do texto... né?

I2 - ahhhh... sim...

I1 - 'fartos'...

I3 - o *creamy*... o *creamy* e o *gigantic*...

I1 - é... o *creamy* também...

I3 - talvez achar adjetivo para 'café' e pra... o que você colocou o quê? 'bolos' pra *pastries*...

I1 - 'quitutes'...

I2 - é porque 'quitutes' cabe 'docinhos'...

I1 - é...

I2 - coisinha de padaria né...

I1 - é...

I2 - é porque a gente vai colocar 'saborear'... porque poderia ser 'saborosos'...

I1 - aham...

I3 - pode ser 'enormes quitutes'...

I1 - 'enormes'...

I2 - bom...

I3 - e o 'café'?

I1 - 'enormes'... 'café'... 'saborear café'...

I2 - não 'saborear enormes quitutes e um cafezinho'...

I3 - e tá pouco... rsrs...

I1 - não... aí pô... coitado do 'café'...

I2 - não... mas tipo... 'toma um cafezinho né' ...porque café...

I1 - não... mas acho que um 'café' *creamy coffee* também é uma coisa grande...

I2 - ah!!! é... é sim...

I3 - 'enormes quitutes e cafés'...

I2 - é... 'caf...'

I3 - que aí 'enormes' serve para o dois também

I2 - ou 'bebi...' ... não 'bebidas'?

I1 tá... deixa eu ler 'mesmo na cinza Bitterfeld... polo químico de mineração e famoso por sua poluição... senhoras bem vestidas de um asilo próximo se reúnem numa cafeteria suíça para saborear enormes quitutes e cafés'... ficou bom hein?

I2 - ficou e essa *Newsweek* não precisa traduzir?

I1 não...

I2 - então leia do começo... aí...

I1 - tá 'Carros novos em folha aceleram pelas rodovias perfeitamente repavimentadas. Deslumbrantes paradas estão bem equipadas com lojas de conveniência super abastecidas e restaurantes *self-service*. Supermercados enormes... lojas de móveis e lojas de departamento tomam conta da paisagem da Alemanha Oriental e enormes guindastes se projetam pelo céu... no magnífico teatro neoclássico de Dresden todos os acentos são ocupados'...

I2 - acho que tem que ter uma vírgula aí viu? 'no magnífico' taram ram... 'de Dresden vírgula'... você colocou?

I1 - não... 'todos os acentos são ocupados... durante os intervalos' também vírgula?

I2 - é. ah! eu... eu tenho essa mania...

I1 - 'durante os intervalos...'

I1 - optativa...

I1 - '...os burgueses apreciam confortavelmente um champanhe francês'

I3 - só um instante... entre essas duas frases aqui tá dois pontos... aí tá o que?

I1 - dois pontos...

I3 - será que são duas frases diferentes do jeito que ficou... lê as duas

I1 - 'no magnífico teatro neoclássico de Dresden todos os acentos são ocupados'... pode ser ponto ou vírgula?

I2 - ah! é que eu vejo esses dois pontos aí como uma...

I1 - é...

I2 - informação...

I3 - extra...

I2 - extra... tu que tá falando antes...

I3 - aham...

I2 - porque esse pessoal tá lá né...

I1 - é...

I2 - eles que estão ocupando os acentos... acho que dá para manter até o ponto e vírgula...

I3 - aham...

I2 - acho que o ponto e vírgula têm um pouco dessa ideia... eu deixaria...

I3 - acho que no inglês serviu... mas no português não sei se fica meio estranho...

I2 - ah! é verdade... tem a coisa da língua... talvez o ponto e vírgula... né?

I1 - *Every seat is filled at Dresden neo-classical opera house...* é ele tá... ela tá... complementando mesmo...

I2 - a informação...

I1 - ...aqui né porque a *opera house* tá lotada...

I3 - aham...

I1 - por quem? por esses... por eles né...

I2 - acho que serve tanto um ponto e vírgula quanto um travessão

I1 - 'no magnífico teatro neoclássico de Dresden todos os acentos são ocupados...' '...durante os intervalos os burgueses apreciam confortavelmente...'

I3 - 'onde... durante os intervalos... burgueses' não sei...

I2 - ai... acho que não precisaria da... só uma vírgula...

I1 - é... só... 'onde vírgula durante os intervalos vírgula...'

I2 - aham...

I1 - 'os burgueses apreciam confortavelmente um champanhe francês...' ...

I2 - ficou bom...

I3 - ou então 'durante os intervalos' tira o uso da vírgula no meio e bota lá no final... onde por...

I1 - 'no magnífico teatro neoclássico de Dresden'... vírgula... 'todos os acentos são ocupados...' acho que não... 'no magnífico teatro neoclássico de Dresden vírgula todos os acentos são ocupados onde...'

I2 - não... não faz sentido...

I1 - 'os burgueses apreciam confortavelmente um champanhe francês...' '

I2 - não... não ficou bom...

I1 - acho que 'onde durante os intervalos'... 'no magnífico teatro neoclássico de Dresden...' ...

I3 - ou a gente inverter essa frase... a primeira 'no magnífico...'

I1 - é...

I3 - se... voltasse ela

I1 - espera aí... eu tive uma ideia...

I2 - vai... termina a sua...

I3 - se invés fosse 'no magnífico teatro neoclássico de Dresden...' colocasse 'todos os assentos são ocupados no magnífico teatro... taram... ram... Dresden... onde todos os burgueses...'

I1 - oh... oh a minha sugestão... eh... 'No magnífico teatro de Dresden... estava' não... eu pensei em falar que ele fica lotado...

I3 - aham...

I1 - mas não... não... não vai encaixar aí... 'todos' oh... 'no magníf...' do jeito que tá 'no magnífico teatro neoclássico de Dresden todos os acentos são ocupados onde...'

I3 - não... então..., mas se botasse...

I2 - eu acho que esse 'onde' tá meio perdido aqui no meio...

I1 - é... eu também acho...

I3 - e se invertesse essa primeira...

I1 - 'todos os acentos'...

I3 - 'todos os acentos ocupados no magnífico teatro de Dresden vírgula onde...'

I2 - 'onde'...

I3 - aí o 'onde' fica ligado com... com...

I2 - ah... tá... aí vai ficar... a frase vai ficar bem parecida como o texto aqui né... *every seat is filled...*

I3 - aham...

I1 - tá... 'todos os acentos são ocupados no magnífico teatro clássico de Dresden...'

I2 - 'onde'...

I1 - vírgula?

I2 - é...

I1 - ponto? vírgula?

I3 - vírgula 'onde...' ...

I1 - 'onde virgula durante os intervalos'...

I1 /I2 - 'vírgula'...

I1 - 'os burgueses apreciam confortavelmente o champanhe francês'...

I2 - é... agora ficou bom...

I3 - e se botasse... o 'durante o intervalo' no final? 'onde burgueses saboreiam magnífico champanhe francês durante os intervalos'...

I2 - eu acho que...

I1 - exatamente como esta no inglês... 'todos os acentos são ocupados no magnífico teatro neoclássico de Dresden vírgula onde os burgueses apreciam confortavelmente um champanhe francês durante os intervalos'...

I3 - 'onde burgueses' em vez de 'onde os burgueses'...

I1 - o que você acha I2?

I2 - tá bom assim?

I1 - 'todos os acentos são ocupados no magnífico teatro neoclássico de Dresden vírgula onde burgueses apreciam confortavelmente um champanhe francês durante os intervalos'... tá bom...

I3 - tá... sou chato né? 'são'... em vez de 'são' se fosse 'estão'

I2 - não... não eu...

I3 - o 'são' é mais permanente...

I2 - é... é... eu... eu tive essa... essa sensação assim...

I1 - é 'todos os assentos estão ocupados' seria uma descrição de uma cena mesmo... né...

I2 - de um momento porque oh a gente está descrevendo um canário... né...

I1 - é...

I2 - tem que ver se concorda com as outras frases também... nem pensei nisso... oh 'carros novos em folha aceleram...' né...

I1 - /I3 - aham...

I2 - ah existem... sei lá como que é? 'paradas estão...' a gente colocou 'estão'?

I1 - aham...

I2 - dá para padronizar isso daí...

I1 - 'proporção' então aqui...

I2 - aham...

I1 - 'deslumbrantes paradas são bem equipadas'

I2 - é que o 'estão' acho que tá melhor...

I1 - é...

I3 - então mantenha o estar... no texto todo... 'estão'... 'estar'...

I2 - é... é porque ali tá *come equipped* e esse *is* pode ser tanto um quanto outro né?

I1 - é... 'todos os assentos estão ocupados'... é eu também acho que... que o 'são' aqui dá um sentido mais atemporal...

I2 - vamos... manter então

I3 - você que o 'são' fica melhor?

I1 - aham...

I3 - aham...

I1 - 'mesmo na cinza Bitterfeld polo químico de mineração famoso por sua poluição senhoras bem vestidas de um asilo próximo se reúnem numa cafeteria suíça para saborear enormes quitutes e cafés'...

I2 - ficou ótimo!

I2 - /I3 - ficou bom...

I2 - é...

I1 - uma coisa que me incomodou aqui é... 'deslumbrantes paradas estão bem equipadas

I3 - aham...

I1 - '... com lojas de conveniência super abastecidas' tem muito 'das'... 'das'...

I2 - 'das' 'equipadas'... 'abastecidas'...

I3 - esse aqui 'paradas'...

I1 - 'paradas deslumbrantes'...

I3 - não tem sinal né?

I2 - é... talvez dá para inverter...

I1 - 'paradas deslumbrantes... estão bem equipadas com lojas de conveniência super abastecidas e restaurantes *self-service*'

I3 - 'deslumbrantes e bem equipadas paradas'

I1 - mas é que elas estão 'bem equipadas'

I2 - é...

I1 - com lojas de conveniência...

I2 - aham...

I3 - é... não rola mas...

I1 acho que tá bom né... eu tô com fome sabia? rsrs...

I2 - tá... ok... rsrsrs...

I1 - 'Carros novos em folha aceleram pelas rodovias perfeitamente repavimentadas. Paradas deslumbrantes estão bem equipadas com lojas de conveniência super abastecidas e restaurantes *self-service*. Supermercados enormes... lojas de móveis e lojas de departamento tomam conta da paisagem da Alemanha Oriental e enormes guindastes se projetam pelo céu.'

I3 - '...enormes supermercados...'

I1 - '...onde enormes guindastes...' Ah?

I3 - 'enormes supermercados'

I2 - ah é... você repetiu o 'enormes' né...

I1 - ah! é...

I2 - coloca 'grandes'... 'grandes guindastes' vai ficar legal...

I1 - é...

I2 - 'gigantes'? 'supermercados gigantes'...

I1 - *enormous*...

I3 - 'gigantescos'...

I2 - 'gigantescos'...

I1 - 'gigantescos'... qual? ...

I2 - no supermercado (ela boceja)

I1 - ou 'gigantescos guindastes'?

I3 - tem 'imenso' também... só para a gente ter uma alternativa...

I1 - 'supermercados enormes... lojas de móveis e lojas de departamento'... detalhe... o 'enorme' pode tá alterando todas essas lojas... né...

I3 - bota logo no início... logo no início ele vai servir para todos ...

I1 - é... 'enormes supermercados'...

I2 - é... eu acho que é para todos mesmo.

I1 - é....

I3 - 'enormes supermercados...'

I1 - /I3 - 'lojas de móveis'...

I1 - 'e lojas de departamento tomam conta da paisagem da Alemanha Oriental e guindastes gigantes se projetam pelo céu'...

I3 - e se botasse 'com'?

I1 - 'com'?

I3 - 'gigantescos guindastes se projetando'... 'projetando-se'.

I1 - 'vírgula com gigantescos guindastes...'

I3 - 'projetando-se ou se projetando' qual que é?

I1 - 'com gigantescos guindastes projetando-se pelo céu'...

I3 - ou 'erguendo-se'?

I1 - 'enormes supermercados... lojas de móveis e lojas de departamento tomam conta da paisagem da Alemanha Oriental com gigantescos guindastes projetando-se pelo céu'.

I2 - 'com gigantescos' 'com gi...' ah tá...

I1 - 'com gigantescos guindastes projetando pelo céu'

I2 - é... acho que fica melhor 'se projetando'

I3 - é 'se projetando' ou 'projetando-se'?

I1 - bom... tanto faz...

I3 - tanto faz...

I2 - mas eu acho melhor...

I1 - nesse caso tanto faz...'com gigantescos guindastes projetando pelo céu. Todos os assentos são ocupados no magnífico teatro neoclássico de Dresden onde burgueses apreciam confortavelmente um champanhe francês durante os intervalos... mesmo na cinza Bitterfeld... polo químico de mineração... famoso por sua poluição... senhoras bem vestidas de um asilo próximo se reúnem numa cafeteria suíça para saborear enormes quitutes e cafés'...

I3 - esse 'um champanhe'

I1 - tá... ok...

I3 - que tirasse o 'um'

I1 - 'Todos os assentos são ocupados no magnífico teatro neoclássico de Dresden onde burgueses apreciam confortavelmente champanhe francês'

I3 - é... fica meio estranho...

I2 - fica estranho...

I1 - 'um champanhe' é... eu também acho estranho...

I3 - é... o 'um' fica melhor...

I1 - falta um...

I2 - um artigo aí...

I1 - um artigo é...

I1 - 'durante os intervalos...

I2 - é tá indefinido né... então acho que tá bom...

I1 - é...

I3 - aham...

I1 - acho que deu né?

I2 - fechou?

I1 - fechou?

I2 - você que que te envie?

I2 - leia uma última vez aí...

I1 - 'Carros novos em folha aceleram pelas rodovias perfeitamente repavimentadas. Paradas deslumbrantes estão bem equipadas com lojas de conveniência super abastecidas e restaurantes *self-service*... enormes supermercados... lojas de móveis e lojas de departamento tomam conta da paisagem da Alemanha oriental com gigantescos guindastes projetando pelo céu... todos os assentos são ocupados no magnífico teatro neoclássico de Dresden onde burgueses apreciam confortavelmente um champanhe francês durante os intervalos... mesmo na cinza Bitterfeld... polo químico de mineração... famoso por sua poluição. Senhoras bem vestidas de um asilo próximo se reúnem em uma cafeteria suíça para saborearem enormes quitutes e cafés'...

I3 - oh... tá tudo com... com adjetivo... só o restaurante que ficou sem... porque a gente esqueceu do *gleaming* aí...

I1 - é...

I3 - e... me soou um pouco estranho...

I1 - eu também a... eu concordo com você...

I1 - restaurantes *self...self-service*'?

I1 - é... a gente poderia botar um adjetivo...

I3 - 'brilhante'?

I1 - ...no final aqui... 'restaurantes *self-service* brilhantes...

I3 - 'com brilhantes restaurantes *self-service*'

I2 - é... dá a ideia de tá 'limpo' também né...

I1 - aham... tá...vamo ver então é... 'Paradas deslumbrantes estão bem equipadas com lojas de conveniência super'... 'lojas de conveniência super abastecidas e brilhantes restaurantes...?'

I2 - huum...

I3 - '*self-service*'...

I1 - mas aí rimou... 'brilhantes' 'restaurantes'...

I3 - então vamo achar outro...

I1 - 'restaurantes *self-service* brilhantes'... não... brilhantes não fica bom não...

I3 - eu acho que o adjetivo... matem no início... mas acha um outro sinônimo

I1 - aham...

I2 - acha um sinônimo aí... I3 - para nós es...

I1 - 'brilhante'...

I3 - tem 'iluminado... vívido... radiante... ostensivo... ofuscante... resplandecente... reluzente... luzente... lustroso... cintilante'

I1 - 'luminoso'?

I3 - 'luminoso'...

I3 - 'luminosos restaurantes *self-service*'...

I1 - aham...

I3 - legal...

I2 - é...

I3 - faz parte de todo este exagero...

I2 - dá ideia da fachada também né...

I1 - então... 'paradas deslumbrantes estão bem equipadas com lojas de conveniência super e luminosos restaurantes *self-service*'... fechou...

I3 - vamos ler de novo se não... não vai prestar... kkkk

I2 - color...

I3 - kkkkk

I1 - deixa eu beber uma água...

I2 - você vai ter que transcrever tudo isso?

I1 - tô com dor de garganta...

I3 - eu acho que ficou... ficou legal né?

I2 - é... mas não adianta... cada releitura que fizer...

I1 - é...

I2 - a gente vai querer mudar alguma coisa...

I1 - é... ta...vamo lá... 'carros novos em folha aceleram pelas rodovias perfeitamente repavimentadas... paradas deslumbrantes estão bem equipadas com lojas de conveniência super abastecidas e luminosos restaurantes *self-service*... enormes supermercados... lojas de móveis e lojas de departamento tomam conta da paisagem da Alemanha Oriental com gigantes'... 'com gigantescos guindastes se projetando pelo céu... todos os assentos são ocupados no magnífico teatro neoclássico de Dresden onde burgueses apreciam confortavelmente um champanhe francês durante os intervalos... mesmo na cinza Bitterfeld... polo químico e de mineração... famoso por sua poluição... senhoras bem vestidas de um asilo próximo... se reúnem em uma cafeteria suíça para saborearem enormes quitutes e cafés.' ...

I1 - fechou...

I3 - ficou legal...

APÊNDICE 5 - RESPOSTAS DADAS NO QUESTIONÁRIO

Questão número 1	
Que experiência prática de tradução possui?	
Oficina 1	
I1	Não respondeu.
I2	Atuo como tradutor e intérprete freelance desde 1999 para diversas áreas e fins.
I3 -	Eu traduzo legendas para filmes e séries.
Oficina 2	
I1	Fui aluna voluntária na tradução de poesias do português para o italiano na universidade e traduções de jornais e textos na web do inglês para o português.
I2	Apenas traduções de textos para trabalhos pessoais e traduções de abstracts para terceiros.
I3 -	Não respondeu.
Oficina 3	
I1	<p>Trabalhei exclusivamente como tradutora/revisora de 1998 até 2008. De 2008 a 2017 trabalhei como tradutora e gerente de projetos em uma agência de traduções.</p> <p>Áreas de experiência:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tradução de textos técnicos na área de tecnologia da informação: manuais, software, marketing, sites. • Tradução e revisão de textos nas áreas de: telecomunicações; comandos de voz; TI; marketing; textos acadêmicos; resumos de teses e artigos de diversas áreas. • Tradução e revisão de textos nas áreas: sinopses de filmes e séries, marketing, TI, mecânica, sites, manuais de diversos produtos.
I2	Não respondeu.
I3	Já fiz tradução audiovisual, mais especificamente tradução de legendas inter e intralinguais para vídeos de plataformas digitais e peças de teatro. Nunca trabalhei profissionalmente com tradução.

Questão número 3	
Quais os desafios de ter produzido uma versão única no grupo?	
Oficina 1	
I1	Não respondeu.
I2	Para mim o principal é muitas vezes manter um termo ou versão com o qual você discorda, porém, como trata-se de um trabalho em grupo, o que vai para o papel é o voto da maioria.
I3	Consigo lembrar de dois desafios: vergonha de falar minhas ideias e, principalmente, ter que chegar a um consenso. Tipo, depois de pensar bastante eu sabia como queria traduzir, mas tinha que conversar com os outros. Como ninguém era "líder", a democracia reinava, e isso deixava o processo demorado.
Oficina 2	
I1	Na troca colaborativa nos deparamos com alguns desafios inevitáveis, dentre eles, o processo da tomada de decisão, dificuldades de encontrar o termo para recriar a ideia ou situação na língua de chegada, estilo de linguagem, e a escolha de utilizar uma estratégia para a tradução.
I2	Chegar a um consenso sobre determinados termos.
I3	Não respondeu.
Oficina 3 -	
I1	Minha maior dificuldade na oficina foi ter que tomar as decisões em pouco tempo, sem um momento mais longo para reflexão individual. Outro desafio é lidar com opiniões divergentes e saber o momento de insistir na minha escolha ou ceder para adotar a escolha dos colegas.
I2	Não respondeu.
I3	Negociar uma solução para um objetivo subjetivo como é a tradução. Às vezes é difícil chegarmos a uma solução que nos satisfaça traduzindo sozinhos, imagina em grupo.

Questão número 4	
Quais os desafios de utilizar TAP? Já conhecia o protocolo?	
Oficina 1	
I1	Não respondeu.
I2	A heterogeneidade da experiência dos membros do grupo. Enquanto tradutores mais experientes concentram-se nas soluções encontradas, os menos experientes tendem a ficar divagando sobre as soluções encontradas, o que acaba atrasando muito o trabalho.
I3	Acho que o maior desafio é você ter que externalizar decisões e processos mentais que normalmente ocorrem muito rápido no cérebro, mas que quando você tem que falar demoram mais e parecem complicados. Não conhecia o protocolo.
Oficina 2	
I1	Não respondeu.
I2	Não conhecia. Não recordo de desafios grandes...
I3	Não respondeu.
Oficina 3 -	
I1	Não me lembro de ter usado TAP anteriormente. O desafio está justamente em verbalizar os processos mentais da tradução, já que depois de tantos anos traduzindo, muitos desses processos se tornaram praticamente "automáticos".
I2	Não respondeu.
I3	Creio que o maior desafio seja a negociação sobre se chegar a um consenso sobre a melhor tradução. Conhecia o TAP de artigos de pesquisas em tradução, mas nunca havia participado de uma experiência que o utilizasse.

ANEXO 1 – TEXTO DE ORIGEM

(The situation: After the reunification of West and East Germany there is a new richness and splendour to be observed in East Germany).

Sleek new cars speed along straightened and repaved Autobahns. Shiny service stations come equipped with well-stocked convenience stores and gleaming self-service restaurants. Enormous supermarkets, furniture stores and shopping emporiums dot the east German landscape, and giant cranes stand tall against the sky. Every seat is filled at Dresden's magnificent neo-classical opera house: comfortable burghers sip French champagne during the intermissions. Even in grimy Bitterfeld, a mining and chemicals centre notorious for its pollution, well-dressed women from a nearby retirement home gather for creamy coffee and gigantic pastries at a Swiss-owned coffee shop. (*Newsweek*, February 28, 1994:14)

ANEXO 2 – TRADUÇÃO DA OFICINA 1

Carros novos e brilhantes aceleram pelas rodovias alemãs, expandidas e repavimentadas. Reluzentes postos de gasolina surgem equipados com bem servidas lojas de conveniência e cintilantes restaurantes self-service. Enormes supermercados, lojas de móveis e empórios despontam na paisagem do leste da Alemanha, enquanto guindastes gigantes se erguem imponentes contra o céu. Todos os lugares estão ocupados na majestosa ópera neoclássica de Dresden, onde uma classe média à vontade saboreia champanhe francês nos intervalos. Mesmo na cinzenta Bitterfeld, notória pela poluição causada pelas indústrias químicas e de mineração, senhoras elegantes de um asilo das proximidades se reúnem em uma confeitaria de proprietários suíços para um café com chantilly acompanhado de uma generosa fatia de torta.

ANEXO 3 - TRADUÇÃO DA OFICINA 2

Novos carros luzentes andam, ao longo de retas e repavimentadas rodovias. Brilhosas estações de serviço bem equipadas com lojas de conveniência bem abastecidas e luxuosos restaurantes self-service. Supermercados enormes, lojas de móveis e empórios despontam na paisagem do leste da Alemanha, gigantes guindastes se levantam contra o céu. Todos os lugares da magnífica Dresden, casa de ópera neoclássica, é ocupado, onde confortavelmente os burgueses tomam champanhe francês durante o intervalo. Até mesmo na suja cidade de Bitterfeld, um centro de mineração e química, reconhecida por sua poluição, mulheres bem vestidas na vizinhança, se encontram para um café da tarde na cafeteria suíça.

ANEXO 4 – TRADUÇÃO DA OFICINA 3

Carros novos em folha aceleram pelas rodovias perfeitamente repavimentadas. Paradas deslumbrantes estão bem equipadas com lojas de conveniência super abastecidas e luminosos restaurantes self-service. Enormes supermercados, lojas de móveis e lojas de departamento tomam conta da paisagem da Alemanha oriental, com gigantescos guindastes se projetando pelo céu. Todos os assentos são ocupados no magnífico teatro neoclássico de Dresden, onde burgueses apreciam confortavelmente um champanhe francês durante os intervalos. Mesmo na cinza Bitterfeld, polo químico e de mineração famoso por sua poluição, senhoras bem vestidas de um asilo próximo se reúnem em uma cafeteria suíça para saborear enormes quitutes e cafés.